

WELTON PEREIRA DE MENDONÇA

**LÍNGUA, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO ESPAÇO URBANO: A
HETEROGENEIDADE NO IMAGINÁRIO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA**

**UBERLÂNDIA
2021**

WELTON PEREIRA DE MENDONÇA

**LÍNGUA, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO ESPAÇO URBANO: A
HETEROGENEIDADE NO IMAGINÁRIO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguagem, sujeito e discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti.

**UBERLÂNDIA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M539I Mendonça, Welton Pereira de, 1978-
2021 Língua, fotografia e produção discursiva do espaço urbano [recurso eletrônico] : a heterogeneidade no imaginário do município de Uberlândia / Welton Pereira de Mendonça. - 2021.

Orientadora: Simone Tiemi Hashiguti.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.8012>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Hashiguti, Simone Tiemi, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado - PPGEL				
Data:	Trinta de setembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	11922ELI027				
Nome do Discente:	Welton Pereira de Mendonça				
Título do Trabalho:	Língua, fotografia e produção discursiva do espaço urbano: A heterogeneidade no imaginário do município de Uberlândia				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, ensino e sociedade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Língua(gem) e/como acolhimento				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Érica Daniela de Araújo - (CEFET); Greciely Cristina da Costa - (UNICAMP) e Simone Tiemi Hashiguti - (UFU), orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Simone Tiemi Hashiguti, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Tiemi Hashiguti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/09/2021, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Greciely Cristina da Costa, Usuário Externo**, em 30/09/2021, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Érica Daniela de Araújo, Usuário Externo**, em 30/09/2021, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3073276** e o código CRC **CB68516B**.

Referência: Processo nº 23117.063739/2021-53

SEI nº 3073276

Dedico esta dissertação a todos(as) aqueles(as) que acreditam no poder transformador do ser humano por meio da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente a Deus, nosso Pai e Criador, que me concedeu as forças necessárias para chegar à conclusão desta dissertação. Foi Ele o meu sustentáculo nos momentos de dificuldades e de maiores desafios.

Aos meus pais, João Pereira do Carmo e Maria Furtado de Mendonça – esteios em minha formação que, mesmo semialfabetizados, sempre consideraram a educação como forma de crescimento pessoal e profissional.

Às minhas irmãs, Divina, Cida e Maria Eterna, todas pedagogas, que em diversos momentos, foram responsáveis para que eu tivesse a certeza de que estava no caminho certo.

Ao Centro Universitário do Triângulo – Unitri, local onde trabalho há 18 anos, de forma especial, aos colegas de trabalho, pelo incentivo durante todo o percurso do mestrado.

À Universidade Federal de Uberlândia – UFU, pela acolhida desde o momento do meu ingresso ao curso de graduação em Letras: a forma humana com que a UFU acolhe seus/suas alunos(as) faz toda a diferença, como fez para mim.

Ao Instituto de Letras e Linguística – ILEEL – da UFU, pela competência com que toda a equipe trabalha para que os(as) alunos(as) vinculados(as) ao Instituto se tornem, de fato, pesquisadores(as).

Ao Prof. Dr. José Simão Silva Sobrinho, pela confiança nas possibilidades visualizadas em meu projeto e por, durante o percurso em que foi meu orientador, ter contribuído sobremaneira para minha formação enquanto pesquisador em análise de discurso.

À Prof.^a Dra. Simone Tiemi Hashiguti, por ter aceitado o desafio de assumir o processo de orientação de minha pesquisa, em um momento tão importante de finalização da dissertação. A sua paciência, somada à sua habilidade em ensinar e em orientar, fizeram toda a diferença!

Aos colegas, alunos(as) do ILEEL, em especial, à Raquel – aluna do doutorado e à Realina – aluna do mestrado: não fomos apenas colegas de Instituto e partilhamos por um período o mesmo orientador, mas fomos companheiros(as) de caminhada, “onde um(a) estava sempre procurando ajudar o(a) outro(a)”, principalmente, nos momentos de maiores desafios.

Às Professoras Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini e Dra. Julie Kellen e Campos Borges, pela disponibilidade na leitura do texto da dissertação, em construção, e participação

na banca de qualificação da dissertação. As contribuições apresentadas por vocês foram de grande valia para a continuidade das pesquisas e conclusão do texto final.

Às Professoras Dra. Greciely Cristina da Costa e Dra. Érica Daniela de Araújo por terem aceitado fazer a leitura do texto final e participar na banca de defesa da dissertação.

Enfim... agora, posso afirmar: “tudo valeu a pena”!

CONSTRUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego

[...]

Chico Buarque de Holanda

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre os discursos e os sentidos constitutivos do espaço urbano de Uberlândia – MG. Para tanto, o *corpus* de análise utilizado na pesquisa é composto por fotografias e informações adicionais de dois *Guias* da cidade e por fotografias e informações complementares publicadas em outras mídias jornalísticas, do município de Uberlândia e cidades da região. Em nossa análise, compreendemos que o discurso urbano praticado nos materiais analisados se constitui por duas posições discursivas, dialógicas e contraditórias entre si, dado que dividem e organizam o espaço diferentemente: se nos *Guias* a cidade é objetivada como modelo de urbanismo, turismo, inovação, empreendedorismo; nos outros materiais, é uma outra cidade que se nos apresenta. Essas construções discursivas instigam-nos a analisar a heterogeneidade discursiva e seus efeitos no imaginário da cidade e na constituição do sujeito, abrindo discussão para a compreensão da construção do espaço urbano. Buscando compreender essa dispersão de sentidos, o presente estudo objetiva, sob a perspectiva da Análise de Discurso, formulada inicialmente, por Michel Pêcheux e continuada por seus seguidores, compreender a heterogeneidade discursiva em funcionamento nos *Guias* e nas mídias jornalísticas analisadas, os ditos e não ditos e o que ganha visibilidade em cada materialidade, produzindo o imaginário urbano e seu funcionamento político nas relações do sujeito com a cidade. Em vista da perspectiva teórica adotada, consideramos a relação entre ideologia e inconsciente, sendo que a língua é a base material do discurso, entendido como instância material da ideologia, praticado por sujeitos, que assumem diferentes posições discursivas. A posição discursiva se inscreve, constitutivamente, no complexo das formações discursivas e das formações ideológicas relacionadas. Acerca da fundamentação teórica mais específica sobre imagem e discurso, vemos a fotografia como materialidade do discurso em autores como Soulages (2010), Barthes (2018), Sontag (2004), Lagazzi (2020), Hashiguti (2012, 2016, 2020) e Souza (2001). Já para compreender e identificar a heterogeneidade discursiva do município, consideramos o conceito de heterogeneidade discursiva de Orlandi (2012) e nos sustentamos, também, em Pêcheux (2014a, 2014b, 2015), que demonstra preocupação central com o discurso em funcionamento. Entendemos que o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem, ou seja, é constituído com a linguagem em funcionamento, considerando a história dos sujeitos, com suas contradições, equívocos e apagamentos. Consideramos que o discurso político está na significação do espaço urbano, presente na significação, pois a significação é construída pelos sujeitos ao longo da história, e essa não lhes é transparente, mas está incorporada pelo imaginário e pelo político que a constitui. Compreendemos que, ao se analisar o espaço urbano, o analista de discurso busca identificar memórias históricas e políticas dos sujeitos que habitam o município, abrindo caminhos para se pensar a atualidade, os efeitos de sentidos, os efeitos metafóricos, as condições de produção, o processo discursivo, as formações imaginárias, as relações de sentidos, as relações de força e a antecipação que significam os sujeitos, não sendo possível descartar, na análise do espaço e do político, a história da cidade e seu imaginário urbano.

Palavras-chave: Discurso Urbano. Fotografia. Imaginário. Significação.

RESUMEN

Esta disertación presenta un estudio sobre los discursos y significados que constituyen el espacio urbano en Uberlândia - MG. Por tanto, el corpus de análisis utilizado en la investigación está compuesto por fotografías e información adicional de dos guías de ciudad y fotografías e información adicional publicada en otros medios periodísticos, del municipio de Uberlândia y ciudades de la región. En nuestro análisis, entendemos que el discurso urbano practicado en los materiales analizados está constituido por dos posiciones discursivas, dialógicas y contradictorias, ya que dividen y organizan el espacio de manera diferente: si en las Guías se objetiva la ciudad como modelo de urbanismo, el turismo, innovación, espíritu empresarial; en los demás materiales, es otra ciudad que se nos presenta. Estas construcciones discursivas incitan a analizar la heterogeneidad discursiva y sus efectos sobre el imaginario de la ciudad y sobre la constitución del sujeto, abriendo una discusión para entender la construcción del espacio urbano. Buscando comprender esta dispersión de significados, este estudio tiene como objetivo, desde la perspectiva del Análisis del Discurso, inicialmente formulado por Michel Pêcheux y continuado por sus seguidores, comprender la heterogeneidad discursiva que opera en las Guías y en los medios periodísticos analizados, tanto dichos como no dichos y lo que gana visibilidad en cada materialidad, produciendo el imaginario urbano y su funcionamiento político en las relaciones del sujeto con la ciudad. A la vista de la perspectiva teórica adoptada, consideramos la relación entre ideología e inconsciente, siendo el lenguaje la base material del discurso, entendido como instancia material de la ideología, practicada por sujetos que asumen diferentes posiciones discursivas. La posición discursiva está inscrita constitutivamente en el complejo de formaciones discursivas y formaciones ideológicas relacionadas. En cuanto al fundamento teórico más específico sobre la imagen y el discurso, vemos la fotografía como una materialidad del discurso en autores como Soulages (2010), Barthes (2018), Sontag (2004), Lagazzi (2020), Hashiguti (2012, 2016, 2020) y Souza (2001). Para comprender e identificar la heterogeneidad discursiva del municipio, consideramos el concepto de heterogeneidad discursiva de Orlandi (2012) y también nos apoyamos en Pêcheux (2014a, 2014b, 2015), que demuestra una preocupación central por el discurso en funcionamiento. Entendemos que el imaginario es parte del funcionamiento del lenguaje, es decir, se constituye con el lenguaje en funcionamiento, considerando la historia de los sujetos, con sus contradicciones, malentendidos y supresiones. Consideramos que el discurso político está en el significado del espacio urbano, presente en el significado, ya que el significado es construido por los sujetos a lo largo de la historia, y esto no les es transparente, pero es incorporado por la imaginación y por el político. que lo constituye. Entendemos que, al analizar el espacio urbano, el analista del discurso busca identificar las memorias históricas y políticas de los sujetos que habitan la ciudad, abriendo formas de pensar el presente, los efectos de los significados, los efectos metafóricos, las condiciones de producción, el proceso discursivo, las formaciones imaginarias, las relaciones de significados, las relaciones de fuerza y la anticipación que significan los sujetos, y no es posible descartar, en el análisis del espacio y la política, la historia de la ciudad y su urbanismo. imaginario.

Palabras clave: Discurso urbano. Fotografía. Imaginario. Sentido.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Brasil que apresenta a localização do município de Uberlândia.....	04
Figura 2 – Fotografia da cidade de Uberlândia	22
Figura 3 – Fotografia da Ocupação Glória, em Uberlândia	24
Figura 4 – Fotografia da cidade de Uberlândia	27
Figura 5 – Fotografia aérea da cidade de Uberlândia.....	28
Figura 6 – Fotografia do Museu Municipal de Uberlândia	45
Figura 7 – Fotografia de uma operação militar em baile funk na cidade de Uberlândia	46
Figura 8 – Fotografia de uma apresentação de congado na cidade de Uberlândia.....	48
Figura 9 – Fotografia de defesa de tese na Universidade Federal de Uberlândia	49
Figura 10 – Fotografia de apresentação do Guia de Uberlândia de 2015	54
Figura 11 – Fotografia de apresentação do Guia de Uberlândia de 2019	56
Figura 12 – Fotografia aérea da cidade de Uberlândia.....	57
Figura 13 – Fotografia que mostra a violência em Uberlândia	59
Figura 14 – Fotografia que mostra um lixão a céu aberto em bairro de Uberlândia.....	61
Figura 15 – Fotografia de grupo que se mobiliza pedindo construção de praça em Uberlândia..	62
Figura 16 – Fotografia de pessoas em busca de emprego na unidade do Sine em Uberlândia	64
Figura 17 – Fotografia que apresenta Uberlândia como modelo de crescimento sustentável.....	72
Figura 18 – Fotografia que mostra o descarte de esgoto nos Córregos Lagoinha e Uberabinha .	74
Figura 19 – Fotografia que mostra a fachada principal do Mercado Municipal	76
Figura 20 – Fotografia que apresenta um box interno do Mercado Municipal	78
Figura 21 – Fotografia que apresenta a área interna do Mercado Municipal.....	79
Figura 22 – Fotografia que mostra o uso de tecnologia no sistema de comunicação	80
Figura 23 – Fotografia que apresenta Uberlândia como cidade inteligente e humana.....	81
Figura 24 – Fotografia que apresenta o uso de computadores para o ensino remoto.....	82
Figura 25 – Fotografia que mostra o Terminal Rodoviário de Uberlândia	84
Figura 26 – Fotografia que mostra andarilho espancado próximo à Rodoviária de Uberlândia ..	85
Figura 27 – Fotografia que mostra o aeroporto da cidade de Uberlândia	87
Figura 28 – Fotografia que mostra a pista do aeroporto da cidade de Uberlândia.....	88
Figura 29 – Fotografia que apresenta a educação em Uberlândia no Guia de 2015	97
Figura 30 – Fotografia que apresenta atividades educacionais no Guia de 2019.....	99
Figura 31 – Fotografia que apresenta momento de refeição escolar no Guia de 2019	101
Figura 32 – Fotografia que mostra problemas nas escolas públicas municipais de Uberlândia ..	103
Figura 33 – Fotografia com apresentação da cidade de Uberlândia.....	106

Figura 34 – Fotografia que apresenta Uberlândia como cidade internacional no Guia de 2019..	107
Figura 35 – Fotografia que apresenta capa externa do Guia de 2015	108
Figura 36 – Fotografia que apresenta capa externa do Guia de 2019	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. A SIGNIFICAÇÃO NA ANÁLISE DE DISCURSO: O ESPAÇO URBANO.....	13
1.1. Saber urbano: a cidade como espaço simbólico	20
2. A QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS SOBRE FOTOGRAFIA	31
3. A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA NOS <i>GUIAS</i> E EM MÍDIAS JORNALÍSTICAS E DE NOTÍCIAS NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA.....	50
4. O IMAGINÁRIO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA NOS <i>GUIAS</i> E EM MÍDIAS JORNALÍSTICAS.....	65
5. O POLÍTICO NA SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

Enquanto morador de Uberlândia, que vem acompanhando o crescimento do município, ao longo dos anos, em vários aspectos (geográfico, populacional, comercial, prestação de serviços, tecnologia disponível à população, dentre outros), seja pelas informações que nos chegam por meio da mídia em geral, seja por situações observadas pelo analista que produz esta dissertação, vimos circulando sentidos bastante diferentes, produzidos por distintas instituições, sobre o município. Primeiramente, para contextualizar a localidade de onde escrevemos e que é o nosso tema de interesse neste estudo, marcamos, na Figura 1, a nossa localização geográfica e, na sequência, trazemos as informações disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o município.

Figura 1 – Mapa do Brasil que apresenta a localização do município de Uberlândia



Fonte: IBGE (2019).

Como podemos perceber pelo mapa, Uberlândia fica bem a oeste do Estado de Minas Gerais e no meio do caminho entre as cidades metropolitanas de São Paulo e Brasília, a 600 quilômetros de cada uma delas. Essa localização é significativa para o crescimento da cidade como ponto mediano entre as metrópoles, pois se torna um outro centro urbano de referência nesse grande espaço, ao redor da qual orbitam as várias cidades menores da região.

De acordo com o último censo¹ disponível, realizado em 2010, o município de Uberlândia possuía uma população de 604.013 pessoas, com estimativa, para 2019, de 691.305 pessoas e densidade demográfica de 146,78 habitantes por quilômetro quadrado. Com relação à ocupação de trabalho e de rendimentos, o salário mensal dos trabalhadores formais era de 2,7 salários mínimos, o que representava um percentual de 35,6 % de ocupação da população. No que se refere à educação, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, era de 98%, com matrículas no ensino fundamental e no ensino médio. Quanto à economia, o PIB² per capita era de R\$ 44.585,36 e o IDHM³ de 0,789. Pela descrição, Uberlândia é um município de grande porte, cuja infraestrutura conta com grandes hospitais, universidades, indústrias e empresas.

Acompanhando as informações disponibilizadas na cidade, principalmente por meio de textos jornalísticos publicados pelo jornal “Correio de Uberlândia”, extinto em 31 de dezembro de 2016, e pelo jornal “Diário de Uberlândia”, que iniciou suas atividades em substituição ao Jornal Correio, despertou-nos o interesse de focar as notícias da cidade para um estudo mais aprofundado sobre os recortes imagéticos feitos de seu espaço e os dizeres que acompanham essas imagens, materialidades que, em seu conjunto, apontam, como compreendemos, para o funcionamento do discurso urbano. Além disso, ainda dentro desse discurso, elegemos como outros veículos informativos sobre a cidade o *Guia* Turístico de Uberlândia, de 2015, e o *Guia* “Vem viver, inovar, investir”, de 2019, ambos produzidos pela Prefeitura da cidade. Esses materiais, que também combinam textos escritos e imagens, aumentaram em nós o interesse em analisar as fotografias como operadores de memória junto aos textos explicativos nesse discurso urbano. Nesse sentido, o material de análise utilizado na pesquisa é composto, portanto, por fotografias e informações adicionais dos dois *Guias* da

¹ Informações disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao último Censo realizado no ano de 2010 (IBGE, 2019).

² PIB per capita é o Produto Interno Bruto, dividido pela quantidade de habitantes de um país. Quanto maior o PIB, mais desenvolvido é o país. Para o cálculo do PIB, são considerados apenas bens e serviços finais (IBGE, 2019).

³ Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Trata-se de uma medida importante concebida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população. (IBGE, 2019).

cidade e por fotografias e informações complementares publicadas em jornais de Uberlândia e cidades da região. Como veremos, esses materiais são produções de dois tipos de instituições diferentes sobre um mesmo espaço urbano.

Cabe apontar que, quanto aos anos de publicação dos *Guias* escolhidos para análise, nossa escolha se justifica pelo fato de que esses materiais representam, cada qual, posições políticas diferentes, dado que, nesses anos, o município era governado por prefeitos eleitos de partidos políticos antagônicos. Além disso, esses dois exemplares são, em meio a outros panfletos e materiais informativos, volumes que congregam visivelmente as características que buscamos analisar – fotografia e dizer – sobretudo por se tratar de *Guias* urbanos. Observamos, ainda, que esse tipo de produção por parte das administrações é recente, não havendo um arquivo de produções anteriores, fato esse que nos impossibilitou ter acesso a outros exemplares que possam ter sido produzidos.

Assim, nossa análise se dá em materialidades de dois suportes discursivos distintos – o *Guia* e o texto Jornalístico, e busca responder à seguinte pergunta de pesquisa que expressa nossa inquietação frente a esses materiais: como a língua e a fotografia se articulam entre si no *corpus* selecionado para a produção de sentidos, e como, nessa combinação, funciona o discurso urbano da cidade de Uberlândia?

Feitas essas considerações, o *Guia*, como o próprio nome sugere, é um suporte discursivo de caráter, ao mesmo tempo, informativo e propagandístico, podendo também organizar um roteiro, a fim de otimizar um percurso a ser realizado pelo(a) leitor(a). Nesse sentido, os *Guias* possuem a finalidade de instruir e orientar sobre algo, incluindo, dentre outros, os folhetos explicativos, as instruções de provas, as receitas culinárias e os *guias* de cidades. Um *Guia*, é também institucional, pois é produzido do interior de órgãos públicos, e é também político, já que contempla as discursividades e ideologias do governo que o elaborou. Como exemplo de *Guias*, podemos apresentar os guias turísticos das cidades, os guias rodoviários e o *Guia do Estudante*⁴. Salientamos que, dados os objetivos para os quais os *Guias* foram elaborados, bem como o público ao qual se destinam, as informações ali contidas se prestam a dar visibilidade a discursividades que se encaixam às propostas dos respectivos documentos. Nos dois *Guias* que analisamos, identificamos discursividades integrantes das propostas de governo das administrações que estavam na gestão municipal no período em que os respectivos *Guias* foram produzidos.

⁴ O Guia do Estudante é uma produção da Editora Abril com publicações voltadas principalmente para os estudantes do ensino médio, além de publicar, anualmente, o ranking das melhores universidades do Brasil. Informações disponíveis em < <https://guiadoestudante.abril.com.br/> > Acesso em 11 ago.2021.

Já o suporte jornalístico possui o condão de informar, entreter e apresentar, imaginariamente de maneira neutra, notícias sobre fatos que tenham sido verificados de maneira competente. Ainda, de forma diferente, a mídia jornalística tem também se prestado a desinformar, causar polêmica e veicular ideologias de partidarismo político. Dessa forma, o discurso jornalístico pode produzir diferentes sentidos ou mesmo ser constituído por diferentes discursividades. Esse suporte é praticado, principalmente, nos veículos de comunicação em massa e adquiriu, ainda maior circulação, na era da informação, sendo acessível em vários sites e aplicativos, além dos formatos impressos. No senso comum, e por efeito do esquecimento constitutivo na produção de sentidos (PÊCHEUX, 2014a, 2014b, 2014c), a notícia tende a ser lida como meramente informativa. Isso significa que o texto não conteria opiniões ou qualquer tipo de interpretação subjetiva em sua redação, o que, discursivamente, é contestável.

Considerando que estamos vivendo em uma época tecnológica em que os recursos digitais têm sobreposto os impressos, dos dois *Guias* analisados, o de 2015 foi disponibilizado na versão digital e impressa e o de 2019 foi disponibilizado apenas na versão digital. Quanto aos jornais utilizados em nossa análise, em sua grande maioria, ainda são disponibilizados nas versões impressa e digital. Entretanto, em nossa pesquisa, considerando as fotografias na versão digital apresentam maior nitidez e melhor visibilidade, além da facilidade de acesso aos jornais na forma digital, utilizamos apenas os meios eletrônicos como suporte para as nossas análises nas mídias jornalísticas.

A questão do suporte é significativa em nosso estudo porque permite compreendermos o discurso em funcionamento, em suportes distintos. Cada suporte discursivo, dados os objetivos para os quais foram criados, segue uma determinada estrutura textual e disposição de imagens, o que torna possível a abordagem do mesmo assunto a partir de posicionamentos diferentes. Nosso entendimento é que todo suporte textual é também discursivo, no sentido de que formas de comunicação dos sujeitos, por meio do discurso, seja verbal, por meio dos textos, seja não verbal, por meio das imagens. A utilização de imagens nesses suportes é uma característica comum, pois ambos se propõem a defender um ponto de vista e, nesse sentido, as imagens possuem as características necessárias para destacar as informações, seja nos *Guias* da cidade, cujo objetivo é divulgar o que a cidade tem de melhor para turistas e investidores, seja nas mídias jornalísticas, cujo objetivo é informar situações e fatos.

Acerca dos exemplares textuais de cada um desses suportes que selecionamos, apresentamos as primeiras descrições que auxiliam os(as) leitores(as) a acompanhar as análises nos capítulos seguintes.

Um dos *Guias*, a edição de 2015, se intitula “guia turístico” e traz, na capa, uma fotografia noturna da cidade, chamando a atenção para suas práticas de cultura, lazer, compras, serviços, eventos e gastronomia. Apresenta, ainda, as bandeiras do município, do Estado de Minas Gerais e do Brasil, com textos escritos em português, inglês e espanhol, o que ressalta a amplitude dos públicos aos quais a produção se destina, não reduzindo apenas à circulação nacional, mas também internacional. Na primeira página, sobre uma fotografia diurna, há o enunciado “Bem-vindo a Uberlândia. Uma cidade sempre pronta para receber você”, além disso, há um texto que ressalta a modernidade da rede hoteleira, a eficiência em serviços, a gastronomia em alto nível, a variedade de opções de compras, o lazer e entretenimento, a estrutura completa de saúde e a natureza exuberante. A primeira página se encerra com o *slogan* “Ser cidade educadora é cuidar das pessoas” e com os endereços das redes sociais utilizadas pela Prefeitura Municipal.

O *Guia* de 2015 foi disponibilizado na versão impressa e digital e distribuído para empresas, instituições educacionais e entidades que trabalham com o turismo, além de ser disponibilizado também no aeroporto e na rodoviária da cidade. O formato digital do *Guia* de 2015 ficou disponibilizado no site da Prefeitura Municipal até o ano de 2019, quando foi substituído pelo *Guia* de 2019. Não conseguimos obter, junto à Prefeitura Municipal de Uberlândia, informações quanto à quantidade de tiragem impressa do *Guia* de 2015.

O outro *Guia* analisado, edição de 2019, traz em sua capa, em fundo branco, apenas o enunciado “Vem viver, inovar, investir”, a logomarca da Prefeitura Municipal e outro enunciado “Uberlândia – Minas Gerais – Brasil”. Como o próprio nome diz, destina-se ao público empresarial, objetivando divulgar as potencialidades de negócios que o município oferece. Na segunda página, o enunciado se apresenta sob a forma de palavras-chaves: junto à palavra “casa”, há a fotografia de uma residência e de uma mulher empurrando um carrinho de bebê; junto à palavra “inovar”, há a fotografia de uma empresa moderna e um jovem com uma mão no bolso, e, junto à palavra “investir”, há a fotografia de uma indústria com um homem empurrando um carrinho com caixas. Além dos temas abordados no *Guia* de 2015, o *Guia* de 2019 trata do potencial do município nos setores da inovação, da sustentabilidade e do turismo, com objetivo de atrair investimentos nacionais e do exterior. Ao contrário do *Guia* de 2015, o *Guia* de 2019 foi produzido em dois idiomas: português e inglês, o que também vislumbra que o objetivo é projetar o município em aspecto internacional.

A escolha do outro suporte analisado, o jornalístico, deve-se ao hábito do analista de discurso que produz a presente dissertação, enquanto morador da cidade de Uberlândia e leitor assíduo dos jornais e *sites* de notícias e informações que abordam fatos que acontecem

com os sujeitos que habitam o município, constatar a visibilidade para fatos e situações relevantes no imaginário urbano e não contemplados no suporte *Guia*. Para buscar essas discursividades, a seleção se deu em fotografias e textos publicados em sites jornalísticos do município de Uberlândia e região, bem como em outras mídias informativas, como sites de televisão e de notícias. A escolha das fotografias, enquanto objetos simbólicos a serem analisados, se deu considerando as condições de produção, condições de recepção por parte dos leitores e a visibilidade apresentada pela mídia. Como veremos, em nossa análise, as fotografias – objetos simbólicos que constituem sujeitos e discursos – constroem e reproduzem diferentes posições discursivas pelo modo como se inscrevem nas formações ideológicas.

No tocante às teorias e aos conceitos fundamentais que sustentam o nosso estudo, seguimos a perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso, formulada inicialmente, por Michel Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), e continuada por seus seguidores. Por essa perspectiva, mobilizamos mais enfaticamente, neste estudo, o conceito de heterogeneidade discursiva proposto por Orlandi (2012), para o qual a autora sinaliza a relação com a dispersão dos sujeitos, visto a inscrição em diferentes posições e formações discursivas. Outrossim, ainda sob esse viés, as fotografias são tomadas como objetos simbólicos, cujas características, como enquadramento, cores, ângulos, dentre outros, podem ser interpretadas como pontos de discursividade (HASHIGUTI, 2016). Sob análise, elas são consideradas em sua articulação com outras formas da linguagem, sobretudo a língua, em relações intra e interdiscursivas, e funcionando como exemplares e instâncias de significação do discurso urbano.

O objetivo principal de nossa pesquisa é a compreender o discurso urbano de Uberlândia, por meio de fotografias e textos complementares em *Guias* do município e outras mídias jornalísticas, que materializam vozes institucionais distintas. Como objetivos específicos, buscamos compreender como o discurso urbano funciona em textos que se constituem de fotografias e dizeres delas explicativos, quais discursos ganham visibilidade nos *Guias* do município, quais discursos ganham visibilidade nas mídias jornalísticas selecionadas para análise e como esses discursos se articulam entre si, dentro do discurso urbano.

No Capítulo 1, analisamos a questão da significação na Análise de Discurso, buscando compreender a interpelação ideológica no funcionamento discursivo das fotografias e dos textos selecionados para análise. Para tanto, retomamos a teorização de Michel Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), que trata a significação pensando a relação da língua com o

interdiscurso – relação determinada pela ideologia e pelo inconsciente, estruturas-funcionamentos materialmente ligados. Conforme esclarece Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017), em se tratando de Análise de Discurso, o interdiscurso é formado pelo conjunto de formações discursivas que, por sua vez, forma um complexo com dominante das formações discursivas. Em funcionamento, o interdiscurso está afetado pelas formações ideológicas e determina a forma discursiva. A posição discursiva se inscreve, constitutivamente, no complexo das formações discursivas e das formações ideológicas relacionadas. Por formações discursivas, entendemos a projeção, na linguagem, das formações ideológicas, já que as palavras, expressões e proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam (PÊCHEUX, 2014a), isto é, “em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. (ORLANDI, 2017, p. 20).

No Capítulo 2, a discussão centra-se na teorização sobre a fotografia. Analisamos autores que teorizaram sobre a fotografia, como Soulages (2010), que formulou o conceito de “encenação da fotografia”; Barthes (2018), que formulou o conceito de “paradoxo fotográfico” e para quem a fotografia é um objeto dotado de autonomia estrutural, não isolada, que se articula pelo menos com outra estrutura, que é o texto, ou seja, o título, a legenda ou o artigo, que acompanha toda a fotografia; Sontag (2004), para quem a fotografia é, de várias maneiras, uma aquisição, ou seja, em sua forma mais simples, temos em uma foto uma posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida, uma posse que dá às fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos; e Achard (2015), Pêcheux (2015) e Orlandi (2015) que, discutindo o papel da memória, analisam a imagem como um operador de memória social, dado que “a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais” (ACHARD et al., 2015, p. 25). Com relação à estética da fotografia e sua significação, buscamos referências nos trabalhos desenvolvidos Lagazzi (2020), Hashiguti (2012, 2016, 2020) e Souza (2001), autoras contemporâneas que desenvolvem, em seus trabalhos, análises dos efeitos de sentidos que a fotografia proporciona.

No Capítulo 3, enfocamos a discussão sobre a heterogeneidade discursiva nos *Guias* e em mídias jornalísticas do município de Uberlândia, por meio da análise das fotografias selecionadas e seus textos correlatos. O direcionamento da análise é feito considerando o conceito de heterogeneidade constitutiva de Orlandi (2012), para o qual a autora sinaliza a relação com a dispersão dos sujeitos, visto a inscrição em diferentes posições e formações discursivas. Nesse sentido, a autora propõe conceber heterogeneidade discursiva como conjunto de formações discursivas que se constituem de diferentes posições-sujeito, partindo

do princípio da dispersão. Para mais, baseamo-nos, também, em Pêcheux (2014a, 2014b), o qual demonstra preocupação central com o discurso em funcionamento, ressaltando o primado teórico do outro sobre o mesmo e colocando o discurso sob o signo da heterogeneidade.

No Capítulo 4, analisamos o imaginário urbano nos *Guias* e em mídias jornalísticas do município de Uberlândia. Para a Análise de Discurso, o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem, ou seja, é constituído com a linguagem em funcionamento, considerando a história dos sujeitos (lutas de classe, contradições, equívocos e apagamentos). De acordo com Orlandi (1994), o discurso é constitutivo e não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história. Essa inscrição das relações sociais na história institui o imaginário, por meio de confrontos entre o simbólico e o político, em processos que ligam discursos e instituições. Pêcheux (2014b) concebe o imaginário como formação imaginária, sempre em relação com outros imaginários, ou seja, com outras formações discursivas. Nesse sentido, as formações discursivas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas também fazem relação com outros imaginários, fazendo com que (re)produzam o imaginário da cidade.

No Capítulo 5, a análise incidiu sobre o político, não partidário, na significação do espaço urbano. Conforme destaca Orlandi (1998, p. 74), o político, compreendido discursivamente, significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história. O político, assim, constitutivo na significação do espaço, é significado pelos sujeitos com suas posições ideológicas, com as formações discursivas, os interdiscursos, os gestos de leitura e interpretação. Ao se analisar o espaço – em nosso estudo, o espaço urbano do município de Uberlândia, – como resalta Pêcheux (2014b) acerca dos materiais de análise discursiva, não é possível tomar os discursos verificados nas fotografias dos *Guias* e das mídias jornalísticas como textos empíricos, isto é, como uma “sequência linguística fechada sobre si mesma”, mas é necessário referi-los ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. Nesse sentido, as fotografias selecionadas pela Prefeitura Municipal para compor os *Guias* da cidade, bem como as fotografias selecionadas pelas mídias jornalísticas, propiciam, ao analista de discurso, identificar memórias históricas e políticas dos sujeitos que habitam o município, abrindo caminhos para se pensar a atualidade, os efeitos de sentidos, os efeitos metafóricos, as condições de produção, o processo discursivo, as formações imaginárias, as relações de sentidos, as relações de força e de antecipação que significam os sujeitos, não sendo possível descartar, na análise do espaço e do político, a história da cidade e seu imaginário urbano.

Para Pêcheux (2014b), o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina: significação do fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito do seu próprio discurso. Assim, o sentido e o sujeito resultam da inscrição da língua e, no nosso caso, da fotografia em uma ou mais formação discursiva, já que a significação de uma mesma palavra (ou fotografia) varia de uma formação discursiva para outra. A fotografia, inserida no processo de linguagem, também significa, haja vista resultar da interpelação do sujeito em uma ou mais formação discursiva. A fotografia, à semelhança das palavras, é opaca e significa por meio das ideologias.

Ao analisar uma fotografia, o leitor o faz a partir da posição-sujeito que o constitui. O sujeito é constituído por distintas posições-sujeito, divididas conforme as formações discursivas e ideológicas, que significam conforme se inter-relacionam. Nesse sentido, a análise da fotografia, enquanto objeto simbólico, propicia compreender como os processos discursivos são constituídos. Importante destacar que a fotografia não é a prova da existência efetiva de um acontecimento, ela é constitutiva do acontecimento.

Nesse sentido, o presente estudo se justifica na medida em que intenta compreender as heterogeneidades discursivas que compõem o imaginário dos sujeitos que habitam o município de Uberlândia, tendo, como objeto de análise, as formulações das fotografias e dos textos que as acompanham nos *Guias* e nas mídias jornalísticas no município de Uberlândia e região. As análises das fotografias e dos textos que se iniciam a seguir consideram a opacidade de sentidos e perpassa todos os capítulos. Como poderá ser observado, a organização das fotografias e dos respectivos textos ao longo das análises apresentadas, se dá pelo critério de aproximação estético-discursiva entre elas que estabelecemos, isto é, com relação à referência que elas têm a temas em comum dentro de um discurso, independentemente dos períodos de sua publicação e conforme nosso próprio gesto interpretativo.

1. SABER URBANO: A CIDADE COMO ESPAÇO SIMBÓLICO

“A beleza pode ser vista em todas as coisas, ver e compor a beleza é o que separa a simples imagem da fotografia”. (Matt Hardy)



“Mesma cidade, olhares diferentes”

No Brasil, vários pesquisadores ligados ao Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb)⁵ e outras instituições têm se dedicado ao estudo do tema saber urbano e linguagem, com pesquisas que relacionam o sujeito, a linguagem e a história. Esses pesquisadores utilizam uma metodologia discursiva que analisa os movimentos políticos, sociais e econômicos, bem como o planejamento, a administração e a organização do espaço urbano com as práticas de memória, cultura e arte e a linguagem urbana nas relações do dia a dia.

As análises disponibilizadas pelo Labeurb buscam compreender como a cidade se diz, como os sujeitos que a habitam vivem no espaço urbano, o significam e se significam e como os movimentos sociais urbanos adquirem forma e se significam. De nossa parte, também tomamos o espaço urbano como mote e analisamos a fotografia como objeto simbólico de significação, se constituindo em uma forma da linguagem na construção do sujeito na história e no imaginário urbano da cidade. Conforme destaca Orlandi (2004), todas as manifestações dos sujeitos significam em função de sua inserção na história, o que nos leva a compreender que as análises de pichações em espaços públicos, uso de tatuagens e *piercing*, por exemplo, são, na verdade, algumas formas dos sujeitos se significarem no espaço urbano.

Partindo do pressuposto de que o discurso sobre esse espaço, ao construir lugares de identificação para o sujeito, opera mecanismos de inclusão e de apagamento na e pela linguagem, Honório (2005) desenvolve sua análise considerando os topônimos presentes na obra “Viagem ao Brasil”, de Hans Staden, como pontos de referência do sujeito falante, lugar de identificação relativamente ao espaço e ao funcionamento como unidade transparente, um dado, sempre já-lá posto, independente de uma história, aparecendo nas práticas cotidianas como designação naturalizada, assim como outros processos pertencentes aos nomes próprios.

Suas análises se dão, principalmente, nas notas de rodapé, que remetem a trechos da obra “Viagem ao Brasil”, considerando ali como um lugar enunciativo a partir do qual se pode observar pontos de deriva possíveis, atualizações que permitem explicitar uma prática de leitura sobre o espaço brasileiro e sobre os sujeitos ali presentes no início do século XX.

Deslocando para nosso trabalho, com fotografias, pode-se inferir que as fotografias também significam e constituem o imaginário urbano do município de Uberlândia. Para tanto, devemos, para compreensão do espaço urbano e sua heterogeneidade discursiva, considerar as fotografias em sua opacidade e incompletude, trabalhando no campo interdiscursivo, de forma

⁵ O Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) - núcleo de pesquisa multidisciplinar, centro de extensão e produção cultural - foi criado em 1992 e é um centro de referência quanto aos estudos da cidade, analisada da perspectiva da linguagem, através de estudos e pesquisas discursivas que relacionam o sujeito, a linguagem e a história. Seção “Quem somos”. Disponível em <<https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/pagina/38>> Acesso em 11 jun.2021.

a compreender o imaginário e explicitar gestos de leitura que produzam certos significados sobre a história construída pelos sujeitos.

Na análise empreendida, baseados em Pêcheux (2014b), consideramos as *coisas-a-saber*, ou seja, aquelas que são lembradas, e as que são dadas a *esquecer*. Dessa forma, concebemos as fotografias como um lugar de unidade em que funciona a dispersão dos saberes, que opera procedimentos de inclusão e de apagamento.

De forma análoga à análise realizada por Honório (2005), os *Guias* e as mídias jornalísticas que mostram o município de Uberlândia, também apresentam, junto às fotografias, legendas e notas que se prestam a “esclarecer” as imagens apresentadas. Essas legendas e notas, discursivamente, significam juntas na construção do significado pelo sujeito leitor.

Analisando os efeitos do verbal sobre o não-verbal, Orlandi (1995) destaca que há um entrelaçamento entre o verbal e o não-verbal no funcionamento da linguagem, o que faz com que haja “um apagamento das diferenças entre o verbal e o não-verbal ou então um (o não-verbal) se submete ao outro (não verbal)” (ORLANDI, 1995, p. 35). A autora destaca que a submissão do não-verbal ao verbal ocorre em razão de mitos que compreendem a linguagem como transmissão de informação ou como comunicação ou em razão de preconceitos teóricos que “prestigiam o cientismo positivista”. Nesse sentido, Orlandi (1995) enfatiza que:

tanto esses mitos, produzidos na relação do senso comum com a linguagem, como a produção científica dos preconceitos, garantem o funcionamento dessa redução, ou melhor do apagamento da diferença entre o verbal e o não-verbal (ORLANDI, 1995, P. 36).

Para contextualizar a sobreposição do verbal sobre o não-verbal, Orlandi (1995) faz referência a outro trabalho, de sua autoria, em que discute o silêncio (Orlandi, 1992). Na reflexão, destaca que:

[...] estar no sentido com palavras e estar no sentido sem elas, ou em silêncio, são modos absolutamente distintos de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas, com as pessoas e com nós mesmos. [...] não se pode traduzir o silêncio em palavras sem modificá-lo, pois, a matéria significante do silêncio e a das palavras diferem; além disso, o silêncio significa por si mesmo, ou seja, o silêncio não fala, ele significa [...] (ORLANDI, 1995, p. 37).

O posicionamento de Orlandi (1995) é importante em nossas análises, em razão da leitura que realizamos das fotografias selecionadas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do

município de Uberlândia, pois, analisar as fotografias de forma isolada e desconexa no suporte, sem considerar as legendas e os textos que as acompanham, produz sentidos diversos. Ou seja, uma fotografia que no *Guia* da cidade de Uberlândia é utilizada para ressaltar a política de investimentos, fora do contexto do *Guia* e sem as informações que a acompanham, pode significar qualquer cidade e não produzir efeitos de sentidos desejados, ou seja, reverter em investimentos para o município.

Quanto aos sentidos, Orlandi (1995, p. 38) ressalta que o processo de interpretação deve considerar o sujeito como “sujeito discursivo itinerante”. Isso porque, na análise da materialidade, “o sentido não é um, mas muitos”, pois o “dizível é compreendido pelo conjunto de diferentes formações discursivas” que se põem em jogo em cada gesto do dizer interpretativo. (ORLANDI, 1995, p. 38).

Ainda quanto à interpretação e produção de sentidos, Orlandi (1995) destaca que a materialidade analisada não significa de qualquer maneira. Para a autora,

o sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora seja intercambiáveis, sob certas condições. (ORLANDI, 1995, p. 38).

A afirmação da autora é muito importante para nossa análise por vários aspectos, pois a leitura de uma fotografia, além de ser analisada em sua materialidade, deve-se observar as condições de produção, a posição-sujeito, o suporte que a veicula, as legendas e os textos que a acompanha. Isso faz com que a significação e a produção de sentidos seja,

um movimento, um trabalho na história e as diferentes linguagens com suas diferentes matérias significantes são partes constitutivas dessa história. Mais uma vez se reafirma o caráter de incompletude da linguagem (melhor seria dizer das linguagens) [...]. Daí os “outros” sentidos que sempre são possíveis. E a existência, ou a necessidade histórica das muitas linguagens é parte dessa incompletude e desse possível. É no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica. (ORLANDI, 1995, p. 40).

Os dois suportes que utilizamos em nossas análises, seja os *Guias* seja as mídias jornalísticas, estão perpassados por aspectos publicitários. Nesse aspecto, as fotografias utilizadas são selecionadas para atendimento ao fim proposto pelo suporte e os textos e legendas possuem importante papel na produção dos sentidos, ocorrendo certa

sobredeterminação do verbal pelo não-verbal. No contexto específico, as fotografias significam no entrelaçamento do verbal com o não verbal. Orlandi (1995, p. 41), ao discorrer sobre o modo como o não-verbal é sobredeterminado pelo verbal na mídia, parte das reflexões de Pêcheux (2015), destacando que essa sobreposição do verbal sobre o não-verbal “produz efeitos fundamentais sobre a concepção da mídia. Por esse efeito ideológico, também a mídia funciona através da redução do não-verbal ao verbal, produzindo o efeito da transparência, da informação, do estável” (ORLANDI, 1995, p. 41).

Para compreender esses efeitos do verbal pelo não verbal, portanto, conforme defendido por Orlandi (1995), é importante considerar que “a mídia tem seu domínio específico de significância e o verbal não é sobredeterminado quando restituímos a mídia a esse seu domínio próprio”. (ORLANDI, 1995, p. 42). Para isso, destaca Orlandi (1995), “faz-se necessário compreender alguns mecanismos mistificadores, quais sejam, o mito da informação, o prestígio do científico, da ciência e o modo de relação do falante com a mídia” (ORLANDI, 1995, p. 42).

Nesse aspecto, compreendemos como o verbal controla o não verbal. Diante de qualquer objeto simbólico, (em nossa análise, as fotografias inseridas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas), “o homem, enquanto ser histórico, é impelido a interpretar, ou em outras palavras, a produzir sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 45). Ao observar o funcionamento discursivo, explicitando as relações que se dão entre formações discursivas, concordamos com Orlandi (1995) que “as palavras não têm sentido em si, mas nas construções que integram a relação entre diferentes formações discursivas” (ORLANDI, 1995, p. 45).

As legendas e notas, junto às fotografias, apontam para o fato de que as fotografias são incompletas, incompletude que passa a ser imaginariamente controlada por um discurso paralelo, produzido pelas instituições que elaboraram os textos, além de traços que nos fazem perceber o que dizer poderia ser outro, dito de outra perspectiva, a partir do imaginário dos sujeitos que habitam a cidade.

A discursividade das fotografias que analisamos se constitui, portanto, na relação entre a fotografia e seu texto explicativo, dentre outras, as condições de produção. Assim, no caso das fotografias dos *Guias* analisados, os textos escritos funcionam abrindo um eixo interpretativo para o imaginário da cidade, sendo que os discursos acrescidos pelas legendas e notas funcionam como efeito de completude das discursividades apresentadas nas fotografias. A posição-sujeito, agente ativo e legítimo na elaboração dos *Guias*, elege as discursividades que devem ganhar visibilidade e que sejam interessantes para a imagem comercial da cidade. Afinal, os *Guias* são produzidos para um público que não habita o município e, portanto, não

conhece detalhes de sua realidade social e estrutural. Nas mídias jornalísticas analisadas, da mesma forma, fotografias e textos significam juntos.

Na inquietação de querer eleger imagens que sejam significativas para mostrar a cidade perfeita, os *Guias* permitem-nos compreender, conforme Orlandi (2014), certos gestos de leitura que demonstram a posição-sujeito que determina quais sejam as discursividades que devem integrar o imaginário daqueles leem os *Guias*. De certa forma, a análise das fotografias encaminha o analista de discurso à construção de significados, instaurando-se um lugar de identificação, que são, ora pelo apagamento de discursividades construídas ao longo da história, ora pela inserção de discursividades consideradas relevantes e necessárias pelo poder público municipal.

Brust e Petri (2013) por meio da análise de uma fotografia, buscam compreender, ancoradas na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, os conceitos de língua, discurso, sujeito, história e memória. Em sua análise, Brust e Petri (2013) ressignificam as noções de história e de memória para compreender os modos de funcionamento da história/memória na produção dos sentidos observáveis em diferentes práticas sociais. Ante a isso, consideram que a história existe como constitutiva do sujeito e do sentido, refutando defini-la apenas como fato exterior ou como aspecto de complementaridade. Deslocando para outras materialidades, a saber, a fotografia, Brust e Petri (2013) ressaltam que Orlandi (2017), para quem a língua não pode ser pensada sem a possibilidade de combinação com outras formas materiais significantes, reconhece, na fotografia, a abertura do simbólico, já que “a língua, sujeita a falhas, pode ser pensada em relação a essas diferentes materialidades significantes, que também estão sujeitas à falha” (BRUST; PETRI, 2013, p. 26).

Mesmo que se coloque em jogo a materialidade não linguística de um documento fotográfico, é na ordem do discurso que ele é produzido, ou seja, é na ordem do discurso que a fotografia deve ser lida, analisada, interpretada. É a partir da fotografia que se desencadeiam outros discursos, em outras e diferentes materialidades discursivas. É na ordem do discurso que a fotografia ressalta ou silencia dizeres que orbitam em seu torno ou que a determinam discursivamente, não sendo elas, portanto, meras ilustrações visuais a serem decodificadas. Como ressalta Orlandi (2007), é preciso relacionar o dizer da fotografia com sua exterioridade, as suas condições de produção, que pressupõem os sujeitos e as situações (ORLANDI, 2007, p. 52).

Brust e Petri (Idem) ressaltam, ainda, que a análise da fotografia tem a língua como real específico, já que é pela língua que as materialidades da fotografia são construídas.

Ressaltam que, para Orlandi (2017), é na língua o espaço contraditório do desdobramento das discursividades, o que faz com que se não tivermos a língua como referência, não estamos fazendo Análise de Discurso, e sim Semiologia ou Semiótica (BRUST; PETRI, 2013, p. 28).

Ao se analisar uma fotografia, o analista deve se atentar que ela deve ser analisada de uma forma particular, não pelo que ela pode representar, nem pela informação que poderia oferecer, tampouco como objeto concreto de produção cultural, considerando sua eficácia simbólica. Ao se analisar uma fotografia, o analista observa uma produção de significação que não está pronta, o que abre para uma liberdade de interpretação, remetendo a uma ou várias interpretações, pois a produção de sentidos está intimamente ligada à tomada de posição do sujeito. Consoante com Orlandi (2017), ao se trabalhar com a leitura de diferentes materialidades, o analista deve considerar que, “assim como qualquer materialidade significativa, também a imagem não é transparente. É materialidade. Tem seu modo de funcionamento” (ORLANDI, 2017, p. 61).

No que tange ao conceito discurso urbano, mobilizado neste trabalho, concebemos, com Orlandi (2004, p. 26), o discurso que se desenvolve “em um espaço próprio, que se constitui por relações entre seres que se significam e significam as relações que sustentam a própria existência desse espaço como um espaço vivido/dividido com seus gestos de significação”. Nesse sentido, a leitura de uma fotografia é constituída por outras materialidades discursivas, mas também por discursos, já que a fotografia comporta em si uma dimensão sócio-política que se articula ao simbólico.

Dessa forma, ao se analisar as fotografias integrantes dos *Guias* do município de Uberlândia e das mídias jornalísticas selecionadas, o analista deve considerar se tratar de uma visualidade que significaria a cidade. As fotografias selecionadas e analisadas são determinadas pelos textos escritos que as acompanham. Ademais, projetam uma formação discursiva do Poder Público que, por sua vez, se realiza no espaço de conflito entre interesses políticos, econômicos, sociais, ecológicos, dentre outros que se investem sobre o espaço urbano. As fotografias do *Guia* de 2019, por exemplo, devem poder fazer visível, em sua forma imagética, o mote governamental daquele ano: “viver, inovar e investir” (Guia de 2019, capa).

É importante também pensarmos a relevância da fotografia e de suas legendas para a constituição de narrativas que fundam a memória urbana. Por meio das fotografias analisadas, é possível identificar os recortes do espaço urbano que são enfocados pelas lentes dos fotógrafos e como esses recortes são agenciados dentro dos diferentes textos que circulam na cidade e a significam. A ordem em que as fotografias estão distribuídas ao longo dos *Guias* e

nas mídias jornalísticas, bem como o tamanho de cada fotografia e o espaço (em vários casos, de página inteira), também significam na produção do discurso sobre a cidade.

Considerando que a linguagem não é transparente e que há discursos que se atravessam na linguagem em funcionamento, as fotografias que constituem os *Guias* e as mídias jornalísticas também não são transparentes, e seus efeitos devem ser analisados junto às condições de produção que possibilitam sua emergência, circulação e associação com o texto escrito.

1.1. A Significação na Análise de Discurso: o Espaço Urbano

Na perspectiva da teoria do discurso formulada a partir de Michel Pêcheux (2014a), à qual nos filiamos, a reflexão sobre a significação procura compreender a questão ideológica inscrita na interpretação. Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c) concebe o discurso como efeito de sentidos. Pela análise do funcionamento discursivo, o autor busca explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação e critica a evidência do sentido e o sujeito intencional como origem do dizer. O discurso é um efeito de sentido, sempre produzido em relação a posições discursivas em jogo no processo discursivo.

Orlandi (2020) entende que Pêcheux trata a significação pensando a relação da língua com o inconsciente e com a ideologia, considerando o inconsciente e a ideologia como estruturas-funcionamentos materialmente ligados. De acordo com a autora, a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que se dá por meio do discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do sujeito e da realidade em que ele vive. Para a autora, “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”. (ORLANDI, 2020, p. 20).

Ante o exposto, as significações são resultantes dos processos discursivos, nos quais funcionam as formações discursivas e as formações ideológicas a elas relacionadas. Para a Análise de Discurso, conforme esclarece Pêcheux (2014b):

[...] o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014b, p. 146).

Dessa forma, as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Assim, as formações discursivas constituem a projeção, na linguagem, das formações ideológicas, pois as palavras, as expressões e as proposições adquirem sentido em referência às posições dos que as empregam. Por formação ideológica, compreende-se o que pode e deve ser dito em uma posição dada, em uma conjuntura dada (ORLANDI, 2017, p. 20).

Orlandi (2007) esclarece que a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Dessa forma, não há sentido sem interpretação. Pode haver, para um mesmo objeto simbólico (texto, fotografia, filme etc.), diferentes gestos de interpretação, decorrentes das relações entre as diferentes formações discursivas no interdiscurso. Segundo a autora, a interpretação é uma injunção, pois, face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de dar sentido. A interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, “no entanto, aparecem como universais e eternas. Disso resulta a impressão do sentido único e verdadeiro” (ORLANDI, 2007, p. 65).

Para analisar os discursos, partimos do pressuposto de que a realidade, a linguagem e o sujeito se constroem e reconstroem constantemente. Orlandi (2007) afirma que o sujeito não pode evitar a interpretação ou a ela ser indiferente, pois, “mesmo que ele nem perceba que está interpretando, e como está interpretando, a interpretação é um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico”. A autora busca compreender como as instituições regulam os gestos de interpretação, pois dispõem sobre o que se interpreta, como se interpreta, quem interpreta e em que condições a interpretação ocorre (ORLANDI, 2007, p. 10). Frente a isso, a Análise de Discurso não trabalha com a língua como um sistema abstrato, mas com a língua em funcionamento, considerando a produção de sentidos como parte da existência material do sujeito. Cabe ao analista a análise da linguagem em funcionamento, compreendendo a interpretação como parte necessária da significação.

Pensando na significação do espaço urbano, entendemos que ele é constituído pela linguagem em seus diversos funcionamentos, sendo os sentidos produzidos na relação dinâmica entre as práticas sociais e as práticas de linguagem. As fotografias integrantes dos *Guias* e das em mídias jornalísticas do município de Uberlândia – objetos simbólicos que constituem sujeitos e discursos – constroem e reproduzem diferentes posições discursivas, pelo modo como se inscrevem nas formações ideológicas.

Não podemos dizer que tal como ocorre na língua, ocorre também na fotografia. A língua constitui um sistema de unidades fonológicas, sintáticas e morfológicas. A fotografia, por sua vez, não apresenta tais sistemas constitutivos da língua. A fotografia não é um sistema

de signos. Os elementos da composição da fotografia (enquadramento, foco, exposição, contraste, cor etc.) não constituem um sistema. A significação não está contida nos elementos da composição, contudo, a significação não é indiferente ao modo como a fotografia é produzida e olhada pelo espectador em determinadas condições.

Para observar a ocorrência da interpretação e da significação da fotografia e os reflexos das disposições da Instituição Estado quanto à interpretação, propomos a leitura de algumas fotografias selecionadas do *Guia* de Uberlândia 2015 e outras publicadas em jornais.

A Figura 2 apresenta a cidade de Uberlândia vista em um panorama de anoitecer, preservando ainda alguns poucos raios solares, a qual foi inserida logo no início do *Guia*.

Figura 2 – Fotografia da cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia* de Uberlândia (2015, p. 10).

O recorte da fotografia apresentada na Figura 2 mostra uma cidade desenvolvida, com grande concentração de edifícios ao fundo e de outras construções, todas elas iluminadas. No primeiro plano, de onde a foto foi tirada, que sugere uma posição mais alta, vemos copas de árvores que formam uma linha verde. O céu capturado é composto por raios solares, avermelhados, visíveis em nuvens e sob tons azul-acinzentados.

Logo abaixo da fotografia, o *Guia* traz um texto sobre a fundação da cidade e ressalta que Uberlândia é a maior cidade do Triângulo Mineiro e que o Estado de Minas Gerais faz

divisa com grandes polos econômicos do Brasil, ressaltando a localização geográfica estratégica da cidade. Esse texto produz efeitos na leitura da fotografia, dando visibilidade a uma cidade próspera e desenvolvida, ressaltando sua localização geográfica privilegiada, o que proporciona fácil acesso para outros pontos importantes do país (Guia de 2015, p. 10).

O texto que se segue à Figura 2, destaca que Uberlândia possui uma população urbana superior a 640.000 habitantes e é o segundo mercado consumidor de Minas Gerais, tendo atraído, nas últimas décadas, grandes empresas, se transformando no maior centro de distribuição atacadista da América Latina, referência no setor de comércio e serviços de *call center* e telecomunicações. Nesses termos, o município de Uberlândia concentra um número expressivo de empresas e de indústrias e sua população ocupa posição de destaque no mercado consumidor do Estado. (Guia de 2015, p. 10).

O texto ressalta, ainda, a moderna rede hoteleira da cidade, com eficiência em serviços, gastronomia de alto nível, estrutura completa de saúde e natureza exuberante, o que faz de Uberlândia um centro de oportunidades e um convite à qualidade de vida, o que é possível ler pela análise do recorte apresentado na fotografia da Figura 2, pois apresenta um centro urbano expandido e desenvolvido. O texto elenca roteiros turísticos e dispõe de informações sobre a vida noturna, classificada como “agitada com o ritmo das grandes capitais, oferecendo inúmeras opções para diversão” (Guia de 2015, p. 10).

Por fim, o texto relacionado à fotografia menciona a existência de um clube tradicional na cidade (Praia Clube), com imensa área verde, às margens do Rio Uberabinha, além de destacar que há “vários outros clubes bem estruturados, [que] atendem moradores e visitantes”. O texto termina ressaltando que Uberlândia se tornou um expressivo centro educacional e de conhecimento, com uma universidade federal e mais 20 instituições de ensino superior, que têm contribuído para a captação de eventos técnicos-científicos para a cidade e região (Guia de 2015, p. 10).

Esse discurso urbano do *Guia* destaca o progresso da cidade, objetivando-a como polo comercial, industrial, educacional e cultural, dando visibilidade aos sentidos da prosperidade e da qualidade de vida. Percebemos, assim, ao analisar a fotografia da Figura 2, forte apelo às várias opções de moradia (muitos prédios na fotografia), à empregabilidade (várias empresas, de diversos segmentos, instaladas no município) e à qualidade de vida, para que os sujeitos possam vir a conhecer ou habitar o espaço urbano da cidade. Como é próprio do suporte “guia”, e, no caso do *Guia* de 2015, que se intitula “turístico”, a produção ressalta a discursividade do turismo, enfatizando pontos estratégicos que possam ser de interesse a visitantes e a investidores para a cidade.

Em sentido oposto à fotografia utilizada pela Prefeitura Municipal para apresentar a cidade de Uberlândia, publicada no *Guia* de 2015 (Figura 2), com um *slogan* “Bem-vindo a Uberlândia: uma cidade sempre pronta para receber você”, o jornal “Brasil de Fato” publicou, em 2017, um artigo assinado por Ermínia Muricato, intitulado “Em Uberlândia (MG), o Estatuto da Cidade é letra morta”. A fotografia que o artigo apresenta (figura 3) dá visibilidade a uma cidade diferente daquela mostrada pelo *Guia* (Figura 2).

A fotografia do jornal apresenta o recorte de um bairro que surgiu de ocupação e que não possui infraestrutura básica. A única rua apresentada é de terra, sem pavimentação asfáltica e com lixo e vegetação no meio da rua.

Figura 3 – Fotografia da ocupação Glória, em Uberlândia



Fonte: Jornal de Fato. (2017).

As casas são simples, e, ao que parece, foram construídas de forma improvisada. Certamente, são habitadas por sujeitos, que constroem, eles mesmos, suas moradias. Além disso, o horizonte é incerto, não sendo possível visualizar nada que faça referência à cidade de Uberlândia. Não é possível visualizar redes elétricas, redes de água canalizada ou redes de esgoto. Embora a fotografia apresente um ângulo aberto, não é possível visualizar a existência

de nenhum serviço público, como posto de saúde, placas indicativas de linhas de ônibus ou qualquer estabelecimento comercial.

A discursividade de pobreza e de falta de recursos e infraestrutura básica ganha visibilidade em um jornal que traz, em sua identificação, a formulação de se tratar de um veículo destinado a buscar uma sociedade justa e fraterna por meio da democratização dos meios de comunicação (Seção “Quem somos”)⁶. O título do artigo que antecede a fotografia afirma que “Em Uberlândia (MG) o Estatuto da Cidade é letra morta”, afirmação completamente oposta ao afirmado pelo *Guia* que busca investimentos para a cidade.

O artigo enuncia que Uberlândia repete os problemas de grande parte das cidades de porte médio no Brasil, tendo se expandido de forma exagerada a partir do último *boom* imobiliário e que, apesar da impressionante retenção de terras servidas de infraestrutura, as moradias populares do Programa Minha Casa Minha Vida⁷ são “jogadas para a periferia da periferia, verdadeiro depósito de pessoas, gerando viagens longas”. O artigo diz, ainda, que “há perto de 20 ocupações de terra, grande parte dos trabalhadores pobres que são constringidos a ocupar terra ilegalmente” (MARICATO, 2017).

Analisando a fotografia da Figura 2, do *Guia* de 2015, que mostra uma imagem noturna, com uma cidade bem iluminada, em contraste com a Figura 3, que apresenta uma imagem diurna de um bairro pobre da periferia, observamos que o *Guia* e o texto jornalístico recortam e discursivizam o espaço urbano diferentemente.

Orlandi (2004) apresenta discussões sobre como pensar a cidade enquanto local coletivo, urbano e ocupado por diferentes grupos de pessoas, com características que são próprias e identificam os grupos. Pensar as discursividades e a produção de sentidos na cidade, ou seja, o imaginário urbano, deve considerar o discurso em funcionamento. É o que desta a autora:

⁶ O Brasil de Fato (BdF) é um site de notícias e uma radioagência, além de possuir jornais regionais no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em São Paulo, no Paraná, em Pernambuco, no Ceará, na Bahia, na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul. Lançado em 25 de janeiro de 2003, o BdF circulou por mais de dez anos com uma versão impressa nacional. Por entenderem que, na luta por uma sociedade justa e fraterna, a democratização dos meios de comunicação é fundamental, movimentos populares criaram o Brasil de Fato para contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país. Disponível em <<https://www.brasiledefato.com.br/quem-somos>> Acesso em 11 jun.2021.

⁷ De acordo com a página do Ministério do Desenvolvimento Regional, vinculado ao Governo Federal, o Minha Casa, Minha Vida (MCMV) é a maior iniciativa de acesso à casa própria já criada no Brasil. O programa, que mudou a história da habitação do País, prevê diversas formas de atendimento às famílias que necessitam de moradia, considerando a localização do imóvel – na cidade e no campo, renda familiar e valor da unidade habitacional. Além disso, contribui para geração de emprego e renda aos trabalhadores da construção civil. O programa Minha Casa Minha Vida foi incorporado pelo Programa Casa Verde e Amarela (Site gov.br, acesso em 11 jun.2021).

porque pensamos a cidade através do discurso”. [...] face à questão do discurso, chamamos a atenção para o fato de que se faz necessário compreender a “interpretação” (ORLANDI, 2004, p. 17).

A autora, continua suas considerações apresentando os três fundamentos do processo de interpretação, para a qual,

a. não há sentido sem interpretação, b. a interpretação joga em dois níveis: o do analista e o do sujeito de linguagem enquanto tal, c. a finalidade da análise de discurso não é interpretar mas compreender como um texto funciona, isto é, como um texto produz sentidos (ORLANDI, 2004, p. 19).

Orlandi (2004) destaca que o processo de significação não é estanque e completo, mas sim incompleto. Assim,

a incompletude é característica de todo processo de significação. Como a relação linguagem/pensamento/mundo é uma relação aberta, nós consideramos a interpretação como função dessa incompletude, pois ela funciona na passagem entre linguagem/pensamento/mundo. Sem esquecer que, na perspectiva discursiva, a incompletude é também o lugar do possível. A isto chamamos “abertura do simbólico”. [...] (ORLANDI, 2004, p. 19).

Importante ressaltar, ao analisar as fotografias e os textos dos suportes selecionados, que “a Análise de Discurso não trabalha com o que a linguagem quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo) mas com o “como” a linguagem funciona” (ORLANDI, 2004, p. 20). Cada um desses suportes discursivos tem seus tipos de imagens urbanas discursivamente possíveis. Se no caso do *Guia*, o interesse é o de mostrar uma cidade bem estruturada, o jornal guarda para si a possibilidade de expor uma imagem que não seria jamais possível na discursividade do *Guia* analisado e que materializa a periferia social.

Enquanto suporte, pois comporta diferentes discursos em sua composição, os *Guias* analisados foram elaborados para atrair turistas e empresários, em um discurso de investimento econômico, o que faz com que as informações e as fotografias sejam todas escolhidas dentro de uma discursividade político-econômica. Já o artigo de opinião do jornal, apresenta discursos em funcionamento com o objetivo de denunciar situações que incomodam os habitantes da cidade e, da mesma forma, as fotografias são produzidas e selecionadas no contexto da discursividade da emancipação dos sujeitos, que cobram posicionamentos do Poder Público Municipal.

O que ganha visibilidade (ou não), nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia analisados nos remete ao que Pêcheux (2014b, p. 143) discute ao refletir sobre

apagamento ou esquecimento. De acordo com o autor, o apagamento ou esquecimento, ocorre de duas formas: da ordem da enunciação, pois ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra; e do esquecimento ideológico, que é o modo como somos afetados pela ideologia. Pelo esquecimento ideológico, temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes. Na verdade, embora se realizem em nós, “os sentidos são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história, e é por isto que significam, e não por nossa vontade” (ORLANDI, 1994, p. 35).

Figura 4 – Fotografia da cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia de Uberlândia*. (2015, p. 42).

A Figura 4, também do *Guia* de 2015, ao contrário da Figura 2, apresenta uma fotografia diurna, com intensa luz solar, três ipês-rosa floridos, três prédios de médio porte, uma estação de ônibus para embarque e desembarque de passageiros e um ônibus. A fotografia, que se propõe a divulgar a estrutura de acessibilidade da cidade, está relacionada a um texto no qual se afirma que Uberlândia é referência nacional em acessibilidade e conta com 100% da frota de ônibus, adaptada e acessível para deficientes. O texto ressalta que, nos

terminais de ônibus há rampas de acesso e/ou elevadores, além de sinais sonoros para deficientes visuais. (Guia de 2015, p. 42).

Podemos interpretar que o transporte público e a acessibilidade de Uberlândia, bem como os percursos utilizados para esse fim são esteticamente bonitos e confortáveis, a julgar pelos três ipês floridos em primeiro plano na fotografia e pela estação construída para que os usuários do sistema de transporte coletivo aguardem o ônibus em um local protegido, principalmente da chuva ou do sol. A fotografia diurna apresentada no *Guia* demonstra, ainda, ser Uberlândia uma cidade bonita, iluminada pelo sol e sem aglomerações na estação.

O aspecto ressaltado da acessibilidade, no texto que acompanha a fotografia no *Guia*, demonstra que a sociedade é inclusiva e que o deficiente possui meios que propiciam o seu deslocamento pela cidade por meio do uso do serviço de transporte público. No quesito acessibilidade, contudo, faltam as faixas de pedestre para acesso dos usuários, pois o recorte apresentado na fotografia não mostra essas demarcações. (Guia de 2015, p. 42).

Figura 5 – Fotografia aérea da cidade de Uberlândia



Fonte: Jornal “O Tempo”. (2016).

Sob outra vertente, diferente da realidade mostrada na Figura 4, a Figura 5 apresenta, sob a forma de denúncia, uma realidade diferente da fotografia do *Guia*. O texto da notícia que acompanha a fotografia, destaca problemas de moradia e transporte no município de

Uberlândia, o que faz com que texto e fotografia atuem juntos na produção de uma imagem da cidade. E a discursividade ganha visibilidade no jornal “O Tempo”, que publicou a fotografia da Figura 5, relacionada, no processo discursivo, a um texto sobre a questão da acessibilidade na cidade de Uberlândia.

No ano seguinte à publicação do *Guia* de 2015, o Jornal “O Tempo”, na véspera das eleições municipais de 2016, publicou uma notícia intitulada “Moradia e transporte são desafios de Uberlândia, 2ª maior cidade de MG”, escrita por Felipe Castanheira, apresentando uma realidade apagada no *Guia*. A fotografia utilizada pelo Jornal também traz uma visão diurna, entretanto, em um recorte que apresenta parte da cidade, tendo, em primeiro plano, grandes edifícios e, mais ao fundo, bairros que se estendem até o horizonte. É possível percebermos, então, a existência de um centro urbano mais verticalizado e de bairros mais afastados cobrindo uma grande porção do território da cidade. Como sabemos ser a realidade de várias cidades brasileiras, a questão do transporte público pode ser bastante problemática em bairros periféricos e áreas de ocupação.

Da fotografia apresentada na Figura 4, que destaca um detalhe do sistema de transporte de ônibus da cidade, passamos, na fotografia da Figura 5, a uma tomada aérea aberta, que contempla parte da cidade e sua extensão. Tanto é que o texto da notícia destaca que “os bairros de periferia sofrem com a falta de acesso aos serviços públicos, um retrato que remete a origem do município, sempre ligado a uma grande concentração fundiária” e que esse ponto de vista “é compartilhado por professores da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)” (CASTANHEIRA, 2016).

Castanheira (2016) afirma que os professores da UFU, ouvidos pelo jornal, veem que a questão habitacional se desdobra na relação com o transporte público, estruturado na mobilidade individual e não no coletivo e que há uma lacuna para se pensar e se efetivar em uma cidade que não priorize o automóvel, mas o transporte coletivo, os pedestres e as bicicletas.

Considerando a interpretação, Orlandi (2007) destaca que o espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto e que o constitui enquanto autor, deriva da sua relação com a memória, ou seja, com o saber discursivo. As fotografias analisadas, bem como os textos que os acompanham, por um gesto de autoria, resultam da relação da materialidade com a exterioridade, o que faz com que o autor seja carregado pela força da materialidade do texto em função do gesto de interpretação na sua relação determinada historicamente pelo interdiscurso. Para a autora, o sujeito é interpretado pela história, logo, as relações de sentidos

se constituem historicamente e formam redes que constituem a possibilidade de interpretação (ORLANDI, 2007, p. 14).

Observa-se que no *Guias* e em mídias jornalísticas do município de Uberlândia, há, dentro das características que possuem enquanto suportes discursivos, a visibilidade do que os seus autores pretendem ressaltar. Os *Guias*, conduzindo aos leitores às informações do que seja uma cidade turística, desenvolvida, com potencialidades para visitação, estadia e investimentos e, as mídias jornalísticas, por meio das denúncias, se propõe a informar e denunciar os problemas vividos por parte dos sujeitos que habitam a cidade. Os dois suportes interpretam a cidade de modo diferente, cujo efeito se produz pelo apagamento de uma cidade sobre a outra.

2. A QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS SOBRE FOTOGRAFIA

“A fotografia é uma forma de ficção. É ao mesmo tempo um registo da realidade e um auto-retrato, porque só o fotógrafo vê aquilo daquela maneira” (Gerard Castello Lopes)



Beleza e calma *versus* submissão e marginalidade: duas faces da mesma cidade em suportes diferentes.

O sentido produz-se nas relações interdiscursivas que constituem as práticas de linguagem, conformadas pela ideologia e pelo inconsciente. Nessas relações que constituem o sentido e o sujeito nas práticas de linguagem, a seu modo, a fotografia significa recortando a cidade e constituindo o imaginário urbano. O modo como a fotografia significa no processo discursivo é determinado, também, pelas suas especificidades materiais. Notadamente sobre isso, retomamos teorizações feitas por diferentes autores, tais como Soulages (2010), Barthes (2018), Sontag (2004) Lagazzi (2020), Hashiguti (2012, 2016, 2020) e Souza (2001), que desenvolvem, em seus trabalhos, análises sobre os efeitos de sentidos que a fotografia proporciona.

Soulages (2010), ao trabalhar a especificidade da fotografia como significação, ressalta que a fotografia não pode ser compreendida somente a partir de suas condições de possibilidade – ou seja, o sujeito que fotografa, o ato fotográfico, a ação fotográfica, o objeto fotografado ou o material fotográfico –, nem como índice ou como ícone. Para compreender a fotografia, o autor formula o conceito fotograficidade, para referir ao que é fotográfico na fotografia. Apoiando-se em Todorov, para quem a ciência estrutural “preocupa-se não mais com a literatura real, mas com a literatura possível”, Soulages (2010) acrescenta que o conceito de fotograficidade se refere não só à fotografia efetivamente produzida, mas também à fotografia possível, às potencialidades fotográficas. Desse modo, “uma das características da fotograficidade é o inacabável, ou seja, o fato de haver potencialidades sempre manifestáveis ao infinito” (SOULAGES, 2010, p. 129).

Outro aspecto ressaltado por Soulages (2010) sobre a significação da fotografia diz respeito à “encenação” da fotografia. Partindo do retrato, o autor ressalta que é preciso substituir um “isto existiu” por um “isto foi encenado”, enfatizando que tal tese deve ser estendida para a fotografia em geral. Assim, a significação da fotografia deve considerar os fundamentos do “isto foi encenado”, articulado com a encenação (SOULAGES, 2010, p. 63). Soulages (2010) questiona Lemagny, que distingue duas tendências irreduzíveis na fotografia, de um lado a fotografia direta, como a reportagem, o retrato e a paisagem, que explora a realidade que se apresenta ao fotógrafo, e, de outro, a fotografia encenada, manipulada, subjetiva, autônoma, que é a exploração de uma realidade do próprio fazer fotográfico. O referido autor observa que, nessa distinção, de um lado, a fotografia direta seria a escrita do próprio objeto luminoso e a fotografia encenada seria a escrita de um sujeito esclarecido, como o déspota. O autor questiona se o retrato não seria resultado, também, da fotografia encenada (SOULAGES, 2010, p. 65).

Com relação aos aspectos estéticos, Soulages (2010) discorre sobre a estética da fotografia, destacando que o ser fotografado não pode ser atingido e que a superação desse obstáculo estético é uma condição necessária, mas não suficiente, para uma estética da fotografia. Ressalta que “esse impossível de fotografar incita frequentemente o fotógrafo a continuar incansavelmente a fotografar, o observador a olhar fotos e o ser fotografado a querer aparecer em fotografia” (SOULAGES, 2010, p. 343). É justamente essa falta de completude do real na fotografia que cria um desejo inextinguível de fotografia, o que faz com que ela seja uma “interrogação do real” (SOULAGES, 2010, p. 343).

Soulages ressalta que uma estética geral da fotografia “não se reduz a ser apenas a simples adição de estéticas setoriais” (SOULAGES, 2010, p. 343) e que um de seus fundamentos deve ser a análise racional da fotograficidade, isto é, daquilo que é especificamente fotográfico em toda fotografia possível. A fotografia é a articulação da perda daquilo que permanece, ou seja, a perda do objeto a ser fotografado, do momento que compreende o ato fotográfico e do processo de finalização da fotografia.

Ao analisar a poética da fotografia, ou seja, a transformação de uma fotografia em arte, Soulages (2010) destaca que essa passagem inscreve a fotografia no cerne da criação e da recepção artística, ressaltando que somente uma estética do “ao mesmo tempo” permite englobar, em um mesmo movimento de pensamento, a pluralidade, a diversidade e a aparente oposição das obras, dos estilos, das posturas, das correntes, das orientações e das opções fotográficas, permitindo estar muito próximo não só da fotograficidade, mas sobretudo da relação problemática e enigmática da fotografia com o enigma do real (SOULAGES, 2010, p. 344).

Nesse sentido, a estética geral da fotografia pode tomar como objeto a arte fotográfica. Como uma coisa só adquire sentido em função das relações que mantém com as outras coisas, a arte fotográfica deve ser considerada em função de suas relações com outras artes, já que uma foto “não é uma prova, mas um vestígio do objeto a ser fotografado e, ao mesmo tempo, do sujeito que fotografava e do material fotográfico, é a articulação de dois enigmas, o do objeto e o do sujeito” (SOULAGES, 2010, p. 345).

a fotografia não fornece uma resposta, mas coloca e impõe esse enigma dos enigmas que faz com que o receptor passe de um desejo de real a uma abertura para o imaginário, de um sentido a uma interrogação sobre o sentido, de uma certeza a uma preocupação, de uma solução a um problema (SOULAGES, 2010, p. 344).

Como destaca Soulages (2010), não podemos esgotar uma foto, “pois ela nos escapa como nos escapam o mistério do outro, a realidade do mundo exterior, o problema da existência, a separação do passado, o enigma da morte ou a identidade do nosso eu”. (SOULAGES, 2010, p. 346).

Compreendemos que a questão da significação da fotografia se coloca em Soulages (2010) na esteira do questionamento sobre a existência ou não do objeto fotografado, sobre a encenação constitutiva da fotografia, sobre a intencionalidade do fotógrafo, sobre os materiais utilizados na produção da fotografia. Trata-se de um discurso que, embora se sustente na compreensão da incompletude da fotografia (a fotografia poderia ser outra) e na não-coincidência entre a fotografia e o “real”, se inscreve em uma perspectiva pragmatista que associa a fotografia e sua significação à intencionalidade do fotógrafo, compreensão a qual não nos filiamos.

Barthes (2018), por sua vez, ao tratar da significação da fotografia, abordando em seu trabalho a fotografia de imprensa, ancora duas discussões sobre o que ele denomina como “mensagem fotográfica”, ressaltando que a “mensagem” é formada por uma “fonte emissora”, um “canal de transmissão” e um “meio receptor”. A “fonte emissora” é a redação do jornal, o “meio receptor”, o público que lê o jornal e o “canal de transmissão”, o próprio jornal, com um complexo de “mensagens” concorrentes. (BARTHES, 2018, p. 11). Para o autor,

sejam quais forem a origem e o destino da “mensagem”, a fotografia não é apenas um produto ou uma via, mas também um objeto, dotado de uma autonomia estrutural, não isolada, que se relaciona, pelo menos, com outra estrutura, que é o texto, ou seja, o título, a legenda ou o artigo, que acompanha, geralmente, toda fotografia de imprensa (BARTHES, 2018, p. 11).

Barthes (2018,.) resalta que o “conteúdo da mensagem fotográfica” é a própria cena, o “real literal”. A fotografia é uma “mensagem sem código”, “contínua” na relação com o real, diferentemente de todas as artes imitativas (desenho, pintura, cinema, teatro), que comportam duas “mensagens”:

“uma denotada, que é o próprio analogon, e uma mensagem conotada que é o modo como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que pensa dela. Esta dualidade das mensagens é evidente em todas as reproduções que não são fotográficas” (BARTHES, 2018, p. 15).

Entretanto, conforme Barthes (2018), quanto à fotografia, nada disso se passa, pelo menos quanto à fotografia de imprensa, que nunca é uma fotografia artística. Considerar a

fotografia como um análogo mecânico do real, portanto “denotada”, faz com que a sua “primeira mensagem” preencha, de certo modo, sua “substância” e não permite qualquer desenvolvimento de uma “segunda mensagem”. A fotografia é, para o semiólogo, a única a ser exclusivamente constituída por uma “mensagem denotada”, que absorveria completamente o seu ser. O autor afirma que “o sentimento de denotação é tão intenso que a descrição de uma fotografia é literalmente impossível, porque descrever consiste precisamente em acrescentar à mensagem denotada um suporte ou uma mensagem segunda” (BARTHES, 2018, p. 14).

Essa compreensão conduz o autor a formular que a relação da fotografia de imprensa com os textos que a descrevem produz um “paradoxo fotográfico”. O paradoxo fotográfico seria a coexistência de duas “mensagens”, uma sem código, que seria o análogo fotográfico e a outra com código, que seria a arte, o tratamento, a escrita, ou a retórica da fotografia. Estruturalmente, o paradoxo não é a união de uma “mensagem denotada” e de uma “mensagem conotada”. Para Barthes (2018), isso é um complicador para todas as comunicações de massa: o fato de que, na significação da fotografia de imprensa, a “mensagem conotada” (ou codificada) desenvolve-se a partir de uma “mensagem sem código”. Barthes (2018) ressalta que

A conotação, isto é, a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica propriamente dita, elabora-se nos diferentes níveis da produção da fotografia(...) ela é, em suma, uma codificação do análogo fotográfico; é, pois, possível extrair processos de conotação; mas estes processos, há que lembrá-lo, nada têm a ver com unidades de significação, que uma análise ulterior de tipo semântico permitirá talvez um dia definir: na verdade, não fazem parte da estrutura fotográfica (BARTHES, 2018, p. 16).

O referido autor teoriza, ainda, sobre a significação da fotografia a partir das teorias da comunicação e do estruturalismo dominantes na década de 1960. Dele retomamos a compreensão de que a fotografia não é um sistema de signos, como o é a língua, e que a significação da fotografia é determinada por sua exterioridade. Afastamo-nos dele no que diz respeito à suposta continuidade entre a fotografia e o real, a denotação. A fotografia significa nas relações que constitui o sujeito em suas práticas de linguagem, conformadas pela ideologia e pelo inconsciente. O sentido não é dado na fotografia, mas produzido pelo funcionamento das formações discursivas e ideológicas, que não são homogêneas, mas conformadas pela contradição.

Sontag (2004), em seu texto “O mundo-imagem”, promove importantes discussões sobre a fotografia enquanto criação humana capaz de “usurpar a realidade”. Para a autora, em comparação à pintura,

uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. Enquanto uma pintura, mesmo quando se equipara aos padrões fotográficos de semelhança, nunca é mais do que a manifestação de uma interpretação, uma foto nunca é menos do que o registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos) — um vestígio material de seu tema, de um modo que nenhuma pintura pode ser (SONTAG, 2004, p. 170).

Nesse sentido, para Sontag (2004, p. 172), “a fotografia é, de várias maneiras, uma aquisição. Em sua forma mais simples, temos numa foto uma posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida, uma posse que dá às fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos”. Ademais, ainda com Sontag (2004, p. 172), “por meio das fotos, temos também uma relação de consumidores com os eventos, tanto com os eventos que fazem parte de nossa experiência como com aqueles que dela não fazem parte”. Por fim, “uma terceira forma de aquisição é que, mediante máquinas que criam e duplicam imagens, podemos adquirir algo como informação” (SONTAG, 2004, p. 172).

Em sua análise quanto à ideia de ser a imagem uma “coisa real”, Sontag destaca que

o verdadeiro primitivismo moderno não consiste em ver a imagem como uma coisa real; imagens fotográficas dificilmente são tão reais assim. Em vez disso, a realidade passou cada vez mais a se parecer com aquilo que as câmeras nos mostram. É comum, agora, que as pessoas, ao se referirem a sua experiência de um fato violento em que se viram envolvidas — um desastre de avião, um tiroteio, um atentado terrorista —, insistam em dizer que “parecia um filme”. Isso é dito a fim de explicar como foi real, pois outras qualificações se mostram insuficientes” (SONTAG, 2004, p. 178).

Notoriamente, é possível visualizar no cotidiano das pessoas o hábito de fotografar e serem fotografadas, instaurando hábitos de imortalizar momentos e registrar situações especiais. Sontag (2014), ao discorrer sobre a paixão das pessoas pela fotografia, esclarece que possuir o mundo na forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a irrealidade e o caráter distante do real.

Não é a realidade que as fotos tornam imediatamente acessível, mas sim as imagens. Por exemplo, hoje todos os adultos podem saber com exatidão como eles, seus pais e seus avós eram quando crianças - um conhecimento que não era acessível antes da invenção da câmera, nem mesmo para a

pequena minoria em que era costume encomendar pinturas de seus filhos. A maioria desses retratos era menos informativa do que qualquer instantâneo. E mesmo os muito ricos tinham, em geral, apenas um retrato de si mesmos e de seus antepassados quando crianças [...]. Hoje é comum a pessoa ter muitas fotos de si mesma em todas as idades, uma vez que a câmera oferece a possibilidade de um registro completo. (SONTAG, 2004, p. 181).

Nesse sentido, continua Sontag (2004), a fotografia

não apenas reproduz o real, recicla-o, - um procedimento fundamental na sociedade moderna. Na forma de imagens fotográficas, coisas e fatos recebem novos usos, destinados a novos significados, que ultrapassam as distinções entre o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o útil e o inútil, bom gosto e mau gosto. O que a fotografia fornece não é apenas um registro do passado, mas um modo novo de lidar com o presente, como atestam os efeitos dos incontáveis bilhões de documentos fotográficos contemporâneos. Enquanto fotos velhas preenchem nossa imagem mental do passado, as fotos tiradas hoje transformam o que é presente numa imagem mental, como o passado. (SONTAG, 2004, p. 183).

Para finalizar sua análise acerca do mundo-imagem sobre a fotografia, Sontag (2004) destaca que:

uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens, pois precisa fornecer grande quantidade de entretenimento para estimular o consumo e anestesiar as feridas de classe, de raça e de sexo, sendo necessário “reunir uma quantidade ilimitada de informações para melhor explorar as reservas naturais, aumentar a produtividade, manter a ordem, fazer a guerra, dar emprego a burocratas. (SONTAG, 2004, p. 195).

Ressalta, ainda, que:

a produção de imagens também supre uma ideologia dominante, pois a mudança social é substituída por uma mudança em imagens e que a liberdade de consumir uma pluralidade de imagens e de bens é equiparada à liberdade em si, pois “o estreitamento da livre escolha política para libertar o consumo econômico requer a produção e o consumo ilimitados de imagens”. (SONTAG, 2004, p. 195).

Uma análise da fotografia enquanto materialidade capaz de produzir no analista diversos discursos é promovida por Lagazzi (2020). Nas análises apresentadas, a autora realiza importantes discussões do ponto de vista da Análise de Discurso de base materialista, tendo o corpo pelo viés discursivo como objeto de reflexão, especificamente, pelas discursivizações sobre a mutilação feminina em mulheres mastectomizadas. Analisando imagens do (e sobre o) corpo atingido pela doença, a autora busca compreender o

“entrelaçamento do verbal (narrativas) e do visual (corpo-imagem) e observar e analisar as produções de sentidos em seus processos discursivos”. (LAGAZZI, 2020, p. 137).

Esse entrelaçamento entre o verbal e o visual demonstra a imbricação de diferentes materialidades significantes. Lagazzi (2020) reitera

a importância de o analista considerar o conjunto das diferenças materiais, mobilizando as especificidades de cada materialidade significativa no jogo entre descrição e interpretação. Quando temos um objeto simbólico materialmente heterogêneo, é na composição das linguagens que o constituem que o analista deve investir seu gesto de descrição, buscando no jogo de remissão entre os elementos das distintas materialidades a possibilidade de compreender o funcionamento discursivo. (LAGAZZI, 2020, p. 139).

Nas análises realizadas por Lagazzi (2020), percebemos o funcionamento da significação da imagem. Seja por meio da fotografia ou das pinturas, as expressões dos sentimentos traduzem, ao mesmo tempo, contradição. Na materialidade discursiva da fotografia e das pinturas analisadas, a autora assinala a significação dos sentimentos de dor e de esperança de uma mulher “mutilada” que lutou com afincos e se fez compreendida por meio de imagens. Ou seja, as imagens “significam” para o analista à medida que se coloca em funcionamento, como afirma Pêcheux (2014b), o interdiscurso, o “já dito” e a memória.

Esse olhar para a imagem enquanto materialidade que significa também é constatado nos trabalhos de Hashiguti (2012). Em seu texto “Um corpo na fotografia do jornal”, promoveu importantes reflexões sobre a fotografia enquanto materialidade discursiva e sua significação no jornal. Considerando as características e os objetivos desse veículo de informação, afirma que o objetivo de suas análises é “discutir um sentido discursivo de corpo na relação com o olhar, discutir a mídia como condição de produção”, (HASHIGUTI, 2020, p. 99), adotando, em suas análises, a perspectiva teórico-discursiva de Michel Pêcheux (2014a), para o qual “o sentido é produzido no gesto de interpretação do sujeito a partir das condições de produção – condições exteriores à materialidade e ao sujeito, mas determinantes do sentido –, da relação com a memória discursiva – memória de língua(gem) que o constitui e possibilita historicamente os sentidos” (HASHIGUTI, 2012, p. 99).

Hashiguti (2012), ao analisar corpo e discurso - o corpo no carrinho e o discurso que essa imagem provoca -, destaca que “cores, traços, formas, gestos corporais são todos constituídos por memória – seja ela genética e/ou discursiva –, e são significados no discurso por aquele que os interpreta nas dadas condições de produção” (HASHIGUTI, 2012, p. 99). E, esse sentido do discursivamente impossível - um corpo deixado em um carrinho de

supermercado -, fez surgir questionamentos sobre o espaço possível do humano, sobre o corpo que sofre violência e é exposto por meio da fotografia, destacando a fotografia como material de notícia, enquanto suporte discursivo. Ressalta que “a notícia da violência, hoje, é preferencialmente visual, e preferencialmente pela foto ou pelo vídeo, e não por gravuras”. (HASHIGUTI, 2012, p. 100).

O impacto visual para o leitor do jornal ao visualizar a fotografia e notícia publicada no jornal, certamente, é de estranheza, uma vez que se trata de uma cena incomum. Nesse sentido, Hashiguti (2012) destaca que,

ao olhar uma materialidade visual, o sujeito interpreta-a a partir de determinadas condições, como as condições físicas de possibilidade de visão (como presença de luz e cor), as condições biofísicas da capacidade de visão (se olho é capaz de ver), e as condições da circulação da imagem (onde ela é veiculada e como, se acompanhada por texto verbal ou não, se foi alterada etc.), atribuindo-lhe sentido já por/em um discurso (HASHIGUTI, 2012, p. 100).

No caso da fotografia que registra a violência, vários sentidos são possíveis ao olhar, como o horror, o desconforto, a surpresa e o desdém. “Discursivamente, a foto seria uma só língua no sentido de ser um objeto simbólico que funciona essencialmente por sua visibilidade” (HASHIGUTI, 2012, p. 101). A autora ressalta que

há diferença de sentidos quando a fotografia é verbalizada, ou quando é posicionada em meio a outras imagens, a outros elementos essencialmente visuais. O que torna a fotografia única é a sua própria especificidade material e a forma de apreensão óptica por parte do sujeito. (HASHIGUTI, 2012, p. 101).

As considerações apresentadas por Hashiguti (2012) propiciam ao leitor um olhar que transcende a materialidade da fotografia. A autora ressalta que, ao se analisar uma fotografia, faz-se necessário considerar as condições de produção do efeito da imagem sobre aquele que olha, considerando a grande quantidade de imagens acessíveis e disponíveis. Em função da acessibilidade das pessoas a câmeras fotográficas, “há certa saturação de imagens, em particular, de imagens de violência, morbidez e brutalidade” (HASHIGUTI, 2012, p. 101), instaurando o questionamento sobre a “estabilização do brutal como entretenimento” (HASHIGUTI, 2012, p. 101). E, se o caso da fotografia analisada se tornar frequente, ou seja, “se corpos mortos/feridos forem sempre encontrados em carrinhos de compra, o sentido para a foto será outro, e creio que, sim, respondendo a Sontag (2003), o choque tem um prazo de validade, mas não é um prazo temporal, e sim discursivo” (HASHIGUTI, 2012, p. 102).

É também de Hashiguti outra importante análise da fotografia enquanto materialidade significativa. No texto “A performatividade da fotografia” (2020), considerando o corpo, a memória e o discurso, a autora “lança o olhar” para seis fotografias jornalísticas que tratam do sofrimento humano, “atentando-se a um tipo de visualidade que pode ser arte ou ter efeito de arte e que pode circular de maneira diferente da que se relaciona aos espaços das galerias e exposições”, pois circulam em jornais, impressos e digitais, em sites de notícias e em redes sociais. (HASHIGUTI, 2020, p. 205).

Identificando a foto jornalística e sua eficácia estética, Hashiguti (2020) ressalta que

nesse gênero discursivo, a especificidade estética da foto jornalística coloca sob questionamento o sentido de uma verdade única que a fotografia materializaria, trazendo à discussão não só o olhar, o enquadramento e outras escolhas estéticas da fotógrafa jornalista, que não são, portanto, neutros, mas também a potencialidade desse tipo de imagem de ultrapassar sua efemeridade e se tornar um ícone numa memória coletiva. (HASHIGUTI, 2020, p. 205).

Ressalta, na discussão sobre a potencialidade da fotografia, os sentimentos que a imagem pode provocar em quem a vê - sentimentos de emoção que requerem um “deslocamento de compreensão da fotografia e da arte como meios representativos de conteúdos que teriam uma única verdade” (HASHIGUTI, 2020, p. 208) e acredita estar em acontecimento uma mudança na ressignificação dos sentidos de coletividade e individualidade “que pode fazer emergir um regime sensorial em que a barbárie seja inaceitável e em que a dor do outro seja entendida na relação com a responsabilidade social de cada indivíduo” (HASHIGUTI, 2020, p. 208). Para Hashiguti,

o olhar dirigido a fotografias de situações limítrofes de existência humana é, hoje, o de espectadoras que estão, elas mesmas, em condições de fragilização da vida. Essa condição pode sensibilizar o olhar e contribuir para redefinir as políticas globais e locais de convivência. (HASHIGUTI, 2020, p. 208).

Quanto à performatividade da fotografia, Hashiguti (2020) esclarece que, por esse princípio, um espetáculo artístico pode ser repetido várias vezes, mas nunca será o mesmo, pois a “performatividade não trata de manter um significado, mas de imprimir força, causar impacto e promover um efeito, o que faz com que a cada nova apresentação, novos efeitos podem surgir, podendo ser discursivos, afetivos e/ou uma consequência material” (HASHIGUTI, 2020, p. 215). A depender das condições de produção de sentido de quem direciona o olhar para uma fotografia, essa pode causar-lhe inúmeros sentimentos, como

incômodo, perturbação, repulsa, indignação. Como materialidades performáticas, as fotografias podem afetar o interlocutor, provocando-o a ações, pois, nas palavras de Hashiguti (2020), “a arte performa porque funciona como vibração, cuja potencialidade de afetar mais ou menos depende de como ela vibra com o corpo daquela que a olha e que também é corpo de vibração” HASHIGUTI, 2020, p. 218).

Ainda quanto à materialidade significativa do não verbal, Souza (2001), em seu texto “A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação”, promove importantes reflexões. A autora adota, em sua reflexão, uma abordagem genérica dos processos significativos de imagens em diferentes veículos, mostrando como a imagem significa, em termos ideológicos, nos meios de comunicação (SOUZA, 2001, p. 66).

Ao tratar da imagem e da interpretação, Souza (2001) ressalta que

o trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos. [...] Ao se interpretar a imagem pelo olhar - e não através da palavra - apreende-se a sua matéria significativa em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal. [...] Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal: quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa. (SOUZA, 2001, p. 73).

Dessa forma,

a interpretação do não-verbal se efetiva, então, por um efeito de sentidos que se institui entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte (e não exclusivamente do segmento), a partir das formações sociais em que se inscrevem tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador. [...] Ler uma imagem, portanto, é diferente de ler a palavra: a imagem significa não fala, e vale enquanto imagem que é. Entender a imagem como discurso é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais (SOUZA, 2001, p. 74).

Com relação à visibilidade de uma fotografia, Souza (2001) esclarece que pode, na verdade, “tanto ser construída, quanto ser apagada,.” pois “as imagens estão sempre sujeitas às injunções de ordem jurídica e institucional, que selecionam tudo aquilo que pode e não pode ser visto”. (p. 74). É, como afirma Althusser (1974), o funcionamento do controle realizado pelos aparelhos ideológicos de Estado, ou seja, o aparelho ideológico que controla o

veículo que divulga a fotografia define o que deve ganhar visibilidade, enunciando discursos que fundam as imagens e a própria realidade.

Outra discussão interessante realizada por Souza (2001), diz respeito à imagem e a mídia impressa. A autora destaca que contemporaneamente, as fotografias têm sido bastante exploradas nos jornais, e com isso, “instauram de forma subliminar um texto à parte, evidenciando que as imagens no jornal, ao lado da própria diagramação, constituem um plano discursivo autônomo com relação ao plano verbal”. (SOUZA, 2001, p. 74).

Um aspecto relevante a ser observado, quando se analisa uma fotografia publicada em algum veículo jornalístico, são as marcas de subjetividade, ou seja, a voz coletiva no texto ou na legenda que acompanha a fotografia. Considerando o uso das aspas, Souza (2001) esclarece que sua utilização como

marca de uma heterogeneidade que se mostra, pode ter duas funções: ou recortar as falas relatadas (como no uso do discurso direto), ou servir de aviso de que uma determinada palavra está sendo usada num sentido específico, quase sempre figurado ou irônico. No primeiro caso, remetem ao discurso do outro e, no segundo, abrem a interpretação, à espera de que o leitor se identifique com o sentido pretendido pelo emissor. Em ambos os casos, as haspas são marcas de visibilidade. (SOUZA, 2001, p. 89-90).

Outro uso importante da fotografia a ser considerado pelo analista de discurso diz respeito à imagem e publicidade. Souza (2001) recorda que o uso da imagem na publicidade articula a relação polifonia, ou seja, várias “vozes”, e a policromia, que diz respeito ao jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, sendo que, em quase todas as peças publicitárias impressas, há em sua materialidade a relação entre polifonia e policromia, em geral, funcionando em uma relação de complementaridade.

O estudo da imagem, como discurso produzido pelo não-verbal, abre perspectivas comumente não abordadas nas análises mais recorrentes. Abre-se a possibilidade de entender os elementos visuais como operadores de discurso. [...] Analisar a imagem como discurso, permite ainda entender como funcionam os discursos sobre a imagem; discursos vêm corroborando o mito da informação, (a evidência do sentido), aliado a um outro mito, o da visibilidade (a transparência da imagem), os quais são fundados nos e pelos aparelhos mediáticos que produzem a assepsia da comunicação, e do próprio acontecimento discursivo (SOUZA, 2001, p. 93-94).

Para a Análise de Discurso, os efeitos de sentido se produzem sob determinações históricas e, na leitura da imagem, a materialidade confere limites à produção de sentidos. Dessa forma, ao se analisar uma fotografia, pode haver mais de uma interpretação, já que,

para cada sujeito que a analisa, os sentidos são produzidos de acordo com a sua tomada de posição diante da imagem. Desse modo, todos os traços e as formas da imagem importam e dão suporte para a interpretação e a construção dos sentidos. Como ressalta Lagazzi (2011):

Importam as palavras usadas assim como a sintaxe do texto, no caso da materialidade verbal. Importam as imagens em seus vários elementos constitutivos, tais como as cores, a relação luz e sombra, a perspectiva, os traços no caso da materialidade visual. E no caso de um texto alocado no espaço digital, importam também os links, muitas vezes o movimento de imagens, a sonoridade e a musicalidade, em caso de vídeos (LAGAZZI, 2011, p. 499).

No caso da materialidade imagética, é importante ressaltar que nos próprios limites que sua composição impõe à análise, moram os perigos de se entregar à tentação do deslimite interpretativo. Não se pode perder de vista que os elementos de uma materialidade significativa devem remeter a outros elementos, buscando-se, no exercício parafrástico, contrapontos que nos permitam compreender a produção dos sentidos na evidência que resulta do trabalho da ideologia. (LAGAZZI, 2011, p. 502).

Ainda com Lagazzi (2011, p. 504), “pensar os sentidos como efeitos produzidos sobre a cadeia significativa em condições de produção é dar consequência ao primado do significante, e não apenas do significante verbal”, já que os sentidos se produzem na relação da materialidade significativa com a história. O olhar sobre as imagens se lança no sentido de considerá-las como discurso, abordando a materialidade em sua própria vinculação à história, atribuindo-lhe independência em relação ao linguístico.

Apesar de não haver necessidade de se analisar o não-verbal como perpassado pelo verbal, não se pode abandonar que a análise depende, sobretudo, do material selecionado pelo analista. Disso resulta não ser possível desconsiderar os textos, as legendas e as informações que acompanham as fotografias, seja nos *Guias* seja nas mídias jornalísticas.

Considerando as reflexões quanto à materialidade da fotografia e sua significação enquanto linguagem não verbal, entendemos ser “necessário desfazer a dicotomia verbal e não-verbal, a fim de trabalhar a textualidade como um processo” (TRAJANO, 2017, p. 375), que considera a relação com a cultura, com o social, com o histórico e com a formação social dos sujeitos.

Faz-se necessário, ainda, destacar a incompletude do sujeito que analisa a imagem e também a incompletude da própria materialidade, para que “não se deseje perseguir conteúdos imanentes aos textos” (TRAJANO, 2017, p. 383). Não se deve perder de vista, ao se analisar uma fotografia, “que a incompletude é constitutiva da linguagem, e que todo discurso atualiza

sentidos de uma memória que o constitui” (TRAJANO, 2017, p. 383). Portanto, cabe ao analista buscar os sentidos veiculados pelos discursos “encobertos pela ilusão de completude e de transparência da linguagem” (TRAJANO, 2017, p. 383).

A seguir, a Figura 6 mostra o Museu Municipal, localizado no prédio histórico do Palácio dos Leões. Na legenda que acompanha a fotografia, há a informação de que o museu completou 100 anos em 2017 e que esse oferece acesso gratuito aos estudantes e à população para uma verdadeira viagem à história da cidade (Guia de 2019, p. 22).

Além da legenda, o *Guia* de 2019 não apresenta mais informações sobre o Museu. Entretanto, no site da Prefeitura, na página da Secretaria de Cultura⁸, há um texto informativo com destaque ao Museu Municipal de Uberlândia, com informações que esse funciona no Palácio dos Leões, um “belo edifício” construído entre os anos de 1916 e 1917, por Cypriano Del Fávero, e tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal em 1985. O texto ressalta, ainda, que no passado, o prédio abrigou a Prefeitura, a Câmara Municipal e, por um breve período, a biblioteca. Após o seu tombamento, passou a integrar o Complexo da Praça Clarimundo Carneiro, que inclui o Coreto.

O texto disponível no site da prefeitura informa, ainda, que, a partir de 2000, o Museu apresenta a exposição de longa duração “Nossas Raízes”, que lança um olhar sobre o processo de formação do município de Uberlândia, desde a instalação das primeiras sesmarias até a formação do Arraial de São Pedro de Uberabinha em torno da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Ademais, destaca que, no espaço expositivo do museu, existe a exposição permanente “Câmara Municipal: fragmentos da história” e uma sala onde são realizadas exposições temporárias – eventos abertos à população.

Analisando a fotografia que, no *Guia* de 2019, dá destaque ao Museu Municipal como espaço para prática da cultura no município, percebemos se tratar de um local situado em uma área bem edificada, tendo à frente da fotografia, duas árvores, um jardim bem verde, com plantas predominando nas cores verde claro e verde escuro. Ao centro da fotografia, visualizamos o coreto, edificação com características arquitetônicas antigas, com paredes pintadas na cor branca e com detalhes na cor amarela. As janelas e as sacadas são pintadas em um azul turquesa e, atrás do prédio do Museu, há vários edifícios altos, com arquitetura contemporânea. Um dos efeitos de sentidos produzidos ao se observar a fotografia é de que se trata de um local calmo e tranquilo.

⁸ Informações disponibilizadas o site da Prefeitura Municipal de Uberlândia – seção da Secretaria de Cultura. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/museu-municipal/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Figura 6 – Fotografia do Museu Municipal de Uberlândia



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 22)

A fotografia possui cores “vivas”. Em perfeita harmonia estão as áreas em que sobressai a luz do sol e também as sombras provocadas pelas árvores. Percebemos que a fotografia que integra o *Guia* de 2019, o qual possui apelo à inovação e ao investimento, recebeu tratamento técnico, por meio de programas de edição de imagens, o que ressalta a nitidez da imagem e as cores vibrantes.

Conforme destacado no site da Prefeitura, o local onde está instalado o Museu foi palco de importantes decisões no passado, uma vez que sediou a Prefeitura e a Câmara Municipal. O coreto, bem à frente do prédio, faz ressoar o *glamour* vivido pelo município de Uberlândia no início de sua emancipação política. Com essa fotografia, o *Guia* inscreve o dizer sobre cultura na discursividade da memória histórica, a memória da história, fortemente vinculada à arquitetura – arquitetura que ressalta o contraste do prédio antigo, onde funciona o Museu, e dos prédios contemporâneos, que sobressaem ao fundo da fotografia.

Um olhar diferente para o mesmo município no que se refere ao lazer e à cultura, pode ser observado em uma notícia, publicada em 10 de julho de 2017, no maior jornal local em funcionamento no município, o “Diário de Uberlândia”⁹. A fotografia a seguir, na Figura 7,

⁹ O jornal “Diário de Uberlândia” “é um jornal em consonância com o seu tempo e passou por mudanças importantes, como o novo posicionamento adotado no final de 2016, o que fez com se tornasse um dos principais veículos de comunicação da cidade. Com o fechamento do ‘Jornal Correio de Uberlândia’, a cidade ficaria sem o seu único grande jornal impresso de circulação diária. O ‘Diário do Comércio’, então, assumiu essa posição para preencher a lacuna que se abria no mercado. Em 2018, o jornal passou a se chamar ‘Diário de Uberlândia’ e

foi publicada na seção “Uberlândia e Região”, logo abaixo da seguinte legenda: “Operação da PM fecha baile funk na zona sul”. O único texto que a notícia trouxe foi está transcrito na íntegra no fragmento a seguir:

Uma operação da Polícia Militar (PM) fechou, no último sábado (8), um baile funk que acontecia na rua Rio Acima, bairro Shopping Park, zona sul de Uberlândia. No local, os oficiais identificaram tráfico de entorpecentes e porte ilegal de arma de fogo. Foram apreendidas 43 buchas de maconha, 47 lolós, uma pistola 765 e oito munições (DIÁRIO DE UBERLÂNDIA, 2017, seção Uberlândia e Região).

Figura 7 – Fotografia de uma operação militar em baile funk na cidade de Uberlândia



Fonte: Jornal Diário de Uberlândia. (2017).

A fotografia da Figura 7 foi tirada à noite e apresenta várias pessoas deitadas ao chão, todas de “barriga para baixo”. Em primeiro plano, a fotografia mostra um *narguilé* e garrafas de bebidas. É possível visualizar alguns veículos e um forte reflexo de luz que, possivelmente, é projetado de um palco de onde originavam as apresentações. A fotografia, que ocupa um espaço bem abrangente no jornal, ao contrário da fotografia apresentada na Figura 6, não recebeu tratamento estético por meio de aplicativos e programas de edição de imagem.

A notícia ressalta que, no local, os oficiais identificaram tráfico de entorpecentes e porte ilegal de arma de fogo. Talvez a ênfase na apreensão de entorpecentes seja para justificar a posição degradante pela qual os participantes do baile foram submetidos. Embora a reportagem não diga, o bairro onde aconteceu o baile funk é periférico e habitado por uma população pobre.

Em nossas análises, a cultura funk não consta em nenhum dos *Guias* analisados e nem na página da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, embora seja uma das práticas culturais com muitos simpatizantes no município. Nesse sentido, o suporte discursivo “*Guia*” não contempla esse tipo de discursividade, e nem poderia, pois, o objetivo político desse texto é dar a ver o que o município “tem de melhor”, isto é, cenas e práticas culturais que são legitimadas em um discurso de classe e centralidade de poder. Um olhar para a cidade, apenas pelos *Guias* analisados, não contempla uma prática cultural como o funk, que é um gênero artístico considerado de periferia¹⁰. Cabe apontar que o jornal, ao discursivizar e fazer visível o baile funk na cidade, tampouco o faz para falar de cultura, mas o associa à violência (porte de armas de fogo) e ao tráfico de entorpecentes.

Ainda no espaço reservado à discursivização da cultura do município, em tamanho bem menor que a fotografia que apresenta o Museu Municipal, há, no *Guia* de 2019, a fotografia que mostra a existência do congado no município de Uberlândia. Ao lado da fotografia, o *Guia* traz uma legenda com os seguintes dizeres: “o congado foi declarado como patrimônio imaterial da cidade e é uma manifestação cultural e religiosa que perpetua de geração em geração com elementos da resistência negra da época da escravidão” (*Guia* de 2019, p. 22).

O texto da legenda destaca, ainda, que, com o uso de instrumentos de percussão, bandeiras, roupas coloridas e músicas tradicionais, os ternos – como são chamados os grupos de dançadores de congado – realizam os cortejos em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. A fotografia é pequena, em torno de 5cm de altura e 7cm de comprimento, e está disposta junto com outras fotografias, todas em tamanhos maiores, que destacam outras

¹⁰ O funk, gênero altamente popular no Brasil na atualidade, surgiu de uma maneira bem diferente de como se apresenta hoje. Considerado “irmão” ou “primo” do hip hop e do soul, ele é um produto da ascensão do movimento negro nos Estados Unidos entre as décadas de 1960 e 1980. Antes do funk e do hip hop, gêneros como jazz e rock, também originários de grupos marginalizados, já haviam ganhado notoriedade, ajudando nessa inclusão na cultura hegemônica. No Brasil, ocorreu uma grande adaptação para a realidade local. A ideia de resistência e de representação de uma realidade comumente ignorada pela mídia ainda persiste, mas a sonoridade foi bastante alterada. AUN – Agência Universitária de Notícias da Universidade de São Paulo (USP). Seção “Sociedade”. Disponível em <http://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/09/14/a-expressao-cultural-das-periferias-brasileiras/>. Acesso em 14 ago.2021.

formas de manifestações culturais existentes no município de Uberlândia. É o que se observa na fotografia da Figura 8.

Figura 8 – Fotografia de uma apresentação de congado na cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 22).

A fotografia da Figura 8 mostra praticantes de congado em atividade, focalizando alguns dançarinos em destaque, à frente do recorte fotográfico, os quais utilizam tambores e instrumentos de percussão. As roupas empregadas são nas cores amarelo, verde e branco, e os sapatos são na cor branca. Os chapéus utilizados são nas cores verde e branco, com detalhes dourados. É possível visualizar, também, em alguns dançarinos, uma espécie de escudo levado nas costas, com cores verde e amarelo em predominância. As cores da fotografia são fortes e intensas. A apresentação fotografada acontecia à luz do dia.

Enquanto analista de discurso e residente no município de Uberlândia, inferimos que o local onde a fotografia foi tirada seja na Avenida Floriano Peixoto, próximo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro da cidade. Há, no município, vários grupos de dançadores de congado, e cada grupo tem suas cores, os seus brasões e a sua história. As cores verde, amarelo e branco, recorrentes nas roupas e indumentárias utilizadas pelos praticantes de

congado na apresentação, provocam no olhar do analista, referências às cores da bandeira brasileira. É possível apreender, pelo recorte da fotografia, sentidos que relacionam a festa do congado ao nacionalismo, remontando a prática aos primeiros habitantes negros que se instalaram no Brasil. Em outros termos, o recorte produz um efeito de sentido que vincula o congado – e o município de Uberlândia - à historicidade de lutas e de conquistas da comunidade praticante de congado na história do país e do município.

Em se tratando do suporte *Guia*, notamos a ausência, em ambos os *Guias* analisados, de visibilidade para outras práticas culturais existentes no município, como a Parada Gay e o Carnaval. Obteve visibilidade nos *Guias*, enquanto prática cultural, apenas o congado, baseado na discursividade racial que enfatiza a contribuição dos negros para a construção da cidade. Percebemos que festa religiosa e política identitária se articulam, inclusive na prática científica. O site da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) publicou uma fotografia, na sessão “notícias”, sobre um pesquisador negro que defendeu sua tese sobre o congado, conforme se observa na Figura 9.

Figura 9 – Fotografia de defesa de tese na Universidade Federal de Uberlândia



Fonte: Universidade Federal de Uberlândia. (2019).

A fotografia apresentada na Figura 9 está relacionada à manchete: “Tese conta como a população negra contribuiu para construção da história de Uberlândia” e afirma que “historiador investigou congado e revela que racismo e resistência permanecem na cidade”. O recorte permite observar seis pessoas, sendo que, aparentemente, cinco são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Das cinco pessoas em que é possível visualizar parte do rosto, todas são de pele negra. É possível perceber olhares de interesse e concentração por parte dessas pessoas à apresentação do pesquisador.

A discursividade racial, por meio da qual o congado é significado, articulando cultura e identidade, ganha visibilidade na composição da banca. Os membros da banca são todos de pele negra. O que se constrói como visibilidade é um pesquisador negro, defendendo uma tese para uma banca constituída, predominantemente, por pesquisadores negros.

Um detalhe relevante a ser destacado diz respeito ao veículo onde a fotografia e a notícia foram publicadas: o site de uma universidade pública federal. Embora o analista que produz este texto tenha procurado essa notícia em outros canais, ela não foi encontrada. Percebemos um deslizar de sentidos, uma vez que coube apenas a uma instituição de ensino superior divulgar a realização de uma pesquisa que resgata a história de boa parte dos sujeitos que fizeram parte da construção do município de Uberlândia e mantém viva a prática do congado no imaginário urbano.

Pelas análises realizadas neste capítulo, articulando as fotografias e os textos que as acompanham, seja nos *Guias* ou nas mídias jornalísticas, percebemos que enquanto suportes, cada um segue os objetivos para os quais foram propostos. Nesse sentido, a nosso modo, é possível perceber, por meio das fotografias e dos textos analisados, discursividades que significam a cidade com visibilidades díspares pela fotografia, em discurso sobre um mesmo espaço, o que ressalta ser a significação um efeito de sentido produzido pela inscrição da fotografia no imaginário urbano.

3. A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA NOS *GUIAS* E NAS *MÍDIAS JORNALÍSTICAS* DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA

“O melhor de uma imagem é que ela nunca muda, mesmo quando as pessoas nela mudam”.
(Andy Warhol)



Dois olhares sobre a mesma cidade, em suportes discursivos distintos.

Nos capítulos anteriores, buscamos compreender a significação da fotografia enquanto materialidade discursiva, desde a materialidade da fotografia, em si, até os efeitos de sentidos que a fotografia provoca no olhar do sujeito-receptor, qual seja, aquele que olha, observa e analisa a fotografia. Esses efeitos de sentido demonstram o funcionamento de uma heterogeneidade discursiva, a saber, os sujeitos que com suas histórias, com interdiscursos e intradiscursos, conforme define Pêcheux (2014b), encontram, ao olhar a fotografia, significações diferentes, constituindo uma heterogeneidade discursiva sobre a fotografia.

Em se tratando das fotografias inseridas nos *Guias* e em mídias jornalísticas do município de Uberlândia, buscamos compreender como essas fotografias e os respectivos textos que a acompanham se imbricam em funcionamento com as diversas heterogeneidades discursivas, em suportes diferentes e instauram a significação do imaginário urbano nos sujeitos que habitam o município, bem como essas heterogeneidades discursivas se inserem nos suportes discursivos analisados.

Há, nas ciências da linguagem, diferentes concepções de heterogeneidade. Orlandi (2013, p. 24), ao analisar a língua brasileira, afirma que a nossa língua significa em uma filiação de memória heterogênea, embora se filie a interdiscursividades distintas como se fossem uma só, atribuindo esse efeito à história da colonização. Para a autora, a heterogeneidade diz respeito às filiações de memória, ao funcionamento do interdiscurso, ou seja, à relação determinada pela ideologia e pelo inconsciente enquanto estruturas-funcionamentos materialmente ligados.

A heterogeneidade é abordada, também, no trabalho de Pêcheux (1997). A preocupação central do autor é o discurso em funcionamento. No texto “A Análise de Discurso: Três Épocas”, de 1983 (inserido como anexo em Pêcheux 2014a), ao tratar da emergência de novos procedimentos da Análise de Discurso, por meio da desconstrução das maquinarias discursivas, Pêcheux afirma que “o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua”, o que coloca o discurso sob o signo da heterogeneidade (2014a, p. 315). Nesse texto de 1983, Pêcheux compreende a heterogeneidade como “a insistência de um ‘além’ interdiscursivo” (PÊCHEUX, 2014a, p. 316-317).

Considerando a heterogeneidade discursiva como constitutiva do funcionamento do discurso, entendemos, em nossa análise de fotografias inseridas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, que elas se entrelaçam por meio de formações discursivas no imaginário urbano da cidade e que funcionam interconstitutivamente, ao passo que, o que um tipo de produção silencia e escolhe para fazer visível no discurso urbano, é discursivizado e mostrado por outro.

A fotografia da Figura 10, inserida no *Guia* de 2015, que conforme já demonstrado alhures, se intitula como “guia turístico”, ressalta o objetivo de mostrar a cidade, mas não qualquer sujeito, e sim, ao “sujeito consumidor” que possa realizar investimentos na cidade. A fotografia está inserida na página 2, logo abaixo do título: “Bem-vindo a Uberlândia. Uma cidade sempre pronta para receber você” e traz um recorte da cidade de Uberlândia que permite visualizar uma aglomeração de prédios, produzindo como efeito de sentidos de que se trata de uma cidade grande, próspera e verticalizada e que incorpora, em sua formação, muita “engenharia e concreto”. As discursividades do progresso e da prosperidade, associados à verticalização da cidade, são constitutivas da fotografia.

Um pouco acima dos prédios, no céu azul, foram inseridas quatro fotografias em pequenos círculos. O primeiro círculo mostra um auditório com muitas cadeiras, possivelmente destinado à realização de convenções e negócios. O segundo círculo contém uma fotografia aérea, uma montagem na qual se podem ver elementos do agronegócio, da indústria e do lazer. O terceiro círculo mostra uma mulher, jovem, usando uniforme de “chefe de cozinha”, na cor verde, tendo em uma das mãos um prato com alimento, remetendo ao setor de serviços. Já o quarto círculo é um recorte no qual se destaca um edifício moderno, contrastando com as edificações do entorno. Trata-se do hotel Mercure Uberlândia Plaza Shopping, parte do complexo do Center Shopping. Funcionam, na montagem que constitui a fotografia da Figura 10, sentidos que definem a cidade como moderna pelo setor de serviços, pela hospedagem, pela alimentação e pela infraestrutura.

Importante ressaltar que a montagem com as cinco fotografias (uma que ocupa a página inteira e quatro menores inseridas nos círculos) está disposta no *Guia* de 2015, logo abaixo de um texto com forte apelo comercial, o que possibilita observar o funcionamento da discursividade que conforma o comércio, ressaltando a “moderna rede hoteleira”, “eficiência em serviços”, “gastronomia de alto nível” e variedade de opções de compras, lazer e entretenimento, além de estrutura completa de saúde e natureza exuberante.

Por fim, ao final da montagem fotográfica da Figura 10, o *Guia* traz o enunciado de Uberlândia “ser cidade educadora é cuidar das pessoas” e as redes sociais da prefeitura. Em termos de condições imediatas de produção de sentidos, considerando as condições de produção do discurso (histórico, político e social), percebemos atravessamento desse enunciado numa relação interdiscursiva com o *slogan* do governo federal da época, anunciado pela presidenta Dilma Rousseff, em seu discurso de posse: “Brasil, Pátria Educadora”. Importante destacar que os recortes fotográficos não apresentam nenhuma fotografia de

Instituição de Ensino instalada na cidade, promovendo efeito de que a educação ganha sentido de “boas maneiras”, profissionalismo, e não de Instituição de Ensino.

Figura 10 – Fotografia de apresentação do *Guia* de Uberlândia de 2015

**BEM-VINDO A UBERLÂNDIA.
UMA CIDADE SEMPRE PRONTA
PARA RECEBER VOCÊ.**

Uberlândia é uma cidade que adora receber bem as pessoas. Quem visita Uberlândia conta com uma moderna rede hoteleira, eficiência em serviços, gastronomia de alto nível, variedade de opções de compras, lazer e entretenimento, estrutura completa de saúde e natureza exuberante. Aproveite tudo o que nossa cidade tem pra você. Bem-vindo a Uberlândia.



Ser cidade educadora é cuidar das pessoas.

uberlandia.mg.gov.br
[facebook.com/PrefUberlandia](https://www.facebook.com/PrefUberlandia)
[@prefuberlandia](https://www.instagram.com/prefuberlandia)

Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, p. 2).

De forma complementar, selecionamos no *Guia* de 2019, a fotografia exposta na Figura 11. Com o título “Vem viver, inovar, investir”, esse *Guia*, além de inserir várias discursividades não identificadas no *Guia* de 2015, emprega o mosaico na apresentação das fotografias. Trata-se de uma montagem discursiva, na qual o tamanho e a posição das fotografias têm relação com o destaque dado à discursividade. As fotografias que tratam da saúde, do lazer e da inovação, por exemplo, são maiores que as fotografias que tratam da arquitetura e da indústria.

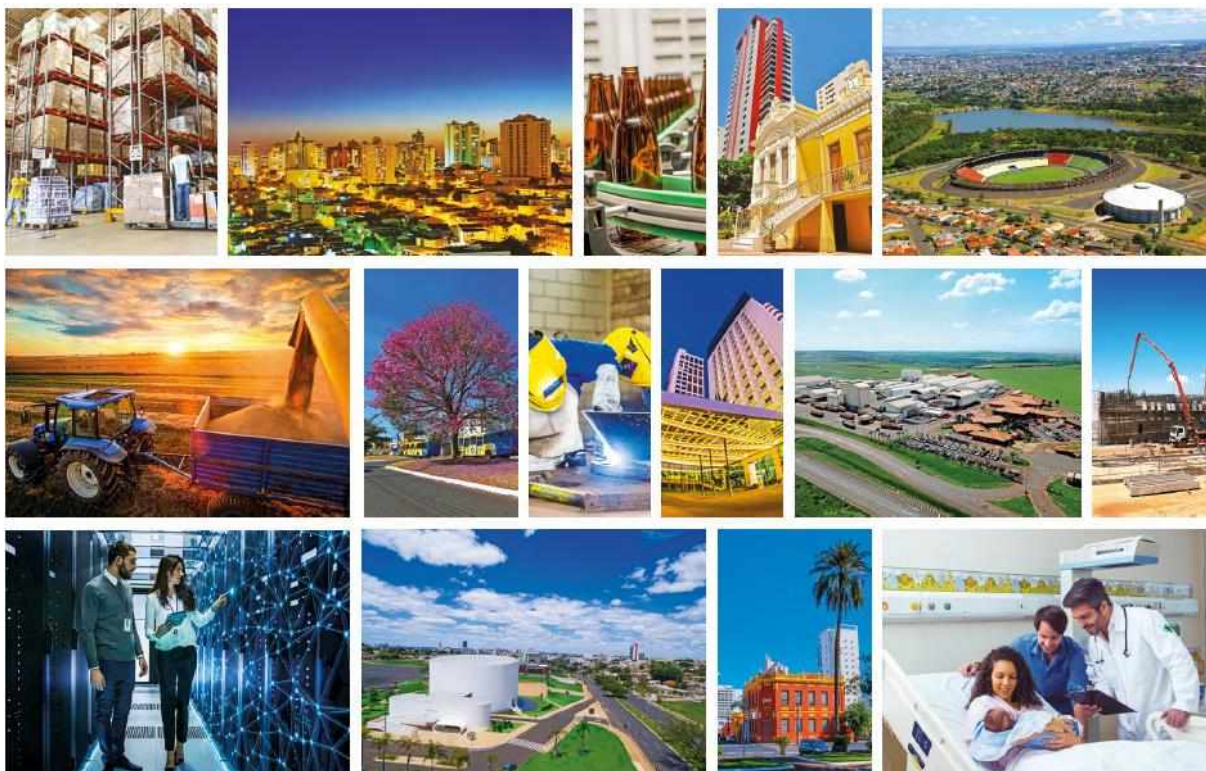
O mosaico que compõe a Figura 11 é composto por 14 fotografias: na primeira sequência, da direita para a esquerda, podemos observar: 1. grande estabelecimento atacadista; 2. vista aérea da cidade; 3. linha de produção de uma indústria de bebidas; 4. fachada de um prédio histórico ao lado de um edifício alto e; 5. espaços de lazer: estádio e Parque do Sabiá. Na segunda sequência, da direita para a esquerda: 1. colheita de grãos com uso de maquinários; 2. um ipê roxo; 3. processo de produção em uma indústria siderúrgica; 4. prédio alto com arquitetura moderna; 5. aglomerado de indústrias e; 6. obra de construção civil com a utilização de equipamentos modernos. Na terceira e última sequência, também da direita para a esquerda, podemos observar: 1. trabalhadores em uma empresa de tecnologia digital; 2. o teatro municipal; 3. prédio de arquitetura antiga com um prédio alto e moderno ao fundo e; 4. um médico, um casal e uma criança recém-nascida em um hospital bem equipado.

O próprio nome do *Guia* de 2019 já põe em funcionamento as discursividades da inovação e do investimento: “Vem viver, inovar, investir”. Ao contrário do *Guia* de 2015, o *Guia* de 2019 não traz a informação de se tratar de um “guia turístico”. Estão em funcionamento, por meio das fotografias que mostram paisagens, a cidade ao amanhecer, espaços de cultura e a preservação de construções antigas, produzindo o efeito de sentido de ser Uberlândia uma cidade para “se viver”. Funcionam também, por meio das fotografias de altos edifícios, indústria, hospital, agronegócio etc., os discursos do progresso, da inovação e do empreendedorismo, produzindo como efeito de sentido de que Uberlândia é uma cidade ideal para “inovar” e “investir”.

A fotografia do nascimento do bebê, em um leito de hospital com equipamentos modernos e avançados, produz como efeito de sentido de que o recém-nascido terá, em sua vida, todas as oportunidades que uma cidade grande e moderna pode oferecer, ou seja, objetiva discursivamente Uberlândia como uma “cidade do futuro”. Entretanto, percebemos que em nenhuma fotografia do mosaico, há pessoas de pele negra. No caso específico da fotografia do hospital, o médico, o pai, a mãe e o bebê recém-nascido são de pele branca, uma

representação imaginária comum de família e de profissional da saúde na *imageité*¹¹, construída nas bases da sociedade ocidental branca, eurocêntrica, patriarcal e colonial.

Figura 11 – Fotografia de apresentação do *Guia* de Uberlândia de 2019



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2019. Apresentação, p. 3).

Os sentidos desse conjunto de imagens é o de uma cidade de tradição e bem estruturada em termos tecnológicos, de serviços e de entretenimento, isto é, significadas no processo discursivo do *Guia*, as fotografias produzem os efeitos de sentidos de que a cidade possui grandes centros atacadistas, saúde moderna, inovação tecnológica, natureza bem preservada e cuidada, espaços de lazer e cultura, agronegócio modernizado, construção civil pujante, prédios históricos conservados e em harmonia com construções modernas, além de uma indústria forte.

Esses efeitos de sentidos são produzidos pela heterogeneidade discursiva instaurada nos *Guias*. Constatamos, por meio da análise das fotografias do mosaico da Figura 11, a predominância dos discursos político e econômico, de inovação e investimento, com destaque para a pujança tecnológica da cidade. Importante destacar que as fotografias do mosaico possuem cores fortes, com predominância para o azul, uma cor geralmente associada à

¹¹ “Imagem nua, imagem ostensiva, imagem metamórfica: três formas da *imageité*, três maneiras de vincular ou desvincular o poder de mostrar e o poder de significar o atestado da presença e o testemunho da história. Três modos também de selar ou recusar a relação entre arte e imagem” (RANCIÈRE, 2012, p. 36).

discursividade empresarial, além de muita luminosidade, nas fotografias diurnas, que apresentam luz natural, e nas noturnas, com o reflexo de luz artificial.

É também do *Guia* de 2019 a fotografia integrante da Figura 12, que traz uma fotografia aérea com um recorte de uma área central da cidade de Uberlândia, utilizada logo no início do *Guia*, também com o objetivo de apresentar a cidade. Em quase todo o recorte fotográfico, é possível visualizar uma grande concentração de prédios e cores variadas. De forma intercalada aos prédios, estão várias construções horizontais. Nos espaços onde é possível visualizar ruas e avenidas, há várias árvores com cores verdes fortes, instaurando efeitos de sentidos de se tratar de uma cidade arborizada e ecologicamente planejada.

As cores fortes, a nitidez e os contrastes perfeitos, demonstram que houve tratamento fotográfico na imagem, melhorando aspectos e corrigindo possíveis imperfeições para que a fotografia integrasse o *Guia* com o propósito de atrair investidores para a cidade. Entendemos que as cores vivas, bem delineadas e o azul forte ao fundo do recorte da fotografia, que demonstra um horizonte infinito, marcam, ao mesmo tempo, a heterogeneidade discursiva mostrada e constitutiva na construção dos sentidos do que é uma cidade perfeita para se viver, inovar e investir.

Figura 12 – Fotografia aérea da cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2019, p. 4).

Considerando ser o *Guia* um suporte discursivo que se propõe a orientar e conduzir “alguém” a “algo”, consideramos pertinente destacar o alinhamento às suas condições de produção, ou seja, são produzidos por gestões da cidade, com filiações políticas e propostas comerciais e econômicas que se alinham a uma perspectiva neoliberal de desenvolvimento: inclusão social, justiça, equidade são outras propostas que poderiam ser, mas não têm espaço nesse tipo de discurso.

No caso dos dois *Guias* analisados, o de 2015 se intitula como turístico e o de 2019 é direcionado a investidores. Portanto, ambos foram produzidos para mostrar o município de Uberlândia para um público externo, nacional e internacional (potenciais investidores, de pessoas com poder aquisitivo que podem gastar na/com a cidade). Dessa forma, constamos ênfase, seja por meio de fotografias, seja pelos textos que as acompanham, de discursos que versam sobre qualidade de vida, inovação e investimento, mas não percebemos nenhuma referência ou menção à existência de projetos de inclusão, hortas solidárias, associações de moradores etc., o que destaca a heterogeneidade nos *Guias*.

Percebemos, ao observar a heterogeneidade do município de Uberlândia, uma sobredeterminação do social pelo urbano, ou seja, um urbano asséptico, pronto para ser vendido aos sujeitos aptos a consumi-lo. Orlandi (2004) discute a formulação dos sentidos na cidade, o que a autora chamou de discurso do urbano. Assim, percebemos uma sobreposição do discurso do urbano sobre o urbano, e nesse discurso do urbano, identificamos conceitos ideológicos em funcionamento e a cidade sendo pensada enquanto produto a ser vendido, consumido. Nesse sentido, Orlandi destaca como ocorre o processo de interpretação e produção de sentidos:

[...] diante de qualquer objeto simbólico, somos instados a interpretar: o que “x” quer dizer? Há injunção à interpretação e ao mesmo tempo há uma ilusão de conteúdo (de “x”). Entretanto quando se pergunta pelo sentido, o sujeito sempre nos faz um relato, nos conta uma “história”: é a construção discursiva do referente (do “x”). [...] Na realidade não há um sentido (conteúdo), não há senão funcionamento da linguagem. No funcionamento, o sujeito da linguagem é constituído por gestos de interpretação [...] O sujeito, em uma palavra, é a interpretação. E é por aí que o sujeito é afetado pela ideologia, pelo efeito de literalidade, pela ilusão de conteúdo, pela construção da evidência do sentido, pela impressão do sentido-lá (ORLANDI, 2004, p. 21).

Compreendendo a sobreposição do discurso do urbano sobre o urbano, percebemos nos *Guias* analisados a não visibilidade de questões relacionadas aos problemas urbanos, considerando os objetivos para os quais o suporte *Guia* foi produzido. Nesse sentido,

problemas como violência urbana, ausência de espaços para lazer nos bairros e falta de emprego também existem no município de Uberlândia, não ganharam visibilidade nos Guias analisados, mas sim, em mídias jornalísticas. É o que demonstra a fotografia inserida na Figura 13, publicada na página policial do jornal eletrônico “Patos de Minas”, na edição de 2 de outubro de 2019. Com a manchete “Jovem é morto a tiros no Bairro Taiaman em Uberlândia”, a notícia informa o homicídio de um homem de 28 anos, ocorrido no dia 1 de outubro de 2019, no final da manhã, no cruzamento das Ruas Clarinetes e Saxofones, no bairro Taiaman, em Uberlândia. A notícia ressalta, ainda, que, de acordo com a Polícia Militar, o jovem foi atingido por cerca de oito disparos de arma de fogo, não resistiu aos ferimentos e faleceu no local

A imagem fotográfica é impactante e, ao que parece, foi produzida por meio de uma câmera de segurança existente no cruzamento onde ocorreu o homicídio. Bem ao centro da fotografia, vemos um homem usando capacete e com a arma de fogo (revólver) apontada para outro homem, caído ao chão. Uma contradição importante diz respeito aos nomes das ruas onde houve o homicídio, conforme destacado na notícia: Ruas Clarinetes e Saxofones. Não foram os nomes culturais, relacionados a instrumentos apreciados, geralmente por um público seletivo, que impediu a existência de violência e do homicídio.

Figura 13 – Fotografia que mostra a violência em Uberlândia



Fonte: Patos Notícias. (2019).

Interessante observar, ainda, que a notícia foi publicada em um jornal de Patos de Minas, e não de Uberlândia, o que reforça o impacto social do ocorrido. Embora faça parte da região do “Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”, Patos de Minas está distante aproximadamente a 250 Km de Uberlândia. O crime foi bárbaro e violento, ocorrido em plena “luz do dia”, em um bairro periférico do município de Uberlândia, conhecido pelos altos índices de violência e tráfico de drogas.

Várias reflexões podem ser feitas ao se analisar a fotografia apresentada na Figura 13. Primeiro, referindo-nos aos *Guias* de Uberlândia, não foi verificada nenhuma fotografia ou informação que tratasse da segurança pública. Segundo, esses Guias reproduzem a discursividade de que Uberlândia é uma cidade segura para se viver. Os efeitos de sentido que parece estabilizar é o de que a violência espanta os turistas e investidores, por isso não ter sido tratada nos *Guias*.

Outra questão que os *Guias* não dão visibilidade, diz respeito à coleta e destinação final dos resíduos produzidos pela população. Em ambos os *Guias*, não foi encontrada nenhuma informação quanto ao tratamento final do lixo: se há coleta seletiva e, ainda, se existem “ecopontos” ou aterros sanitários para esse fim. Percebemos que a discursividade da reciclagem e de cuidados para com o meio ambiente não ganham visibilidade nos *Guias*.

O problema da falta de coleta do lixo, bem como o seu descarte inadequado, ganha visibilidade em uma mídia jornalística do município de Uberlândia, conforme se observa na fotografia da Figura 14, publicada no editorial do jornal eletrônico “Diário de Uberlândia”, em 31 de maio de 2016. Logo acima da fotografia, o jornal estampou a manchete: “Terreno no Santa Mônica está se transformando em lixão a céu aberto; moradores protestam”. Abaixo da fotografia, o jornal enuncia que “muito se cobra do poder público serviços essenciais, como limpeza das ruas, avenidas, praças e demais locais, mas a população também precisa fazer a sua parte”.

A notícia continua, logo abaixo da fotografia, informando que, “para que os moradores possam exigir seus direitos, também precisam zelar pelo lugar onde vivem”, uma vez que “os objetos estão invadindo a via e atrapalhando o tráfego de veículos e pedestres”. A notícia finaliza dizendo que, segundo uma internauta não identificada, a limpeza já teria sido solicitada junto à Prefeitura Municipal de Uberlândia, mas que, até aquele momento, não houvera uma ação efetiva (Jornal Diário de Uberlândia, 2016).

O local da imagem está situado no Bairro Santa Mônica – bairro central, conhecido por ser um bairro de classe média e por abrigar a Universidade Federal de Uberlândia. Trata-se de um bairro extenso, significado como sendo um local “bom para se morar”. A fotografia

mostra, contudo, que mesmo bairros de Uberlândia com mais infraestrutura possuem problemas que interferem na qualidade de vida divulgada pelos *Guias*. Na fotografia, observamos, escrito no muro, provavelmente pelos moradores, o cronograma de coleta do lixo e a orientação “embale seu lixo”. A montanha de lixo acumulado possibilita depreender que o cronograma não é cumprido pela Prefeitura.

Figura 14 – Fotografia que mostra um lixão a céu aberto em bairro de Uberlândia



Fonte: Diário de Uberlândia. (2016).

O discurso de cidade ideal para se viver, inovar e investir, constitutivo dos *Guias* de Uberlândia, não contempla a existência de campanhas educativas, por parte do Poder Público Municipal, bem como coleta sistemática do lixo e a destinação final dos resíduos coletados. A discursividade de cidade limpa e com natureza preservada, com belas praças e lugares para prática de atividades ao ar livre não informa o que é feito pelo município para “mantê-la sempre limpa, bem cuidada e com a natureza preservada”.

É também em uma mídia jornalística do município de Uberlândia que encontramos uma heterogeneidade discursiva também não presente nos *Guias* analisados, que trata da

disponibilidade de espaços públicos de lazer. A fotografia da Figura 15 foi publicada no portal da Globo – G1 Triângulo, em 27 de novembro de 2014, um ano antes da publicação do *Guia* de 2015. Logo acima da fotografia, há a manchete: “Grupo se mobiliza e cria cavaletes pedindo praça e lazer em Uberlândia”. Na notícia, há destaque para o fato de que moradores dizem que falta espaço para atividades no Bairro Morumbi.

No primeiro plano da fotografia, há um cartaz com algumas inscrições ilegíveis e a pergunta: “Morumbi cadê a praça???”. Mais ao fundo, visualizamos outro cartaz, mas não é possível ler os seus dizeres. Visualizamos alguns postes que dão suporte à rede elétrica. Ao que parece, quando o bairro foi construído, o espaço ficou reservado à Prefeitura para a construção de uma praça, mas não se vê nenhuma praça, apenas um terreno aberto. A repetição do sinal de interrogação três vezes, no cartaz, enfatiza a pergunta e a cobrança e provoca efeitos de sentidos de sinal de resistência dos sujeitos moradores do bairro por não aceitarem o descaso por parte da Prefeitura Municipal.

Figura 15 – Fotografia de grupo que se mobiliza pedindo a construção de uma praça em Uberlândia



Fonte: G1 – Portal da Globo - Triângulo Mineiro. (2014).

A notícia segue dizendo que os cartazes, distribuídos em áreas verdes do Bairro Morumbi, foram criados por jovens que participam do projeto “Fica Vivo”, que tem como objetivo controlar e prevenir a ocorrência de homicídios em áreas com altos índices de criminalidade e que a intenção das intervenções urbanas é mostrar a necessidade de um espaço de lazer na região.

Os *Guias* do município de Uberlândia mostram vários espaços reservados ao lazer, entretanto, a ênfase dos *Guias* recai sobre o Parque Municipal, conhecido como “Parque do Sabiá”. Não há nenhuma referência à existência de espaços de lazer nos bairros mais periféricos para os sujeitos que não têm condições de frequentar o Parque.

Percebemos, pela fotografia da Figura 15, uma denúncia direta ao Poder Público Municipal: o espaço para a construção da praça pública já existe, o que falta faltam são os devidos investimentos. Para fins de confirmação se algo foi feito no local, o analista de discurso que produz esta reflexão, esteve no local indicado na fotografia. A constatação é que a praça requerida pelos sujeitos em 2015 foi construída, entretanto, apenas com calçamento e iluminação, sem a instalação de espaços para a prática de esportes ou para a realização de atividades físicas.

Outra discursividade que ganha visibilidade em uma mídia jornalística do município de Uberlândia se refere à falta de emprego formal para todos os sujeitos que habitam a cidade. Ao contrário do *slogan* do *Guia* de 2019, “Vem viver, inovar, investir”, a fotografia da Figura 16, que mostra uma enorme fila de sujeitos em busca de emprego, foi publicada em uma notícia no Portal V9, da TV Vitoriosa, afiliada ao SBT, em 19 de março de 2018 e traz a manchete “Pessoas formam longas filas desde às 6 da manhã em busca de emprego na unidade do Sine em Uberlândia”.

A fotografia mostra uma grande fila de pessoas em busca de oportunidade de trabalho formal. Percebemos que a fila é composta por indivíduos de diferentes gêneros e faixas etárias. Alguns em pé, outros sentados na calçada, aguardam a abertura do Sistema Nacional de Emprego (Sine) para tentar encontrar uma oportunidade. Segundo a notícia, a diretora regional da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese) disse que “nós precisamos de uma economia que absorva toda essa mão de obra excedente, toda essa mão de obra que ficou desempregada a partir de 2015. Nós precisamos de uma economia em franco crescimento”.

Figura 16 – Fotografia de pessoas em busca de emprego na unidade do Sine em Uberlândia



Fonte: V9 – Portal da TV Vitoriosa, afiliada ao SBT. (2018).

Ao se olhar para a fotografia da Figura 16, percebe-se que o objetivo do portal jornalístico é denunciar o problema do desemprego no município de Uberlândia, portanto, anterior à elaboração e à produção do *Guia* de 2019, o que conflita com a informação de ser Uberlândia uma cidade boa para se viver. A análise da fotografia e da notícia escancara uma contradição do capitalismo hodierno: o direito do sujeito a ter trabalho e a produção do desemprego.

4. O IMAGINÁRIO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA NOS *GUIAS* E NAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS

“O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada. O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis”.

(Arlindo Machado)



Na mesma cidade, o mesmo olhar sobre recursos hídricos naturais, em suportes discursivos diferentes.

Antes de iniciarmos nossas considerações quanto ao imaginário, em particular o imaginário urbano, consideramos pertinente compreender o que seja memória discursiva. De acordo com Orlandi (2017), para Pêcheux (2014a), a memória discursiva é trabalhada pelo interdiscurso, ou seja, “algo fala antes, em outro lugar e independentemente”. Trata-se, portanto, do já dito que constitui todo o dizer (ORLANDI, 2017, p. 24). É a memória discursiva que integra o conjunto das formações discursivas, do interdiscurso e do intradiscursivo (PÊCHEUX, 2014a) que constituirão o imaginário.

Enquanto suporte, os *Guias*, em particular os *Guias* das cidades, são elaborados por especialistas responsáveis por identificar espaços e lugares considerados significativos e disponibilizar, na forma orientação, informações para um público que não conhece o lugar, contemplando discursividades e, na forma de imagens, aquilo que, do ponto de vista publicitário, possa atrair visitantes. Dito de outra forma, os *Guias* produzem / (re)produzem o imaginário da cidade, dando visibilidade ao cotidiano e à história construída pelos sujeitos que a habitam, uma vez que a relação do sujeito no processo discursivo e de significação é sempre imaginária. Nesse sentido, os *Guias* são projeções ideológicas e sociais dos sujeitos no discurso do imaginário urbano, em nossa análise, do município de Uberlândia.

Ao seu modo, também enquanto suporte, as mídias de cunho jornalístico se propõem a informar, a apresentar e a denunciar fatos e situações que acontecem na cidade. Conforme ressalta Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c) quanto à ideologia em funcionamento no discurso, enquanto veículo de comunicação, as mídias jornalísticas são pensadas e produzidas por sujeitos, com suas histórias imbricadas pelo interdiscurso e pelo já-dito, e seguem os padrões ideológicos e as linhas editoriais emanadas pelo jornal ou pela emissora jornalística, (re)produzindo discursividades que também representam o imaginário urbano da cidade.

Com relação ao imaginário, é na Análise de Discurso, iniciada por Pêcheux (2014a) e continuada por importantes autores, como Orlandi (2020), Lagazzi-Rodrigues (2017) e Zoppi-Fontana (2017), dentre outros, que buscamos ancorar nossas reflexões. Para a análise de discurso, o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem, ou seja, é constituído com a linguagem em funcionamento, considerando a história dos sujeitos em suas relações com outros sujeitos.

Pêcheux (2014a) concebe o imaginário como formação discursiva, sempre em relação a outros imaginários, ou seja, a outras formações discursivas. Ao analisar as condições de produção do discurso, bem como as formações discursivas, o autor questiona o esquema de comunicação, apontando que “duas famílias de esquemas” estão em competição, ou seja, um esquema “reacional ou estímulo-resposta”, derivado das teorias psicofisiológicas e

psicológicas do comportamento, e um esquema “informacional ou emissor-mensagem-receptor”, derivado das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (PÊCHEUX, 2014a, p. 79).

Frente a isso, Pêcheux (2014a) esclarece que a teoria da informação, subjacente ao esquema de comunicação, faz funcionar o discurso, o que não implica necessariamente a troca de informações entre A e B, mas sim um “efeito de sentidos” entre A e B. Os lugares, representados por A e B (patrão e empregado, por exemplo), estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Dessa forma, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do outro, afirmando que “todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82-83).

Em sentido próximo, Orlandi (2020) também tece reflexões sobre o imaginário ao tratar das condições de produção que constituem os discursos, afirmando que tais condições funcionam de acordo com “certos fatores”, sendo um deles, a “relação de sentidos”. Para a autora, “segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros”, pois os sentidos resultam de relações. Assim, um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros, dado que “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo”, o que constituirá o imaginário (ORLANDI, 2020, p. 39).

Ao se analisar o imaginário, em particular, o imaginário urbano, há um aspecto importante a ser considerado: o mecanismo da antecipação. Para Orlandi (2020, p. 39), “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”, fazendo com que haja uma antecipação ao interlocutor quanto ao sentido do que foi dito. Esse mecanismo de antecipação regula a argumentação, fazendo com que a forma pela qual o sujeito diga algo seja segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte, o que faz com que seja possível dirigir “o processo de argumentação, visando seus efeitos sobre o interlocutor” (ORLANDI, 2020, p. 39).

Ainda de forma próxima a Pêcheux (2014a), Orlandi (2020, p. 39) esclarece que segundo a noção de relação de forças, pode-se dizer que

o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de um professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de um aluno. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na

“comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno (ORLANDI, 2020, p. 39).

Lagazzi-Rodrigues (2017), em sua discussão sobre texto e autoria contribui, para nossa reflexão quanto ao imaginário, com abordagens interessantes sobre autoria, as quais deslocamos para a construção do imaginário. Ao analisar a autoria textual, ressalta que a qualidade ou condição de autor “deve se tornar um conceito produtivo em nossa relação de sujeito de linguagem com a escrita e com outras linguagens não-verbais, como o desenho, a pintura, o canto, a dança, o teatro, as produções imagéticas e fílmicas, o grafite, a tatuagem”, enfim, as diferentes formulações significantes (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 91). Ressalta que, como Orlandi e Guimarães (1988) afirmam, deve-se considerar “a própria unidade do texto como efeito discursivo que deriva do princípio de autoria passa a ser um princípio necessário a todo discurso” (GOULART, 2017, p. 35), estando na origem da textualidade. Destaca que “localizar o princípio de autoria na origem da textualidade é vincular autor e texto a uma relação processual, o que é muito diferente de afirmar que o autor é a origem do texto ou o contrário” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p.101-102).

Para Lagazzi-Rodrigues (2017),

assumir a autoria colocando-se na origem de seu dizer é fazer do dizer algo imaginariamente “seu”, com “começo, meio e fim”, que seja considerado original e relevante, que tenha clareza e unidade, e dessa maneira, responsabilizar-se pelo que foi dito e pelo que foi silenciado, mas que, colocar-se na origem do seu dizer não é um gesto de vontade, e sim, uma prática num processo. O aprendizado da autoria é uma prática no processo da textualidade, em concomitância, pois o autor se constitui à medida que o texto se configura. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 102).

Ao finalizar a discussão sobre texto e autoria, Lagazzi-Rodrigues (2017) retoma sua análise para o cotidiano das linguagens, o que consideramos de muita relevância para nossa análise. Lagazzi-Rodrigues (2017) destaca a relação necessária entre texto e autoria e que “a autoria não é uma qualidade, mas uma prática na configuração de um texto em diferentes formulações significantes” e sob a determinação da produção dos efeitos de desfecho, unidade, coesão, coerência e responsabilidade, “o que se aplica não apenas ao texto escrito composto em palavras, mas também aos textos que buscam especializar a autoria no desenho, nas imagens, na pintura, na música, na dança, na mímica, no grafite, na tatuagem...” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 109).

As contribuições de Lagazzi-Rodrigues (2017) na análise de nosso material discursivo, principalmente das fotografias, se relacionam na busca do sujeito-autor enquanto responsável pela instauração do imaginário urbano, construído por sujeitos, em suas ações e atividades cotidianas. O cotidiano, como ressalta Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 111), “é muito mais que um espaço indiferente, flutuante e passageiro, mas compreende uma complexidade de relações em diferentes linguagens”. De nossa parte, consideramos que esse cotidiano integra a construção do imaginário urbano, compreendendo uma complexidade de relações em diferentes linguagens, conforme nos apresenta os *Guias* e as mídias jornalísticas do município de Uberlândia.

Zoppi-Fontana (2017) discorre sobre o uso da retórica enquanto recurso argumentativo na linguagem, verbal ou não-verbal. Ressalta que

argumenta-se para direcionar a tomada de decisões ou a relação de ações ou para modificar representações de mundo, isto é, argumenta-se sobre domínios nos quais o homem tem um certo controle e argumenta-se entre e para homens, o que significa reconhecer uma distinção enquanto à argumentação e a eficácia da linguagem, entre o mundo social e o mundo natural (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 197-198).

A argumentação está presente no nosso dia a dia, articulando nossas relações sociais tanto no âmbito do cotidiano familiar e privado quanto em âmbitos mais amplos, mediados pelo espaço público e as mais diversas instituições que regulam as sociedades, como os poderes públicos e a mídia jornalística.

Ao analisar a semântica argumentativa no Brasil como uma forma de retórica argumentativa, Zoppi-Fontana (2017, p. 214) ressalta que Orlandi (2007), ao refletir sobre o silêncio, “entende o interdiscurso como memória do dizer estruturalmente afetada pelo esquecimento e determinada pela história e o considera como condição determinante da diretividade da argumentação”. Ou seja, a orientação argumentativa dos encadeamentos de enunciados no texto é constituída pelo interdiscurso e se sustenta no já-dito. Assim, “a argumentação estabelece o modo de interpretar e compreender o que se segue no texto, e neste sentido, produz textualidade” (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 214).

Deslocando essas discussões para o campo da significação da fotografia, constatamos que o mecanismo da antecipação, as posições-sujeito e o uso da retórica enquanto recurso argumentativo se mostram nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia. Pelo mecanismo da antecipação, os suportes e que analisamos se antecipam para tentar atingir os interlocutores, direcionando suas produções para o público idealizado. Os *Guias*, por

exemplo, são elaborados com o objetivo de convencer investidores, em âmbito nacional e internacional, a realizar negócios ou instalar suas empresas no município, ao passo que as mídias jornalísticas idealizam interlocutores completamente diferentes.

Percebemos a existência de uma relação de forças que se evidencia nas formações imaginárias constituídas em ambos os *Guias*, já que eles “falam” a partir do lugar da Instituição Estado, que possui o poder de “representar” os sujeitos no coletivo urbano e se instaura no funcionamento dos *Guias* enquanto suporte que se propõe a orientar os sujeitos em lugares desconhecidos. Nas mídias jornalísticas analisadas, as fotografias utilizadas para significar a cidade, acompanhadas dos textos, também são estruturadas a partir do mecanismo da antecipação, trazendo, aos interlocutores/leitores, o imaginário urbano da cidade a partir do posicionamento ideológico e social da mídia, dando visibilidade àquilo que a linha editorial permitir.

Dessa maneira, os *Guias* e as mídias jornalísticas se antecipam nos efeitos de sentido que desejam produzir nos sujeitos que habitam a cidade, validando (ou não) o que consideram importante e necessário dar visibilidade. Todos esses

mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de formações imaginárias. Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, que funcionam no discurso, mas suas imagens, que resultam de projeções (ORLANDI, 2020, p. 40).

Quanto à constituição do imaginário, Orlandi (2020) ressalta que são as posições dos sujeitos no discurso que constituem as diferentes posições, o que faz com que o que funciona no discurso “não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias”. Para a autora, é assim que “as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos. E as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia” (ORLANDI, 2020, p. 40-41).

As posições de constituição do imaginário são observadas nos *Guias* e mídias jornalísticas a partir das relações de forças, de sentidos e da antecipação, por parte dos responsáveis pela produção desses suportes. Assim, ao se analisar o funcionamento das formações imaginárias, constatamos diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está constituída na história. A imagem que se tem, por exemplo, do Poder Público como representante dos sujeitos que habitam o município, se evidencia com o recorte do que é considerado relevante mostrar/dizer nos *Guias* do município de Uberlândia.

A heterogeneidade discursiva presente nos *Guias* ressalta ser o município possuidor de atrativos para a prática do turismo, em seus vários aspectos, bem como ser um centro de inovação com uso de tecnologias modernas, instaurando o efeito de sentido de se tratar de um local bom para se conhecer e propício para investimentos e prática de grandes negócios. Pelo mecanismo da antecipação, percebemos tentativas de se instaurar os aspectos políticos e ideológicos que constituem o imaginário urbano do município de Uberlândia. Como exemplos desses aspectos políticos e ideológicos, destacamos a quase homogeneidade das discursividades abordadas em ambos os *Guias* – educação, saúde, investimentos, qualidade de vida etc. –, com ênfase nos mesmos lugares, principalmente, os espaços públicos que possuem gestão do Poder Público Municipal.

Ainda, ao se analisar o imaginário constituído pelo discurso enquanto efeito de sentidos entre locutores, temos que pensar a linguagem em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos. De acordo com Orlandi (2020),

o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique. Daí os efeitos entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos (ORLANDI, 2020, p. 52).

Orlandi (2020), buscando embasamento em Pêcheux (2014a), destaca que,

“necessariamente determinado por sua exterioridade, todo discurso remete a outro discurso, presente nele por sua ausência necessária. Há o primado do interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) de tal modo que os sentidos são sempre referidos a outros e é daí que tiram sua identidade, sua realidade significativa. [...] a ideologia que produz o efeito da evidência, e da unidade, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais” (ORLANDI, 2020, p. 56).

Dessa forma,

a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda do seu significado, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica. [...] Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas (ORLANDI, 2020, p. 57).

As fotografias analisadas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia devem ser compreendidas em seu contexto histórico, sendo a história não “como

uma sucessão de fatos com sentidos já dados, dispostos em sequência cronológica, quando na verdade ela se constitui de fatos que reclamam sentidos [...], cuja materialidade não é possível ser apreendida em si, mas no discurso” (ORLANDI, 2020, p. 97). Orlandi (2020) ressalta que “não deve pensar a história como evolução ou cronologia, mas como filiação, pois não são as datas que interessam, mas os modos como os sentidos são produzidos e circulam” (ORLANDI, 2020, p. 58).

Objetivando compreender o funcionamento do imaginário nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, voltemo-nos às análises.

A discursividade analisada diz respeito à preservação e à conservação dos recursos hídricos naturais. A fotografia da Figura 17 integra o *Guia* de 2019 e está inserida na seção que classifica o município de Uberlândia como “modelo de crescimento sustentável. Logo abaixo da fotografia, o *Guia* apresenta a legenda: “Equilíbrio com o meio ambiente”. No corpo do texto, ressalta que “o modelo de desenvolvimento de Uberlândia está diretamente ligado a ações sustentáveis, visando o equilíbrio entre a distribuição de renda, o crescimento da cidade e a qualidade de vida da população”. Ademais, pondera que “aqui as nascentes são preservadas e os mananciais despoluídos, com excelência no tratamento da água e esgoto, tornando a cidade referência nacional em gestão e qualidade da água” (Guia de 2019, p. 10).

Figura 17 – Fotografia que apresenta Uberlândia como modelo de crescimento sustentável



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 10).

O *Guia* não informa de qual manancial da cidade a fotografia foi tirada, mas apresenta o recorte de um local com a natureza preservada, um rio com cachoeiras de águas cristalinas e muita vegetação verde. A parte superior da fotografia mostra um céu azul, com muitas nuvens brancas. Não é possível verificar a presença de pessoas no local.

A ideia de espaço preservado se fortalece com a verificação de haver poucas ações de intervenção humana: apenas, do lado esquerdo, é possível visualizar alguns postes, o que deduzimos se tratar de uma cerca de arame para separar propriedades (ação humana) e, no meio da fotografia, do lado direito, uma pequena área aberta onde é possível inferir ser uma “clareira” feita para acesso ao rio. A fotografia provoca efeitos de sentidos de ser o local uma área de preservação ambiental.

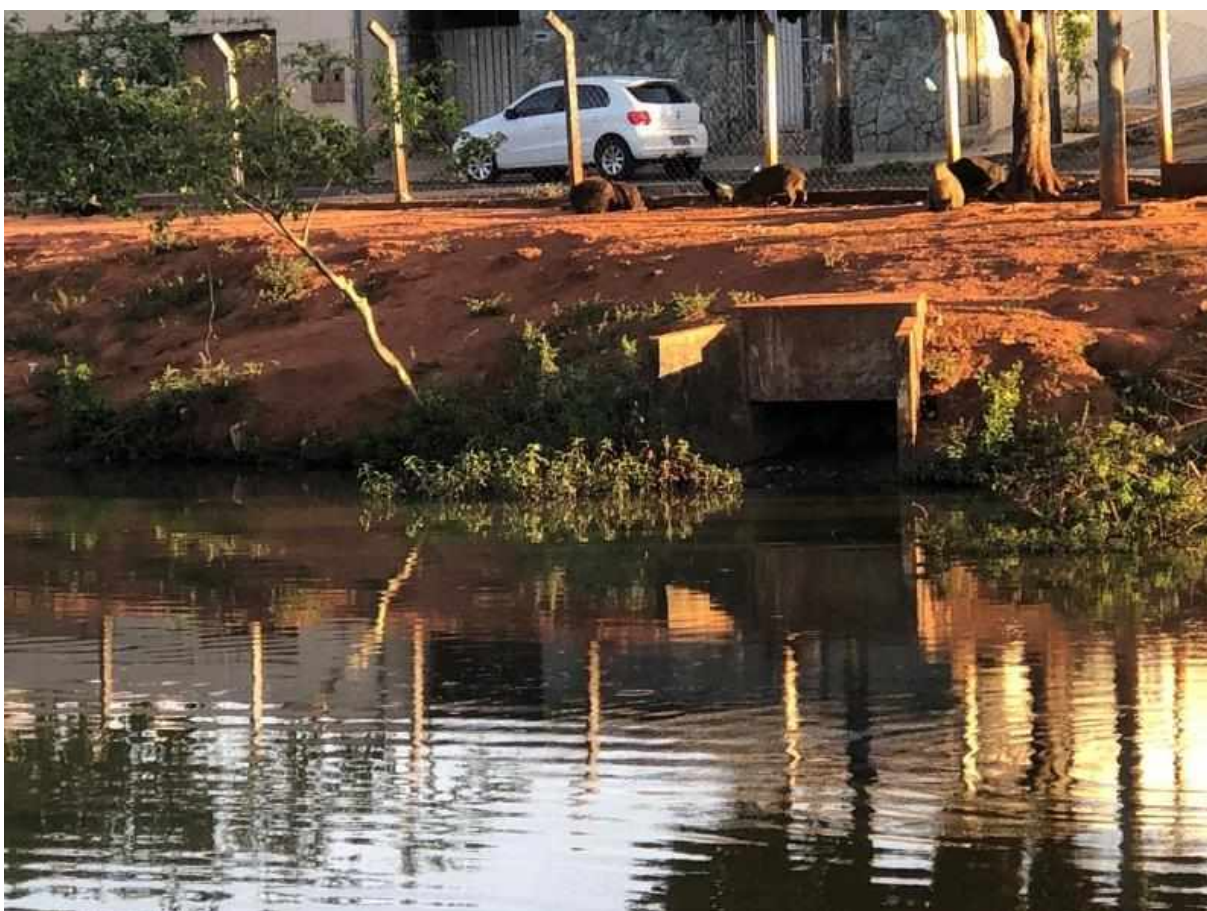
Mesmo a fotografia mostrando as cachoeiras à distância, constatamos a confirmação do discurso de preservação ambiental ao não se visualizar nenhum indício de poluição às margens do rio ou de assoreamento provocados por ações humanas. A vegetação, muito verde, transmite a impressão de um local fora do perímetro urbano. Embora a fotografia apresente uma natureza preservada, ressaltando o imaginário de que Uberlândia seja modelo de crescimento sustentável, consideramos que a não identificação do local onde a fotografia foi tirada pode gerar incertezas quanto à sustentabilidade assegurada pelo *Guia*.

Em sentido contrário, como não preservação do meio ambiente, notamos na fotografia da Figura 18, publicada no Jornal “Diário de Uberlândia”, em sua edição de 06 de setembro de 2020. O recorte da fotografia apresenta o descarte de esgoto em um rio no espaço urbano da cidade.

No recorte que a fotografia apresenta, é possível visualizar, à frente, em primeiro plano, um manancial fluvial, com algumas vegetações bem próximas à água, que, ao contrário da fotografia da Figura 17, não se apresenta cristalina. No meio da fotografia, há uma estrutura do que seja uma rede canalizada para que as águas pluviais cheguem até o rio, mas que está com algum canal receptor de esgoto, recebendo resíduos humanos e poluidores. Logo acima do rio, visualizamos o que seria a “margem do rio”, completamente assoreada e danificada, sem vegetação, sendo possível ver a terra vermelha recebendo raios solares. Um pouco mais acima, próximo a uma cerca de alambrado (tela com fios de arame cruzados), ao lado da margem do rio, há três objetos ao chão, o que deduzimos se tratar de troncos de árvores caídos e quase em estado de decomposição. Do outro lado da cerca, do “lado de fora”, há o encontro de duas ruas, sendo possível ver duas residências e um veículo automotor na cor branca.

A fotografia mostra, portanto, um rio com edificações urbanas praticamente à sua margem. Possivelmente, o bairro que está próximo ao rio foi autorizado pela Prefeitura antes da vigência da legislação que trata da preservação ambiental, já que pela legislação brasileira¹², as matas ciliares às margens dos córregos, das nascentes e dos rios devem ser preservadas.

Figura 18 – Fotografia que mostra o descarte de esgoto nos Córregos Lagoinha e Rio Uberabinha



Fonte: Jornal Diário de Uberlândia. (2016).

Consideramos importante destacar que a fotografia da Figura 18 foi publicada em um jornal de circulação diária na cidade de Uberlândia e disposta logo após a manchete: “Moradores denunciam descarte de esgoto no Córrego Lagoinha e Rio Uberabinha”. Logo

¹² A Lei Federal Nº 12.651, de 25/11/2012 dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. As matas ciliares são entendidas como "área de preservação permanente", com diversas funções ambientais, devendo respeitar uma extensão específica de acordo com a largura dos rios, córregos, lagos, represas e nascentes, sendo que toda a vegetação natural presente ao longo das margens dos rios, e ao redor de nascentes e de reservatórios, deve ser preservada, sendo que a largura da faixa de mata ciliar a ser preservada está relacionada com a largura do curso d'água. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm#art83. Acesso em: 14 ago. 2021.

abaixo da manchete, há a informação de que “leitores do Diário de Uberlândia relatam mau cheiro e morte de animais e que biólogo explica sobre descarte criminoso e vazamento de encanamentos”. Abaixo da fotografia, há uma legenda com os seguintes dizeres: “Moradora do bairro Santa Luzia diz que mal cheiro na região começou há cerca de 15 dias no córrego”.

A notícia, assinada por Bruna Merlin, afirma que o jornal recebeu, naqueles dias, relatos de moradores que notaram um forte odor e águas sujas no Córrego do Lagoinha, na altura do Parque Municipal Santa Luzia, e na extensão do Rio Uberabinha que passa pela avenida Silvio Rugani em Uberlândia. Segundo os denunciantes, os locais estão sendo utilizados para descarte irregular de esgoto. A notícia afirma que um leitor, que preferiu não se identificar, contou ao jornal que sentiu o mau cheiro vindo do rio. Ao verificar, ele notou que a água estava suja, com uma espécie de óleo esverdeado. “Era um cheiro terrível. Parecia que estavam descartando esgoto no local. Em outras ocasiões que passei por lá isso não acontecia”, destacou (Jornal Diário de Uberlândia, 2020).

O jornal ouviu ainda o biólogo Gabriel Lopes, que afirmou que os descartes irregulares de esgoto em córregos e rios no município de Uberlândia, infelizmente, é comum, ainda que o ato seja considerado crime ambiental. Ressalta que “quando é notada a presença do mau cheiro, pode ser alguma fonte de contaminação, principalmente causada por esse descarte irregular. As algas e outros animais que vivem no local morrem com essa contaminação, gerando bactérias que causam esse forte odor”. O biólogo explicou ainda que “para causar esse mau cheiro, é necessária uma grande quantidade de esgoto despejado, sendo assim, pode se dizer que essa situação acontece há bastante tempo nesses lugares citados”. (Jornal Diário de Uberlândia, 2020). Em resposta à notícia, por meio de nota, o Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE) informou que iria empenhar uma equipe de manutenção de esgoto no Parque Municipal Santa Luzia e na Avenida Silvio Rugani para verificar possíveis vazamentos e fazer os devidos reparos.

A visibilidade que o jornal dedica à notícia, na forma de denúncia, está alinhada ao objetivo da mídia enquanto suporte jornalístico. A título de comparação, a denúncia realizada pelo jornal “Diário de Uberlândia”, foi publicada praticamente um ano após a publicação do *Guia* de 2019. A discursividade de que Uberlândia seja uma cidade modelo de crescimento sustentável omite os problemas que acontecem em espaços públicos, dentro do perímetro urbano, que deveriam ser preservados e fiscalizados.

As formações discursivas emanadas do Poder Público Municipal de que a cidade se preocupa com o meio ambiente e cresce de forma sustentável conflitam com as formações discursivas dos sujeitos que habitam a cidade, conforme denunciado pelo jornal. O

imaginário, que se constitui no confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições, demonstra o silenciamento, por parte da Prefeitura, dos problemas com o sistema de esgoto nos *Guias*.

Outra discursividade abordada nos dois *Guias* refere-se ao Mercado Municipal – espaço mantido pela Prefeitura e que se destina à comercialização de produtos típicos, produzidos pelos produtores da cidade. A fotografia da Figura 19 apresenta um recorte da fachada principal do Mercado Municipal de Uberlândia publicada no *Guia* de 2015.

Figura 19 – Fotografia que mostra a fachada principal do Mercado Municipal



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, p. 27).

Na seção “Cartão Postal”, do *Guia* de 2015, há uma fotografia do Mercado Municipal e, logo abaixo, a informação de que o Mercado Municipal, também importante cartão postal de Uberlândia, foi inaugurado em 1944, com arquitetura moderna para a época. Na sequência, há o texto que “o Mercado Municipal fica aberto durante toda a semana e oferece grande variedade em produtos caseiros, como doces e queijos tradicionais e regionais, além de frutas, verduras e legumes selecionados”. O texto finaliza com a informação de que, “além dos

artigos típicos da região, o mercado comercializa peixes, frutos do mar, carnes de todos os tipos, frango caipira, frios, laticínios e congelados, dietéticos e naturais, mel e derivados” (Guia de 2015, p. 27).

A fotografia apresenta o recorte da entrada principal do Mercado Municipal, com um prédio de arquitetura antiga, paredes pintadas na cor amarela e portas e detalhes nas paredes na cor laranja. Há um letreiro fixado na estrutura da entrada principal com os dizeres “Mercado Municipal” e ainda, bem à frente da fotografia, em uma plataforma de identificação, outra estrutura com o texto “Mercado Municipal”, dessa vez na cor azul e fundo amarelo. O calçamento do Mercado foi feito em pedras justapostas, com escadas em seis degraus circundando o prédio e dois corrimões para auxiliar o tráfego nas escadas. Ao lado direito, é possível visualizar parte de um prédio alto e três placas de sinalização pública, o que permite inferir que o Mercado Municipal está em uma área central da cidade. É possível ver, ao fundo, do lado direito, três pessoas caminhando pela calçada da rua lateral. As calçadas apresentam estar em bom estado de conservação, mas não é possível visualizar, no recorte apresentado pela fotografia, a existência de rampas para acesso a pessoas com deficiência.

Embora o *Guia* de 2015 esteja intitulado como turístico, a fotografia utilizada para mostrar o Mercado Municipal não apresenta boa qualidade, as cores não são intensas e falta nitidez em alguns pontos, principalmente mais ao fundo, do lado direito, onde aparecem algumas árvores. Em se tratando de um local público, causou-nos estranheza não haver sujeitos no local e algumas portas fechadas, o que instaura efeito de sentidos de que o Mercado não é atrativo, pois não há visitantes no recorte da fotografia, embora seja possível verificar que a porta que se segue aos corrimões estava aberta.

Essa discursividade sobre o Mercado Municipal é mantida também no *Guia* de 2019. Como se observa na Figura 20, logo abaixo do título “cidade multicultural”, há uma fotografia de uma comerciante em uma loja de doces e pimentas. Logo abaixo da fotografia, há a informação de que o Mercado Municipal “mantém viva a identidade gastronômica e diversidade do agronegócio da cidade” (Guia de 2019, p. 12).

A fotografia, com o recorte de parte de um box interno do Mercado Municipal, apresenta uma comerciante sorrindo e, ao fundo, vários potes com doces e pimentas. Bem à frente, do lado esquerdo, na parte inferior da fotografia, em primeiro plano, há alguns queijos (considerado pelo imaginário urbano como sendo um produto de grande consumo pelos mineiros) e, do lado direito, mais próximo à base da fotografia, outros doces em latas e geleias.

Figura 20 – Fotografia que apresenta um box interno do Mercado Municipal



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 12).

As duas fotografias analisadas (Figuras 19 e 20) demonstram a preocupação dos *Guias* em manter a discursividade de preservação da memória cultural, histórica e urbana. Embora haja informações do Mercado Municipal nos dois *Guias*, observamos que, em ambos, o discurso que prevalece é o de preservação da tradição cultural voltada para o turismo de consumo, e não de um espaço para que os pequenos produtores, sem acesso às redes comerciais, possam comercializar seus produtos de forma acessível, o que traria outras formações discursivas.

Considerando ser o Mercado Municipal um espaço para que os produtores possam expor e comercializar seus produtos, buscamos compreender como ocorre a alocação dos boxes e das salas do mercado. Encontramos, no ano de 2019, no Portal de Notícias G1 Triângulo Mineiro, uma notícia com a informação de que o Mercado Municipal de Uberlândia abria licitação para ocupar os 27 boxes do local. Abaixo da fotografia, em fonte menor, há a informação de que as vagas seriam distribuídas em dez ramos de atividades e que a permissão teria validade de 10 anos.

A fotografia apresenta um recorte de parte da área interna, com a disposição de boxes no entorno do estacionamento, do Mercado Municipal. É possível visualizar seis boxes enfileirados, com arquitetura antiga e paredes pintadas na cor creme. Em um dos *banners* fixados nos boxes, é possível ler “bacalhau, produtos da casa”. À frente dos boxes, é possível vemos mesas e cadeiras dispostas na calçada e, ao fundo, parte de um alto edifício. Bem ao

fundo é possível ver um veículo na cor escura e à frente, do lado direito, na parte inferior da fotografia, várias motocicletas enfileiradas.

Figura 21 – Fotografia que apresenta a área interna do Mercado Municipal



Fonte: Portal de Notícias do G1 Triângulo. (2019).

Logo abaixo da fotografia, o portal traz a informação de que o processo de escolha para alocação dos boxes seria realizado pela Secretaria Municipal de Agropecuária, Abastecimento e Distritos e que as propostas deveriam ser entregues no dia 17 de julho, às 13h, na Diretoria de Compras do Centro Administrativo. Há a informação de que o permissionário deve pagar mensalmente R\$ 31,24 pelo metro quadrado utilizado e os vencedores da licitação serão aqueles que conseguirem a melhor pontuação nos critérios de cada box pretendido.

Dois aspectos chamam a atenção. Primeiro, o imaginário urbano da cidade tem o Mercado Municipal como um espaço onde se encontra produtos típicos do Estado de Minas Gerais, com qualidade e variedade. Ainda, que o Mercado Municipal é o local onde o pequeno produtor, sem condições para colocar seus produtos nas grandes redes comerciais e pagar altos impostos, expõe seus produtos a preço acessível à população. O segundo aspecto diz respeito ao processo licitatório: pelo texto da notícia, o objetivo do Mercado Municipal não é oportunizar ao pequeno produtor um espaço para expor e comercializar seus produtos, e

sim, “selecionar empresas especializadas no ramo de comércio e na prestação de serviço, com avaliação de proposta técnica, que deverá conter, entre outros quesitos, o plano de operação e a estratégia de marketing” (Portal G1, 2019).

O jogo de forças na construção do imaginário urbano, cristalizou a memória de ser o Mercado Municipal um espaço para que os sujeitos pudessem comercializar seus produtos. Entretanto, o espaço se tornou extremamente comercial e seletivo, a começar pelo rol de exigências na licitação e pelo valor a ser pago pelo comerciante para utilizar o espaço do box.

Outro aspecto observado nas análises dos *Guias* refere-se ao discurso do uso de alta tecnologia pelos sujeitos que habitam o município de Uberlândia. Tanto o *Guia* de 2015 quanto o *Guia* de 2019 apresentam essa discursividade, conforme se observa nas Figuras 22 e 23, a seguir dispostas. A Figura 22, inserida no *Guia* de 2015, logo no início da seção “Comunicação”, apresenta o recorte de uma torre de recepção de sinais de telefonia e internet, tendo ao fundo um céu azul escuro e, ao lado da torre, algumas palmeiras ornamentais. A legenda que segue a fotografia informa que “A comunicação em Uberlândia acompanhou o crescimento da cidade, que é referência regional em produtos e serviços deste setor, onde podemos encontrar filiais dos veículos mais importantes para a comunicação brasileira” (*Guia* de 2015, p. 36).

Figura 22 – Fotografia que apresenta o uso de tecnologia no sistema de comunicação



Fonte: Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, p. 36).

O texto segue citando as inúmeras emissoras transmissoras de grandes canais de televisão e rádio instaladas na cidade, além de ressaltar a existência do tradicional jornal diário “Correio de Uberlândia” (hoje extinto, tendo sua última edição circulado em 31/12/2016) e finaliza com a informação de que, na publicidade, “Uberlândia conta com empresas que colecionam importantes prêmios do setor e desenvolvem trabalhos com a mesma qualidade de grandes grupos que atuam nas capitais”. O texto que acompanha a fotografia se encerra e a sequência da seção é de propaganda publicitária de empresas que exploram a área de tecnologia na cidade (Guia de 2015, p. 36).

No *Guia* de 2019, a Figura 23, inserida na seção destinada à “inovação” e disposta logo abaixo da frase “cidade inteligente e humana”, mostra um recorte noturno da cidade, com inúmeros pontos azulados para ressaltar e demonstrar a interconectividade digital. Percebemos que a fotografia foi editada por meio de programas específicos destinados a “melhorar o objeto fotografado” e as conexões na cor azul, “simbolizando” a circulação de tecnologia na cidade, são resultado de softwares de computadores.

O texto que se segue à fotografia é dividida em duas partes: a primeira, logo abaixo de uma frase em negrito com os dizeres “tecnologia, pessoas e o poder público em um novo elo”, há o texto “nossa cidade trabalha para ser mais inteligente e humana, desenvolvendo ações com a melhoria da mobilidade urbana, de conectividade e de educação”. A segunda parte, traz a informação de que “como reflexo do trabalho desenvolvido, Uberlândia é a 3ª cidade no país com mais oferta de serviços inteligentes e entre as 30 mais conectadas e inteligentes, considerando mais de 500 municípios avaliados em uma pesquisa elaborada pela *Urban Systems*” (Guia de 2019, p. 33).

Figura 23 – Fotografia que mostra Uberlândia como cidade inteligente e humana



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 33).

A imagem noturna da fotografia da Figura 23, com muitas luzes acesas e em cores intensas, em contraste com o azul da conectividade digital na forma de ondas que se encontram e se conectam, produz efeitos de sentido de uma cidade com grande potencial econômico. Entretanto, chama atenção o fato de os raios de conectividade não extrapolarem o horizonte da fotografia, o que dá a ler que a conectividade digital não está disponível em todos os bairros do município.

Embora os *Guias* tenham ressaltado que Uberlândia é uma cidade “conectada” e que dispõe aos seus habitantes de uma ampla gama de recursos tecnológicos, reclamações de falta de fornecimento do serviço, principalmente de internet, são recorrentes nos meios de comunicação. Em maio de 2020, o Portal G1 da Globo publicou uma notícia com a informação de que 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet, o que mostra as dificuldades no ensino a distância.

A Figura 24 apresenta uma pessoa utilizando um computador de mesa. A notícia esclarece que, dentre as dificuldades do ensino remoto implantado em função da pandemia mundial do coronavírus (Covid-19), instalada em Uberlândia em março de 2019 com o fechamento de estabelecimentos comerciais e de instituições de ensino, a falta de equipamentos tecnológicos, dentre outras infraestruturas básicas, são barreiras para o ensino remoto durante a pandemia.

Figura 24 – Fotografia que apresenta o uso de computadores para o ensino remoto



Fonte: Portal de Notícias do G1 Educação. (2019).

Na notícia, Gabriel Corrêa, gerente de políticas educacionais da ONG “Todos pela Educação”, afirma que as desigualdades já existiam, mas foram acentuadas durante a pandemia. Um aspecto importante a ser considerado é que, quando se pensa em acesso à tecnologia, o imaginário popular leva em conta o uso de telefone celular. Entretanto, o acesso completo à tecnologia vai além do uso apenas do *smartphone*. Para que um aluno possa, por exemplo, acompanhar as atividades remotas, precisa ao menos de um computador com acesso à internet de qualidade. A notícia afirma que, em geral, as famílias só têm TV e celular.

Embora a notícia demonstre que o acesso à tecnologia não é completo em nível nacional, em maio de 2013, o mesmo portal G1¹³ publicou uma outra notícia informando que problemas de queda de internet e interrupção nos serviços de telefonia compromete serviços em MG e GO. O texto afirma que diversas cidades do interior de Minas Gerais e de Goiás ficaram durante um dia inteiro sem o serviço. Em Uberlândia, vários sujeitos apontaram os prejuízos causados pela falta do serviço.

Ao se analisar os *Guias* de 2015 e 2019, temos a impressão que a disponibilidade de alta tecnologia na cidade de Uberlândia é feita de forma linear e que todos os habitantes podem fazer uso. O discurso de acessibilidade e de disponibilidade de novas tecnologias ressaltado nos *Guias*, não resalta a preocupação para com a manutenção desses serviços. Percebemos, assim, conforme denunciado pelo portal de notícias, a falta de manutenção dos serviços, principalmente, de telefonia e de internet. Quando há problemas na qualidade do serviço ou interrupção no fornecimento, o “efeito cascata” se instala e inúmeras empresas e estudantes ficam prejudicadas.

Outro tema selecionado para análise se refere aos serviços de transporte de passageiros. Essa escolha se deu em função dos discursos veiculados, em ambos os *Guias*, de que Uberlândia é uma cidade com localização geográfica privilegiada e com fácil acesso a vários lugares e Estados. Para tanto, selecionamos a Figura 25 que retrata o Terminal Rodoviário de Uberlândia no *Guia* de 2015.

A fotografia é noturna, com o recorte de parte do terminal, do local onde os ônibus são estacionados para embarque e desembarque de passageiros. É possível visualizar muitas luzes acessas, transmitindo efeitos de sentido de se tratar de um local moderno e que oferece tranquilidade e segurança para os usuários.

Ao centro da fotografia, à frente das plataformas para estacionamento dos ônibus, é possível visualizar um espaço que se assemelha a uma praça, com gramas, coqueiros em

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/05/queda-de-internet-e-telefonia-compromete-servicos-em-mg-e-go.html>. Acesso em: 5 jan. 2021.

vários tamanhos e algumas luminárias acesas. Mais ao fundo do recorte fotográfico, vemos o céu noturno, com algumas nuvens na cor esbranquiçada. A fotografia permite verificar, mesmo ao longe, o que seriam dois ônibus estacionados nas respectivas plataformas e, ainda, parte de um letreiro com a palavra “restaurante”.

Figura 25 – Fotografia que mostra o Terminal Rodoviário de Uberlândia



Fonte: *Guia de Uberlândia*. (2015, p. 86).

Logo abaixo da fotografia, há um texto em português e em seguida, em inglês, com informações de que a Rodoviária de Uberlândia conta com diversos serviços para tornar a passagem pelo terminal mais agradável, como caixas eletrônicos, guarda volumes, achados e perdidos, órgãos públicos e salas de espera, além de estacionamentos coberto e descoberto e lojas comerciais. O texto ressalta que a rodoviária está adaptada para receber portadores de necessidades especiais e que conta com rampas de acesso nas áreas de embarque e desembarque. Além disso, afirma que na área de compra de passagens, há um guichê destinado aos idosos. Destaca que o lugar conta com um estacionamento coberto e outro descoberto e que, juntos, somam 235 vagas. Ademais, o terminal disponibiliza um posto de atendimento ao migrante, além do Balcão de Informações. Para concluir, o texto informa que

o setor de achados e perdidos e o serviço de guarda-volumes também funcionam no terminal e que a Rodoviária de Uberlândia oferece uma sala de espera equipada com 200 cadeiras para os que precisam esperar o horário de seu embarque (Guia de 2015, p. 86).

Pela fotografia, é possível ler que se trata de um local bonito, bem iluminado e bem cuidado, rompendo com o senso comum, prevalente no imaginário popular, de que um terminal rodoviário é sempre um local com amontoado de gente e com ambiente sujo.

Figura 26 – Fotografia que mostra andarilho espancado próximo à Rodoviária de Uberlândia



Fonte: UIPI! TV Vitoriosa. (2018).

Em sentido contrário ao que a fotografia da Figura 25 apresenta no *Guia* de 2015, conforme demonstrado na fotografia da Figura 26, o portal “uipi!” (site jornalístico de notícias) da TV Vitoriosa de Uberlândia, de 3 de abril de 2018, veiculou uma notícia, assinada por Raul Neto, com o título “Andarilho é espancado próximo a rodoviária de Uberlândia”, proporcionando um olhar diferente, sobre o mesmo local, em um suporte distinto.

A notícia dá conta, ainda, que, na “Praça da Bíblia”, próximo ao Terminal Rodoviário Castelo Branco, no bairro Martins, um homem todo ensanguentado pediu ajuda para a Polícia Militar. A vítima, que não foi identificada no momento da ocorrência, disse aos militares que quatro homens desconhecidos o agrediram a pauladas. De acordo com o cabo da Polícia João

Batista, há uma suposição que o andarilho foi agredido por causa de drogas, uma vez que ele já é conhecido da guarnição policial. Ele foi conduzido para Unidade de Atendimento Integrado (UAI), pelo Corpo de Bombeiros, com escoriações na perna e na cabeça (Portal Iupi, 2018).

A fotografia dá visibilidade para uma pessoa do sexo masculino, aparentemente jovem, assentada na grama, trajando uma camiseta vermelha, sendo atendida por um profissional de resgate do corpo de bombeiros. É possível visualizar um corte na testa e sangue escorrendo pelo rosto, além de pessoas que observam a cena do resgate.

Outra situação que nos chama a atenção diz respeito à afirmação da notícia de que há “suposição que o andarilho tenha sido agredido por causa de drogas, uma vez que ele já é conhecido da guarnição policial”. Junto aos andarilhos e às pessoas em situação de rua, geralmente, há desentendimentos por causa de pequenos furtos para aquisição de drogas ou homicídios em razão de tráfico de entorpecentes. Essa discursividade de violência e marginalidade, mostrada pelo portal da TV Vitoriosa, já corriqueira nos veículos de comunicação e nas redes sociais, já não causa espanto nas grandes cidades, em especial, nos entornos de pontos de passagem, como rodoviárias.

De forma complementar, buscamos compreender como os *Guias* tratam o aeroporto da cidade. O *Guia* de 2019, ao informar sua existência, apresenta uma fotografia aérea diurna, com um recorte que permite visualizar, à frente, a pista principal para pouso e decolagem, o galpão para recebimento dos passageiros e recepção de bagagens e a sala de espera. Um pouco à frente, percebemos aglomeração de bairros com edificações de pequeno porte e, mais ao fundo, edificações maiores, com aglomerações de prédios. Observamos, mais ao fundo, bairros com edificações menores de forma mais esparsa, o que permite-nos deduzir se tratar de bairros mais afastados do centro urbano. Há, ainda, um céu azul limpo.

Na página onde o *Guia* apresenta a fotografia, há informações complementares que consideramos relevantes. Do lado esquerdo da fotografia, próximo à margem esquerda inferior da página, o *Guia* disponibiliza horários de voos para alguns destinos nacionais e internacionais. Um pouco abaixo, há uma legenda com a informação de estar o aeroporto em uma “localização privilegiada” e que “Uberlândia tem localização estratégica, sendo eixo de ligação entre cinco importantes polos econômicos: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília e acesso aos mercados internacionais” (Guia de 2019, p. 43)

Do lado esquerdo da fotografia, mais ainda fora do recorte fotográfico, há um retângulo na cor amarela com algumas informações: “Aeroporto a 15 minutos do centro”; “É o primeiro de Minas Gerais em movimentação de passageiros, com administração da Infraero,

com capacidade de receber aeronaves de porte”; “Localizado a 15 minutos do centro da cidade, com voos diretos às principais capitais do Brasil”; “1,1 milhão de embarques e desembarques em 2017”; “Mais conforto e segurança com melhoria de reforma e ampliação das áreas internas e nova infraestrutura da pista” e “Multimodal. Implantação do complexo logístico para atender o transporte e armazenagem de mercadorias nacionais e internacionais” (Guia de 2019, p. 43).

Figura 27 – Fotografia que mostra o aeroporto da cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 43).

Observamos, na fotografia, a discursividade do progresso, de desenvolvimento e de qualidade de vida. As informações de tempo de viagem para destinos, nacionais e internacionais, validam a discursividade de Uberlândia estar bem servida de voos para quaisquer lugares do mundo. O recorte da fotografia aérea ressalta a discursividade de que a cidade está bem posicionada geograficamente e é próspera, em franco crescimento, portanto, bem suscetível para “viver, inovar e investir”.

Em 2018, uma notícia, publicada no portal G1 – Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, apresentou o andamento da reforma da pista do aeroporto de Uberlândia, em atendimento à liminar da ação civil pública promovida em desfavor da Infraero. A chamada da notícia, assinada por Caroline Aleixo e publicada no dia 23 de junho de 2018, traz a informação de que o “Ministro dos Transportes anuncia obras de ampliação no aeroporto de Uberlândia”. Na

sequência, assinala que os “Projetos estão sendo concluídos e a previsão é de que a licitação seja feita no próximo semestre. Serão investidos cerca de R\$ 50 milhões no terminal” (Portal G1, 2018).

A fotografia utilizada na notícia, conforme demonstrado na Figura 28, apresenta um recorte da pista do aeroporto tendo uma aeronave estacionada em solo, mais ao lado direito. Em sua parte superior, é possível ver um céu azul, intercalado com nuvens brancas, algumas edificações à frente da pista do aeroporto e uma pequena concentração de árvores verdes mais à margem esquerda. Bem próximo à margem frontal da fotografia, vemos parte da sinalização horizontal na pista, destinada à circulação dos passageiros nos processos de embarque e desembarque. A imagem da pista apresenta pequenas ranhuras, mas não é possível ver mais problemas, haja vista se tratar de problemas de ordem estrutural, conforme destacado na notícia, e que os problemas se agravam mais em período de chuvas, colocando em risco a vida e a integridade dos passageiros.

Figura 28 – Fotografia que mostra a pista do aeroporto da cidade de Uberlândia



Fonte: Portal G1 Triângulo e Alto Paranaíba. (2018).

A análise do texto da notícia, de forma complementar aos *Guias*, coloca em evidência a preocupação, de fato, para com o transporte dos passageiros, de forma segura e com rapidez.

Quanto ao aeroporto, os efeitos de sentido de uma cidade com localização geográfica estratégica e com acesso rápido a várias partes do país são confirmados com o olhar para as fotografias inseridas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia.

5. O POLÍTICO NA SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

“Fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, o olho e o coração”.
(Henri Cartier-Bresson)



O político em funcionamento na fotografia: na primeira, diurna, apresenta Uberlândia enquanto potencial turístico; na segunda, noturna, mostra a cidade como potencial de investimento.

Neste capítulo, discorreremos sobre como o político se articula no funcionamento das formações discursivas que constroem o imaginário urbano do município. Não nos interessa, diretamente, identificar posicionamentos político-partidários em funcionamento nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, buscamos compreender como o político, enquanto construção histórica dos sujeitos, por meio de formações discursivas e ideológicas, se articula e está em funcionamento no material analisado.

Esclarecido nosso posicionamento, podemos afirmar que o político está presente na significação. Isso porque, como ressalta Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), a significação é construída pelos sujeitos ao longo da história, e essa não lhes é transparente, mas está incorporada pelo imaginário e pelo político que a constitui. O político, assim, é constitutivo na significação do espaço, significado pelos sujeitos a partir de suas posições ideológicas, com as formações discursivas, os interdiscursos, os gestos de leitura e interpretação.

Ao se analisar o espaço, em nosso estudo, o espaço urbano do município de Uberlândia, cabe ressaltar ser

impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessário referi-la ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção (PÊCHEUX, 2014a, p. 78).

As fotografias selecionadas pela Prefeitura Municipal para compor os *Guias* do município e pelas equipes editoriais das mídias jornalísticas propiciam, ao analista de discurso, identificar memórias históricas e políticas dos sujeitos que habitam Uberlândia, abrindo caminhos para se pensar a atualidade, os efeitos de sentidos, os efeitos metafóricos, as condições de produção, os processos discursivos, as formações imaginárias, as relações de sentidos, as relações de força e a antecipação que significam os sujeitos, não sendo possível descartar, na análise do espaço e do político, a história da cidade e seu imaginário urbano.

Os sentidos identificados pelo analista de discurso levam em consideração a história e o sujeito, com as imbricações daí advindas. Propondo um deslocamento da Análise de Discurso para o campo da fotografia, observando-a enquanto materialidade discursiva, avança-se para o seu funcionamento enquanto significação. Com esse deslocamento, não se analisa a fotografia como documento literal, que guardaria em si significados que poderiam ser decodificados, mas sim buscamos compreender como seus elementos estéticos – cor, composição, enquadramento, ângulo – funcionam junto às condições de produção em processos discursivos e na constituição de imaginários relativos ao discurso urbano.

O sentido da fotografia não está pronto apenas na imagem, ou melhor, não lhe é transparente. Na análise, se imbricam ainda questões sobre a língua, a história e o sujeito e a relação com outras fotografias, retiradas de outras fontes, e com as quais dialogam. Nesse sentido, conforme ressalta Pêcheux (2014b),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014b, p. 146).

Ao que associamos à compreensão de que, no caso de fotografias, seus sentidos também não estão nelas, mas nos gestos interpretativos que lhe são lançados por sujeitos que assumem posições no discurso e que as interpretam pelo olhar (HASHIGUTI, 2015).

Pêcheux (2014a) explora as relações de forças existentes entre os elementos antagonistas no âmbito discursivo, as relações de sentidos que remetem um discurso a outro e a antecipação que o orador experimenta ao se colocar no lugar do ouvinte na produção do discurso. Para o autor, é preciso, sobretudo, analisar esse funcionamento não aparente a partir da perspectiva da teoria dos processos discursivos, pois “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 76).

Assim, faz-se necessário pensar a particularidade na produção de sentidos ao se analisar uma fotografia, o que possibilita ao analista identificar determinadas discursividades. É preciso investigar o processo de produção do discurso presente na fotografia, o que faz com que se considere as circunstâncias do processo de produção, seus aspectos estéticos e as imbricações, daí advindas, com o político e o ideológico dos sujeitos na história agindo no processo. Para Pêcheux (2014a), esse funcionamento não é integralmente linguístico, e “não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamaremos condições de produção do discurso” (PÊCHEUX, 2014a, p. 78).

Para compreender a significação do espaço e identificar o político no processo de significação, por meio das fotografias de nosso *corpus*, fez-se necessário considerar o efeito estético e a poiética, conforme considerações desenvolvidas por Soulages (2010), nas análises realizadas. Os efeitos de sentidos provocados no sujeito-receptor das imagens levam em consideração esses aspectos, considerando os materiais analisados inseridos em suportes distintos, em nossa investigação, *Guia* e mídia jornalística.

O cuidado estético para com a fotografia se manifesta de forma mais nítida nas fotografias inseridas nos *Guias*, haja vista os objetivos para os quais esses materiais são produzidos e para quais interlocutores endereçam seus discursos. Dessa forma, em se tratando de *Guia* de cidades, percebemos um tratamento e uma seleção cuidadosa nas fotografias, para a manutenção de uma coesão estética e discursiva do espaço urbano como por elas recortado e organizado. Há uma preocupação, por parte dos sujeitos autores dos *Guias* para com a beleza da cidade, daí a percepção de inserção de recursos para “melhorar” a qualidade e a beleza das fotografias.

Ainda, com mais intensidade no *Guia* de 2019, conforme discutido no capítulo anterior, observamos a utilização de cores fortes, intensas e a correção de possíveis imperfeições em todas as fotografias integrantes do *Guia*. A recorrência de fotos noturnas, com luzes fortes e brilhantes, provoca efeitos de sentidos de uma cidade bonita, agradável de se ver, conhecer, morar e investir; efeitos de que a cidade não para, nem à noite, o que ressalta a discursividade da inovação e de investimentos.

Com relação às fotografias utilizadas pelas mídias jornalísticas, é perceptível a preocupação da estética fotográfica. Entretanto, ao contrário dos *Guias*, a preocupação dessas mídias está em realçar o fato ou a notícia apresentada. O enquadramento e a focalização da fotografia aos detalhes da notícia ou da denúncia fazem mais sentido ao objetivo do suporte, não sendo possível perceber, nas fotografias analisadas, ações que confirmariam o uso de recursos para edição e melhoria das imagens. Como o objetivo principal da mídia jornalística é informar e denunciar, a estética da fotografia é constatada em funcionamento nos detalhes de focalização e nos destaques do objeto fotografado, de forma a provocar, no leitor, impactos para a reflexão e a tomada de posicionamento frente ao fato noticiado ou denunciado. Até porque, como, na maioria das vezes, o objetivo desse suporte é mostrar a precariedade da cidade, qualquer tratamento estético realizado nas fotografias não colocaria o olhar do leitor de encontro aos problemas denunciados, mas poderia deslocar a reflexão para o campo da arte, assim sendo, a denúncia ou tema poderiam se perder.

A identificação do político na significação do espaço urbano considera, ainda, o exterior do discurso, as suas ausências, os não-ditos e a relação com os ditos em outros lugares. Trata-se de uma análise sócio-histórica, em sua dimensão política, no movimento de (re)produção ou transformação das condições materiais e ideológicas de produção. Refletir sobre o político nos espaços tratados nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia significa analisar as condições de produção dos discursos veiculados e

compreender os efeitos metafóricos de deslizamentos que podem resultar nos mesmos e em outros efeitos de sentidos.

Quanto ao discurso político, cabe destacar que ele possui características específicas. Como esclarece Pinto (2006),

o discurso político [...] tem sua verdade sempre ameaçada por outros discursos que buscam impor suas verdades. [...]destinado à sociedade mais ampla, o que exige por um lado grande esforço para consolidar seus significados, e grande esforço para combater outros significados que se apresentem. Isto porque um discurso tem como característica excluir outros, oferecendo uma verdade que necessita silenciar ou desconstruir as outras verdades de outros discursos (LORD, 2018, 287).

Henry (1997), de certa forma, aprimorando o conceito de Pêcheux (2014a), ao discorrer sobre o discurso político, destaca que o discurso possui o condão de conduzir e/ou controlar as relações sociais, sendo o discurso político o principal meio para a materialização da política, o que condiciona a forma como são construídas as interpretações e a visão de mundo dos sujeitos. Os sentidos atribuídos pelo discurso político trazem uma historicidade que permite sua compreensão na sociedade ou grupo social e devem se fazer compreendidos pela sociedade para que o discurso exista (cf. LORD, 2018).

O analista de discurso deve considerar aspectos que extrapolam o que é dito pela discursividade, pois o discurso é controlado por relações de poder. A interpelação ideológica, em funcionamento nos discursos, é o lugar onde se pode observar o efeito da ideologia na língua. Dessa forma, sentido e sujeito são produzidos na história, em sintonia com a ideologia e o político.

O gesto de interpretação do analista leva em consideração a materialidade do material analisado e a construção de dispositivos da interpretação. Em uma análise como a que realizamos, utilizando como *corpus* fotografias e os textos que as acompanham, a materialidade é observada, tanto na estética da fotografia quanto em suas condições de produção, se entendendo para a percepção de ideologias presentes nos textos. Para identificação do político, o analista toma o discurso como categoria que envolve as relações de poder institucionais que geram possibilidades de sentido e de (re)significação. Pêcheux (2014a), de acordo com Orlandi (1998, p. 57), procura “ver como é que esse político, que não é o partidário, está simbolizado e como o homem está nessa simbolização do político”.

Nos discursos veiculados pelos *Guias* e pelas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, as fotografias, as legendas e os textos que as acompanham assumem contornos de

convencimento, reforçando ideologias validadas pelos sujeitos autores. Considerando o discurso em seus aspectos linguísticos, por meio das notas e das legendas extralinguísticas e das fotografias, instaura-se a possibilidade interpretativa da operação discursiva. Portanto, o discurso é relacionado ao significado, dado em um determinado momento histórico. “Um discurso é, dessa forma, uma prática social significativa” (MENDONÇA, 2003, p. 140).

No campo político, a própria linguagem e as imagens já se constituem enquanto discurso em função de seu universo e de suas possibilidades de significação. O político se consolida como suporte de pensamentos a partir das relações de conflitos históricos e das ações concretas dos sujeitos que buscam uma estabilidade, se constituindo em um meio de argumentação em defesa do poder instaurado. Estruturalmente, Orlandi (1998) afirma que “a argumentação tem seu lugar na linguagem, inclusive a não verbal”, como é o caso das fotografias (ORLANDI, 1998, p. 73).

Necessário se faz compreender que o funcionamento da vida dos sujeitos, no cotidiano, está sempre em busca dessa estabilidade, principalmente, a partir das articulações na política e em como ela se dá de fato. As imbricações do político constroem redes de significação e articulações nos grupos de sujeitos em razão de vinculação a ideologias, que não são transparentes. Essas articulações do político corroboram com a percepção a respeito das “formas de organização social nas quais as desigualdades entre grupos sociais são profundas e com elevado impacto nas possibilidades de ação individual e coletiva” (MIGUEL, 2016, p. 7).

Nos discursos políticos, mesmo que de forma mais sutil, como se percebe na análise das fotografias nos *Guias*, verificamos características históricas que se inserem no imaginário urbano como forma de garantir, aos sujeitos que habitam a cidade, a sensação de proteção e eliminação de desigualdades. Esse imaginário visa a recrutar o espectador e leitor dos *Guias* a apoiar as administrações públicas. Com outro olhar, nas mídias jornalísticas, também dentro de um discurso político imbricado no discurso urbano, em uma relação de heterogeneidade constitutiva desse discurso, ganham visibilidade na forma de denúncia, ao veicular conflitos que ocorrem nos bairros da cidade, principalmente mais periféricos.

Ainda de acordo com Miguel (2016), o discurso político e as relações de poder dão a impressão de uma constituição hegemônica, o que faz com que se constitua as identidades, muitas vezes divergentes, nos limites da democracia no âmbito das lutas de classes. As lutas são travadas por meio de discursividades que se fazem visíveis nas atividades realizadas pelos grupos dos sujeitos na organização social. Com um olhar atento ao discurso político, é

possível verificar que ele sofre variações de acordo com as contingências de dependência de outros discursos linguísticos e extralinguísticos, que o sustenta.

É pela Análise de Discurso que se faz possível pensar a forma material e contraditória da língua nos processos discursivos de produção dos sentidos. A relação não transparente entre língua e ideologia (e, portanto, o político) requer procedimentos analíticos que abram caminho para se compreender o dizer dos sujeitos. O funcionamento da história e do político na língua é apresentado pelo atravessamento do eixo do interdiscurso no eixo do intradiscurso, que se manifesta no imaginário urbano. Segundo Pêcheux (2014a, p. 154), “o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como ‘tal do exterior’”.

Para uma análise mais específica do discurso político praticado nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, iniciamos nossas reflexões com os *slogans* que aparecem nos dois *Guias*, e identificamos, por meio das fotografias, as discursividades referentes aos temas “educação” e “investimentos”. Nossa análise incide, em um primeiro momento, sobre o tema “educação” e, em seguida, sobre o tema “investimentos”. O objetivo dessa parte de nossas análises é o de compreender o funcionamento do discurso político na construção do imaginário urbano.

Iniciando pelo *Guia* de 2015, conforme mostra a fotografia da Figura 29, há uma seção específica para tratar da discursividade “educação”. A seção se inicia com o título “educação”, seguido de uma fotografia da entrada principal da Universidade Federal de Uberlândia – UFU – campus Santa Mônica. O *Guia* traz uma legenda em três idiomas (português, inglês e espanhol) com a informação de que “Uberlândia é hoje um polo educacional de referência para todo o país”.

No recorte da fotografia, que apresenta uma imagem diurna, é possível visualizar uma faixa de avenida, devidamente sinalizada com faixas contínuas, o suporte de algo vertical que possivelmente seria de um poste de iluminação, um “orelhão” mais à direita, a estrutura de entrada ao campus, com um espaço para que os funcionários da universidade, responsáveis por acompanhar as entradas e as saídas ao campus, possam ficar e muitas árvores.

Na parte superior da fotografia, há um céu azul intenso, com algumas nuvens bem brancas. Em vários pontos, é possível ainda visualizar sombras, provocadas pelo sol, que se projetam da esquerda para a direita, o que se infere que a fotografia foi tirada no período da tarde, quando o sol já se encaminhava ao poente. A luz do dia presente na fotografia promove efeitos de sentidos relacionados à construção do futuro.

Figura 29 – Fotografia que apresenta a “educação” em Uberlândia no *Guia* de 2015



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, p. 45).

Abaixo da fotografia, o *Guia* de 2015 traz algumas informações na forma de um pequeno texto, dando conta de que, em Uberlândia, há mais de 320 escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio e que, segundo a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, o município possui em sua rede educacional, nas zonas urbana e rural, cerca de 60 mil alunos nos três níveis de escolaridade (Guia de 2015, p. 45).

O texto destaca que a educação municipal já rendeu prêmios para a cidade e que, em 2007 e 2008, a ONG Ação Fome Zero concedeu à Prefeitura de Uberlândia o prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar, reconhecendo a alimentação escolar municipal como uma das melhores do Brasil. Além disso, todos os anos, os alunos da rede municipal recebem gratuitamente uniforme, material escolar e mochila para o ano letivo (Guia de 2015, p. 45).

Quanto ao ensino superior, o texto ressalta que são mais de 50 mil alunos cursando graduação e pós-graduação no município, e que a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) é referência no ensino superior federal, com mais de 17 mil alunos em suas mais de 30 áreas de especialização. A estrutura acadêmica da Universidade está organizada em 28 Unidades Acadêmicas (Faculdades e Institutos) nas áreas de Ciências Biomédicas, de Ciências Exatas e de Ciências Humanas e Artes. O texto encerra afirmando que outras faculdades privadas completam o leque de oportunidades que Uberlândia oferece para cursos que formam profissionais e tornam a cidade um polo de inteligência (Guia de 2015, p. 45).

A seção “educação” do *Guia* de 2015 possui apenas uma página e uma fotografia. A única fotografia utilizada no *Guia* apresenta apenas a entrada de um campus de uma

instituição de ensino superior, não apresentando nenhum sujeito na área. Embora a discursividade “educação” seja constituída pela presença e interação de pessoas, não é possível visualizar nenhum sujeito na imagem fotografada. Além da ausência dos sujeitos, a fotografia não apresenta nenhum espaço destinado à formação acadêmica, seja salas de aulas seja laboratórios especializados. A biblioteca, considerada indispensável para o processo de ensino-aprendizagem, também não foi contemplada na fotografia. Além do “orelhão” utilizado como telefone público, bem visível na fotografia, não há indícios de uso de mais tecnologias na universidade.

Embora o texto mencione a existência de uma rede educacional ampla e diversificada no município de Uberlândia, não há fotografias que mostre nenhuma escola de educação infantil, ensino fundamental ou ensino médio. Sendo Uberlândia uma “cidade educadora” conforme consta no *slogan* do *Guia* de 2015, consideramos que a abordagem dessa discursividade não foi bem contemplada, nem pela fotografia, nem pelos textos.

Ainda com relação à educação, o *Guia* de 2015 disponibiliza, na seção de “atrações turísticas”, referências à educação. Entretanto, sem aprofundamento na discursividade e sem fotografias. Ao dar visibilidade ao Museu de Biodiversidade do Cerrado, o texto informa que o museu promove a educação ambiental e a pesquisa na área de conservação e preservação do bioma do cerrado. Além disso, possui acervo composto de animais taxidermizados (empalhados), coleções de insetos, herbário de plantas do cerrado, além de espaço para pesquisa – sala verde (*Guia* de 2015, p. 32).

Ao descrever o Complexo do Parque do Sabiá, o texto do *Guia* ressalta que o Centro de Educação Ambiental, que funciona dentro do Complexo, visa divulgar a importância da preservação do meio ambiente. Ainda, ao descrever as atrações disponíveis no Parque Siquierolli (outro parque urbano de preservação ambiental), o texto informa que se trata de uma unidade de conservação do meio ambiente que tem por objetivo trabalhar a educação e a consciência ambiental dos cidadãos. No entanto, em nenhum momento, o *Guia* informa que esses espaços turísticos são utilizados pelas escolas do município de Uberlândia para a realização de práticas educativas (*Guia* de 2015, p. 34).

No *Guia* de 2019 não há uma seção destinada à discursividade “educação”. Entretanto, ressalta que o município faz investimentos na educação, ocasião em que há inserção de fotografias. Logo abaixo da frase de chamada, “investimentos em educação para uma cidade melhor”, o *Guia* disponibiliza duas fotografias, uma em tamanho maior e outra em tamanho bem menor (*Guia* de 2019, p. 19).

A fotografia maior apresenta o que se deduz ser uma sala de aula para a educação infantil com algumas crianças uniformizadas em torno de uma professora. A fotografia menor apresenta algumas crianças sentadas à mesa de refeitório, tendo um prato de comida à frente.

Figura 30 – Fotografia que apresenta atividades educacionais no *Guia* de 2019



Fonte: *Guia* “Vem Viver, Inovar, Investir”. (2019, p. 19).

A Figura 30 é apresentada em tamanho maior no *Guia*, o que corresponde a aproximadamente de 11 x 7 cm, e traz a situação de uma sala de aula da educação infantil. Em uma mesa com vários materiais didáticos lúdicos e coloridos, há uma mulher, ao que se deduz se tratar de uma professora. À sua volta estão cinco crianças, sendo três meninos e duas meninas. Ao fundo da fotografia, é possível visualizar um cartaz na cor amarelo e laranja com a letra “M” e, ao lado, um painel branco, o que seria um quadro branco para anotações. As cores são fortes e intensas, com predominância da azul.

Percebemos que a fotografia foi preparada para esse fim, haja vista a disposição organizada da professora e das crianças. Das cinco crianças, duas são de pele negra e três são de pele branca. Das duas crianças de pele negra, uma é do sexo masculino e outra do sexo feminino, sendo que a menina possui tranças no cabelo que aparecem presas por fitas na cor

rosa. Das três crianças de pele branca, uma é do sexo feminino e duas do sexo masculino, sendo que um dos meninos apresenta cabelo ruivo.

É possível visualizar várias discursividades na fotografia da Figura 30. De início, a ênfase destinada pela Prefeitura Municipal ao uniforme, já que todas as crianças estão usando camiseta azul com a logomarca da Secretaria Municipal de Educação. Percebemos, quanto ao uniforme, que todas as crianças estão usando camisetas novas, com cores vivas, muito limpas e bem cuidadas. A “uniformização” carrega em seu bojo a ideologia de pertença a determinado grupo, pertença essa fechada, em que o uso do uniforme “coloca todos os alunos no mesmo patamar”, sem diferença de classe, cor, credo etc.

Outra discursividade apresentada pela fotografia da Figura 30 diz respeito à disponibilização de materiais didáticos em qualidade e quantidade suficiente para todos os alunos. Observamos que os inúmeros livros e jogos que estão sobre a mesa e que estão sendo utilizados pela professora e pelos alunos são modernos e lúdicos, rompendo com a ideia de se utilizar a tradicional cartilha no processo de alfabetização.

Ainda, e não menos importante, a fotografia apresenta uma sala de aula com quantidade muito reduzida de alunos. O recorte da fotografia não permite visualizar outras mesas escolares ou outras crianças, o que levamos a inferir que, nas salas de aulas da educação infantil do município de Uberlândia, haja um(a) professor(a) para cada grupo de 5 alunos.

Apesar da fotografia ressaltar essas várias discursividades, percebemos a ausência de uma que consideramos de extrema necessidade: a presença de crianças com deficiência na sala de aula do ensino regular. A política de inclusão social, propagada nos meios de comunicação em massa e em canais oficiais do Governo, não é vista nem na fotografia, nem nos textos dos *Guias* analisados.

Já a fotografia apresentada na Figura 31, a seguir, também inserida no *Guia* de 2019, ao lado da fotografia apresentada na Figura 30, em tamanho menor, equivalendo a aproximadamente 5 x 4 cm, retrata o que seria um momento de refeições, em uma escola de educação infantil, pertencente à rede municipal de ensino de Uberlândia.

Na fotografia da Figura 31 é possível visualizar, de forma nítida, apenas uma criança que aparece à frente do recorte. Trata-se de um menino, de pele clara, estampando um sorriso no rosto e segurando uma colher de alumínio na mão direita. A comida que compõe o prato aparenta ser feita de legumes, haja vista a pluralidade de cores no prato. As demais crianças que estão na fotografia, ou estão atrás do menino ou tiveram a nitidez ofuscada para ressaltar a visibilidade apenas da primeira criança. A mesa utilizada para as refeições também é muito

limpa e, embaixo de todos os pratos, há uma proteção de tecido em amarelo, ressaltando o conforto nos momentos de alimentação.

Figura 31 – Fotografia que apresenta um momento de refeição escolar no *Guia* de 2019



Fonte: *Guia* “Vem Viver, Inovar e Investir”. (2019, p. 19).

Os efeitos discursivos que conseguimos identificar ao direcionar o nosso olhar para a fotografia são que a Prefeitura enfatiza discursivamente a alimentação na rede municipal de ensino na gestão municipal de 2019 em três aspectos: de que a alimentação servida aos alunos é farta, de qualidade e nutritiva; que os alunos estão felizes e satisfeitos com a alimentação recebida, e; que os refeitórios são limpos, organizados e adequados para as práticas de alimentação nas escolas.

Logo acima da fotografia da Figura 31, há uma pequena legenda com o seguinte texto: “Uberlândia oferece ensino de qualidade para crianças e adolescentes da educação básica ao ensino médio, em escolas públicas e privadas, contando com 150 mil alunos. No setor privado, destaque para escolas com metodologia educação da Unesco e escolas de programação tecnológica e bilíngue”. No entanto, em ambas as fotografias apresentadas, não é possível verificar escolas da rede privada e nem laboratórios para se trabalhar programação

tecnológica e bilíngue. Também não há, no texto, referência às escolas que funcionam na zona rural (Guia de 2019, p. 19).

O *Guia* de 2019 faz, ainda, outras referências sutis à educação ministrada no município de Uberlândia. Na página 5, na seção “Bem-vindo”, logo abaixo de onde se apresenta uma fotografia aérea da cidade de Uberlândia, com grande concentração de prédios ao centro (e nenhuma instituição de ensino visível), há uma legenda com a chamada: “Bem-vindo e prepare-se para descobrir porque Uberlândia está de portas abertas para o mundo”. Em seguida, um pequeno texto informa que quem escolhe uma cidade para morar procura por qualidade de vida, boa localização, segurança, instituições de ensino reconhecidas e uma cidade para se sentir bem. Não há, na seção, nenhuma fotografia de instituição de ensino ou informações textuais de quais sejam essas instituições de ensino (Guia de 2019, p. 5).

O texto da legenda que vem junto com a fotografia da Figura 31 ressalta que quem quer inovar procura uma cidade moderna, aberta a projetos disruptivos, com o suporte de uma sólida estrutura tecnológica. Que quem quer investir, busca infraestrutura logística e tecnológica, boas práticas de governança, diversidade de negócios, profissionais qualificados e altos índices de desenvolvimento. A legenda finaliza com a informação de que Uberlândia reúne todos os requisitos e as potencialidades para quem quer viver, inovar e investir, mas não para buscar uma educação de qualidade (Guia de 2019, p. 5).

Em sentido contrário ao apresentado em ambos os *Guias*, conforme se observa na Figura 32, o portal eletrônico da TV Vitoriosa publicou, em 15 de setembro de 2017, na seção “Redação V9”, uma matéria intitulada “Educação – vários problemas são enfrentados nas escolas municipais de Uberlândia”. Logo após a chamada da notícia, foi publicada uma fotografia que apresenta um espaço, que seria uma quadra de esportes, de uma escola, com várias crianças e adolescentes.

Na fotografia, apresentada na Figura 32, é possível visualizar, além da quadra de esportes, uma construção ao fundo, aparentando ser antiga, com uma varanda extremamente baixa e telhado com telhas envelhecidas. A quadra apresentada é de pequeno porte, coberta e há pessoas utilizando-a para prática de atividades esportivas. A fachada do prédio, pintada na cor branca, apresenta avarias, o que permite presumir que a pintura é antiga.

Na fotografia, sem a nitidez das crianças e dos adolescentes fotografados, é possível perceber que se trata de um público composto por jovens. Desses, apenas uma jovem está utilizando o uniforme da rede municipal de Uberlândia. Pelo recorte da fotografia, percebemos que a imagem foi feita em período diurno. É possível identificar, ainda, parte da

copa de uma árvore e gramado ao chão, danificado, possivelmente por seu um local utilizado pelos(as) alunos(as) da escola para momentos de lazer.

Figura 32 – Fotografia que mostra problemas nas escolas públicas municipais de Uberlândia



Fonte: Portal V9 TV Vitoriosa. (2017).

Logo abaixo da fotografia, o portal eletrônico de notícias apresentou um texto, assinado por Kátia Medeiros, com as informações de que, desde o começo do ano, vários problemas enfrentados pela população são denunciados pela TV Vitoriosa e que, na área da educação, o cenário não é diferente. Nessa área, a principal reclamação é quanto as escolas públicas municipais (Portal V9, 2017). A matéria segue informando que, em apenas uma escola, a equipe de reportagem encontrou várias situações preocupantes, como problemas na caixa de gorduras, infestação de pombos, estruturas caindo, pagamentos de funcionários atrasados, falta de vagas para alunos de bairros mais periféricos, como o Residencial Pequis e o Monte Hebron, e kits escolares que demoraram a chegar. Nesse rol de reclamações, segundo a notícia, estão apenas das reclamações feitas logo no início do ano letivo (Portal V9, 2017).

A notícia informa, ainda, que houve também registros de escolas sem professores, de alunos sem aulas e de crianças que precisam acordar de madrugada para não chegarem atrasados na escola, já que só conseguiram vagas em escolas muito distantes de suas

residências. Em resposta à notícia, mesmo em meio a tantos problemas, o prefeito garantiu que a missão do município é oferecer educação para todos (Portal V9, 2017).

Na imagem do prédio onde se situam, possivelmente, as salas de aulas, transparece a impressão de não oferecer conforto para os alunos, além de o espaço não ser bem cuidado. Os problemas em caixas de gorduras, infestação de pombos, estruturas caindo e pagamentos de funcionários atrasados demonstram uma grande negligência por parte do Poder Público em se fazer os aportes financeiros adequados, além de não considerar a logística necessária para que os alunos possam estudar próximo às suas casas.

A fotografia da Figura 32 dá visibilidade a um sistema educacional diferente do apresentado nos *Guias*. A análise da discursividade “educação” permitiu identificar que os *Guias* dão visibilidade ao fato de que o município dispõe de uma rede educacional completa e de qualidade, desde a educação infantil até a educação superior. Já na análise da dessa discursividade em mídias jornalísticas, percebemos denúncias de sucateamento e deficiências em escolas pertencentes à rede. Por se tratar de suportes distintos, entendemos que em ambos é possível identificar o político em funcionamento por meio da seleção e da definição do que ganha visibilidade.

Outro aspecto analisado diz respeito ao município de Uberlândia possuir potencial para se realizar investimentos, ideia difundida em ambos os *Guias*. Sobre esse aspecto, analisamos primeiro o que é dado a ver no *Guia* de 2015 e, em seguida, o que ganha visibilidade no *Guia* de 2019.

Ao se analisar o *Guia* de 2015, elaborado enquanto a cidade era administrada por um partido de esquerda, percebemos a preocupação em destacar que o município possui potencial turístico e em divulgar o que há de melhor, considerando o fato de ele receber o subtítulo de “*Guia* Turístico”. Nesse *Guia*, o município é apresentado como sendo um local propício para se visitar, dando-lhe o título de “cidade acolhedora”, que “conta com uma moderna rede hoteleira, eficiência em serviços, gastronomia de alto nível, variedade de opções de compras, lazer e entretenimento, estrutura completa de saúde e natureza exuberante” (*Guia* de 2015, p. 2).

Dando visibilidade ao que a cidade tem de melhor e fazendo um convite para que se aproveite tudo o que a cidade tem para oferecer, o objetivo do *Guia* não é ressaltar os valores para os sujeitos que habitam a cidade, mas sim atrair turistas para visitá-la e fazer investimentos. O Poder Público Municipal, ao elaborar o *Guia* de 2015, elegeu as discursividades que podem atrair turistas e as inseriu no documento. Na seleção, sobressaem a

cultura, o lazer, opção de compras, serviços diversificados, eventos de várias naturezas e gastronomia avançada (Guia de 2015, p. 2).

Especificamente quanto a “investimentos”, a palavra aparece apenas duas vezes no *Guia* de 2015, a primeira ocorrência está na página 8, na seção de apresentação da cidade. Logo abaixo de uma fotografia noturna, com um recorte aéreo parcial da cidade, conforme apresenta a Figura 33, o *Guia* traz um resumo do que Uberlândia tem a oferecer ao turista. Dentre as opções oferecidas, está a possibilidade de investimentos (Guia de 2015, p. 8).

A fotografia utilizada para apresentar a cidade é noturna e mostra um recorte com concentração de prédios bem iluminados e com ruas também bem iluminadas em tom amarelo, trazendo a sensação de prosperidade. Embora a fotografia não apresente nenhum sujeito, transmite a ideia de ser uma cidade calma, calorosa e acolhedora. Como não é possível visualizar automóveis ou pessoas circulando na cidade, temos a sensação de ser uma cidade sem problemas de violência. O céu em azul escuro, ao fundo, completa o cenário de se fazer “tempo bom”, sem chuvas.

Logo após a fotografia apresentada na Figura 33, o *Guia* traz um longo texto de apresentação da cidade, informando que Uberlândia é um exemplo, um sinônimo de modernidade, desenvolvimento e organização, aliado ao que há de mais expressivo nas tradições mineiras de hospitalidade, história, cultura e arte, em uma mescla de passado, presente e futuro. Ressalta que a cidade é destaque no cenário nacional de negócios e turismo, e possui localização privilegiada, além de oferecer infraestrutura de recepção, hospedagem, alimentação, comunicação e apoio logístico para eventos, congressos, seminários e feiras, atendendo, até mesmo, os mais altos padrões de eventos. Além disso, em toda a cidade existem dezenas de restaurantes, bares, casas de shows e entretenimento para satisfazer todos os gostos e estilos, o que faz de Uberlândia uma excelente opção para realização de eventos. (Guia de 2015, p. 8).

O texto segue ressaltando que o turismo é hoje o setor econômico que mais cresce na cidade, em média 10% ao ano, ao passo que os demais setores crescem na média de 5,42%, segundo dados do Ministério do Trabalho. Ainda, é o mercado de trabalho que mais cresce na cidade, 8% ao ano, enquanto os demais mercados vêm crescendo em média 5,60%. A cadeia produtiva do turismo em Uberlândia congrega mais de 2.100 empresas e emprega mais de 11 mil pessoas, um mercado pujante, em pleno desenvolvimento (Guia de 2015, p. 8).

O texto finaliza enfatizando que, ao atrair e promover congressos, feiras e eventos, quer sejam regionais, quer sejam nacionais, quer sejam internacionais, espera-se propiciar para Uberlândia e região mais desenvolvimento e qualidade de vida à população. Assim,

conhecer Uberlândia e fazer uma visita à cidade significa descobrir ainda mais motivos para escolhê-la como destino para eventos e investimentos (Guia de 2015, p. 8).

Figura 33 – Fotografia com apresentação da cidade de Uberlândia



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, p. 8).

O *Guia* de 2019 traz a discursividade de “investimento” já em seu nome, ressaltando ser Uberlândia um lugar propício para se viver, inovar e investir. Em praticamente todas as seções, há a presença de discursos visuais, por meio das fotografias, e de textos, que se propõem a ressaltar o que está nas fotografias, embora, para a Análise de Discurso, a própria legenda junto à fotografia já significa, ressaltando os imbricamentos produzidos pelas imagens das fotografias.

Na página 30, na seção “Ambiente de Inovação”, o *Guia* de 2019 traz uma chamada de que Uberlândia é uma cidade internacional, utilizando, para tanto, de uma fotografia aérea e noturna, em um recorte que mostra parte da cidade, totalmente iluminada, conforme se observa na Figura 34. O céu apresentado possui nuvens escuras e reflexos avermelhados, o que pressupõe ter sido tirada em período de outono. Novamente, como ocorre na fotografia da Figura 33, a fotografia da Figura 34 mostra, de forma mais delineada, algumas ruas da cidade, entretanto, sem a presença de pessoas ou de veículos. Não é possível visualizar nenhum movimento na cidade.

Figura 34 – Fotografia que apresenta Uberlândia como cidade internacional no *Guia* de 2019



Fonte: *Guia* “Vem Viver, Inovar e Investir”. (2019, p. 36).

O texto, inserido na forma de legenda, do lado esquerdo da fotografia, informa que, em parceria com o Sebrae¹⁴ e outras entidades, o Programa de Internacionalização de Uberlândia conecta a cidade com o mundo por meio de projetos acadêmicos, abertura de mercados e acordos de cooperação. Além disso, capacita o comércio local, melhora a qualidade e a competitividade e ajuda empresas a adequar seus produtos aos mercados internacionais (Guia de 2019, p. 36).

Para reforçar a discursividade da internacionalização, a legenda complementa que Uberlândia é uma cidade inovadora por ser sede de *startups* e projetos sustentáveis; que é uma cidade de oportunidades, por possuir capital intelectual e geração de empregos; que é cidade de direitos, por oferecer qualidade de vida, acessibilidade, educação e saúde; que possui

¹⁴ “O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país” Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 12. jul. 2021.

governança eficaz, pois promove bem-estar e inclusão das pessoas; que possui diversidade cultural, pois recebe pessoas de diversas regiões do Brasil e do mundo; que é sede de eventos de inovação, sediando inúmeros eventos nacionais e internacionais; e que possui instituições de reputação internacional, como a UFU (Guia de 2019, p. 36).

Uma observação importante diz respeito à predominância, no *Guia* de 2019, de muitas fotografias noturnas, com grande visibilidade à iluminação. Para nós, sobressaem efeitos de sentidos de ser a cidade de Uberlândia uma cidade impulsionada pela energia, seja a energia elétrica que ilumina a cidade, seja pela energia dos sujeitos que a habitam. E mais, que se trata de uma cidade em constante evolução e crescimento, atraindo novos mercados investidores.

Para finalizar as análises sobre o funcionamento do político nos *Guias* do município de Uberlândia, selecionamos duas fotografias, uma do *Guia* de 2015 e outra do *Guia* de 2019, ambas encerrando os respectivos documentos. É o que apresenta as Figuras 35 e 36, dispostas a seguir.

Figura 35 – Fotografia que apresenta a capa externa do *Guia* de 2015



Fonte: *Guia* de Uberlândia. (2015, capa externa).

A fotografia da Figura 35 integra a capa externa do *Guia* de 2015 e apresenta um recorte aéreo da cidade, tirada durante o dia. Com prédios altos e que ressalta uma arquitetura contemporânea ao centro, traz, em destaque, uma legenda, com a logomarca da prefeitura, onde se lê: “Prefeitura de Uberlândia – Você pode contar com a gente”. Entendemos que, como o objetivo do *Guia* de 2015 é alavancar o turismo na cidade, sobrepõe o efeito de sentido de ser Uberlândia uma cidade acolhedora, e que quem a visita, é acolhido e cuidado.

A utilização de uma fotografia diurna para encerramento do *Guia* de 2015 provoca efeitos de sentido de que a cidade está “acordada” e preparada para receber o visitante e dele cuidar bem. A grande concentração de prédios verticalizados, tendo um em construção à frente da fotografia, ressalta a ideia de que o crescimento da cidade ocorre em sintonia com as demandas de crescimento, necessárias para acolher bem o visitante.

Figura 36 – Fotografia de encerramento do *Guia* de 2019



Fonte: *Guia* “Vem viver, inovar, investir”. (2019, p. 62).

Já a fotografia da Figura 36, utilizada para encerramento do *Guia* de 2019, é noturna e apresenta o recorte de um início de anoitecer, ainda no crepúsculo, com alguns pontos de luz do dia, embora já seja possível visualizar as luzes da cidade acesas. O céu, em um tom azul escuro, apresenta apenas algumas nuvens do lado superior esquerdo da fotografia. É possível visualizar três veículos na parte central inferior e, no canto superior direito, há a inserção da foto de uma mulher, com os braços abertos, junto à logomarca da Prefeitura Municipal.

A cor azul, presente com muita intensidade durante todo o *Guia* de 2019, seja nas fotografias seja nas inserções gráficas, é a cor da bandeira do Município de Uberlândia e direciona-nos à sensação de tranquilidade, serenidade, harmonia e a uma discursividade empresarial. Como se observa na fotografia, das três letras que compõem a palavra “VEM”, todas foram grafadas em diferentes tons de azul. Acreditamos que a cor azul utilizada com predominância no Guia de 2019 também provoque efeitos de sentido de prosperidade e investimentos, ou seja, que a cidade está em constante construção e crescimento.

Por fim, ressaltamos os efeitos de sentidos produzidos pelos textos inseridos na fotografia de encerramento do *Guia* de 2019: “Vem: Uberlândia tem todos os atributos para você viver, inovar e investir e nossas portas estão abertas”. Todos os atributos ressaltados no *Guia*, produzido em uma gestão de partido de direita, seja pelos discursos apresentados pelas fotografias seja pelos textos, ressaltam as discursividades sobre qualidade de vida, inovação e investimento, com forte apelo ao mercado capitalista, fato que coloca Uberlândia como uma “cidade perfeita para se viver, inovar e investir!”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, nossas pesquisas e análises foram direcionadas para materialidades imagéticas e fotografias que compõem dois suportes distintos – o *Guia* e a mídia jornalística –, para que pudéssemos responder à nossa pergunta de pesquisa, qual seja, “como a língua e a fotografia se articulam entre si no *corpus* selecionado para a produção de sentidos, e como, nessa combinação, funcionam no discurso urbano da cidade de Uberlândia”. Consideramos termos consigo visualizar e identificar o funcionamento dos discursos que representam o município de Uberlândia.

Para responder nossa pergunta de pesquisa, buscamos identificar a heterogeneidade discursiva em *Guias* e mídias de jornalística do município de Uberlândia. Para isso, empreendemos nossas análises, à luz da Análise de Discurso iniciada por Michel Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), considerando a língua, a fotografia e a produção discursiva do espaço urbano. Nossas pesquisas e análises buscaram compreender como a língua e a fotografia se articulam no processo de significação; quais discursos se fazem presentes nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia; como os discursos estão articulados e em funcionamento no processo de significação instaurado e qual imaginário urbano essa heterogeneidade discursiva (re)produz.

Em nossas análises, constatamos, conforme destaca Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), o discurso em funcionamento nas materialidades analisadas e as imbricações advindas das relações entre ideologia e língua, se entrecruzando na materialização do discurso, dando-lhe existência e possibilitando-lhe atuar na produção do sujeito e do sentido. Os dois suportes analisados, compostos por diferentes suportes discursivos, nos permitiram compreender, como cada um deles, a seu modo, dá visibilidade (ou não) às discursividades arraigadas no imaginário urbano.

Buscamos a identificação das heterogeneidades discursivas no imaginário da cidade, compreendendo o sujeito, a ideologia e a língua articulados em um mesmo processo, pois o discurso é o lugar onde se pode observar o efeito da ideologia na língua, já que as palavras, expressões e proposições não possuem um sentido em si, mas recebem seus sentidos das formações discursivas com as quais o sujeito se identifica. Nesse sentido, as fotografias analisadas e os textos que as acompanham despertam ao olhar do analista de discurso possibilidades de interpretação e construção de sentidos.

Destacamos que, embora os conceitos iniciados por Michel Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c), quanto à interpretação e ao processo de significação para o sujeito, conforme sua história e ideologia, consideramos possível promover um deslocamento desses conceitos para o campo da fotografia e, assim, compreender como língua e fotografia se articulam no processo de significação. Considerando sua materialidade, a fotografia significa nas relações que constitui o sujeito em suas práticas de linguagem, e, em cada recorte analisado, os sentidos se deslizavam para rumos distintos. Afinal, o sentido não é dado na fotografia, mas produzido pelo funcionamento das formações discursivas e ideológicas, que não são homogêneas, mas, conformadas pela contradição, são mobilizadas no gesto interpretativo do sujeito. Constatamos que, nessas relações que constituem o sentido e o sujeito nas práticas de linguagem, por meio do material que analisamos, a fotografia significa, em conjunto com os textos que as acompanham, dando formas visíveis às discursividades pretendidas pelo suporte em que a fotografia é veiculada.

Quanto à identificação dos discursos que ganharam visibilidade nos *Guias* e nas mídias jornalísticas e de notícias do município de Uberlândia, foi possível verificar que em ambos os *Guias*, estão em funcionamento os discursos do urbanismo, do turismo, da inovação, do empreendedorismo, etc, ao passo que nas mídias de notícias e informações do município, foi possível identificar posicionamentos diferentes dos *Guias*, com visibilidade para denúncias de situações e fatos que acontecem na cidade, cujas discursividades não envolvendo as discursividades que obtiveram visibilidade nos *Guias*.

Evidenciou-se que os *Guias* resultam em uma forma de o poder público municipal dar visibilidade a discursividades consideradas atrativas do ponto de vista comercial, o que fez com que as fotografias que compõem os *Guias* fossem pensadas, produzidas e trabalhadas esteticamente para que significassem comercialmente. Verificamos uma preocupação, em ambos os *Guias*, com a estética da fotografia, que como destaca Soulages (2010), transforma as fotografias em obras de arte. No caso dos *Guias* analisados, em especial o *Guia* de 2019, as fotografias possuem enquadramento, nitidez e cores, possivelmente com retoques de aplicativos de edição de imagens, o que as insere não em uma categoria de obras de arte, mas em fotografias publicitárias, pois não explodem em várias direções de sentido, isto é, não são polissêmicas, o que as marcariam com artísticas, o que talvez tenha corroborado com o objetivo comercial, para o qual o *Guia* foi proposto.

No que tange à forma como os discursos estão articulados no processo de significação instaurado nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, percebemos que as discursividades sobre o município, não contempladas nas *Guias*, ganharam visibilidade em

mídias jornalísticas, que refletem a ideologia dos sujeitos autores. Seja na forma de denúncia seja na forma de informação, foi possível identificar o funcionamento de várias formações discursivas em todas as materialidades analisadas.

Nossas análises constataram o que Pêcheux (2014a, 2014b, 2014c) ressalta quanto ao conceito de formação discursiva, tomando-a sob a perspectiva do materialismo histórico, trabalhando por meio de contradições, como aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. As contradições verificadas ou discursividades que não ganharam visibilidade em um suporte, aparecem no outro suporte como forma de se inserir, no imaginário urbano, diferentes formações discursivas sobre o mesmo espaço urbano. Percebemos, assim, as formações ideológicas interpelando os indivíduos em sujeitos, por meio do interdiscurso, e buscando meios de dar visibilidade às diversas discursividades analisadas.

Com relação a que imaginário urbano a heterogeneidade discursiva dos *Guias* produz (ou reproduz), constatamos o funcionamento do político enquanto posicionamento ideológico ganhando visibilidade e reproduzindo os discursos produzidos. Percebemos que, de acordo com o imaginário social, existe uma posição-sujeito capaz de eleger as discursividades que compõem o imaginário urbano.

Concordamos, portanto, com o posicionamento de Hashiguti (2012), ao dizer que

discursivamente, a foto é uma unidade óptica à espera de interpretação. Não é algo que fala por si mesmo, no sentido de conter um conteúdo a ser resgatado, mas uma materialidade simbólica cujas especificidades demandam o gesto de interpretação ao nível do opticamente acessível e do historicamente possível, isto é, uma foto é uma materialidade produzida, disponibilizada e interpretada a partir de determinadas condições de produção e na relação com a história (HASHIGUTI, 2012, p. 101).

Assim, entendemos que as análises por nós realizadas das fotografias inseridas nos *Guias* e nas mídias jornalísticas do município de Uberlândia, só nos fizeram sentido a partir da inserção do nosso gesto de interpretação, considerando o opticamente acessível e o historicamente possível.

Por fim, ao concluir nossa dissertação, consideramos ter conseguido compreender como a língua e a fotografia estão em funcionamento no processo de significação e de construção do imaginário urbano do município de Uberlândia. Acreditamos que, por meio do nosso olhar enquanto analista de discurso, conseguimos identificar os processos de constituição da linguagem e da ideologia, considerando, desde a constituição dos sentidos à sua formulação, a

intervenção da ideologia e dos efeitos imaginários. As fotografias e os textos nos propiciaram desenvolver um novo olhar, que não busca significados prontos, mas nos permite construir os significados de acordo com o nosso olhar sobre as materialidades.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

AUN – Agência Universitária de Notícias da Universidade de São Paulo. Seção Sociedade. A expressão cultural das periferias brasileiras. 14 de setembro de 2018. Disponível em: <http://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/09/14/a-expressao-cultural-das-periferias-brasileiras/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2018.

BRUST, V. T. B.; PETRI, V. O que quer, o que pode um discurso? O que quer, o que pode esta foto? In: **RUA** [online], n. 19, v. 1, 2013. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> Acesso em: 20 fev. 2021. <https://doi.org/10.20396/rua.v19i1.8638232>

CASTANHEIRA, F. Moradia e transporte são desafios de Uberlândia, 2ª maior cidade de MG. In: **Jornal O Tempo**. Eleições 2016. 20 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/hotsites/elei%C3%A7%C3%B5es-2016/desafios/moradia-e-transporte-sao-desafios-de-uberlandia-2-maior-cidade-de-mg-1.1340384>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CULT Meio e Mídia. Uberlândia Convention & Visitors Bureau. **Guia Uberlândia**. Dez. 2015/2016. Publicação Bianual e oficial do Uberlândia Convention & Visitors Bureau.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. Moradores denunciam descarte de esgoto no Córrego Lagoinha e Rio Uberabinha. 6 de setembro de 2020. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/26363/moradores-denunciam-descarte-de-esgotono-corrego-lagoinha-e-riouberabinha>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. Terreno no Santa Mônica está se transformando em lixão a céu aberto; moradores protestam. 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/3360/terreno-no-santa-monica-esta-se-transformando-em-lixao-a-ceu-aberto-morador-es-protestam>. Acesso em: 4 set. 2020.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. Operação da PM fecha baile funk na zona sul. Uberlândia e Região. 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/12521/operacao-da-pm-fecha-baile-funk-na-zona-sul>. Acesso em: 11 jul. 2020.

G1 – Portal de Notícias da Globo. 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet; veja números que mostram dificuldades no ensino à distância. Nacional. 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml>. Acesso em: 5 jan. 2021.

G1 – Portal de Notícias da Globo. Mercado Municipal de Uberlândia abre licitação para ocupar os 27 boxes do local. Triângulo Mineiro. 29 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/05/29/mercado-municipal-de-uberlandia-abre-licitacao-par-a-ocupar-os-27-boxes-do-local.ghtml>. Acesso em: 5 dez. 2020.

G1 – Portal de Notícias da Globo. Queda de internet e telefonia compromete serviços em MG e GO. Triângulo Mineiro. 27 de maio de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/05/queda-de-internet-e-telefonia-compromete-servicos-em-mg-e-go.html>. Acesso em: 5 jan. 2021.

G1 – Portal de Notícias da Globo. Grupo se mobiliza e cria cavaletes pedindo praça e lazer em Uberlândia. Triângulo Mineiro. 27 de novembro de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/11/grupo-se-mobiliza-e-cria-cavaletes-pedindo-praca-e-lazer-em-uberlandia.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. *In*: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª edição. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

HASHIGUTI, S. T. A performatividade da fotografia. *In*: FARIA, J. P.; SANTANA, J. C.; NOGUEIRA, L. (Org.). **Linguagem, Arte e o Político**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

HASHIGUTI, S. T. **Corpo de memória**. Campinas, SP: Paco Editorial, 2015.

HASHIGUTI, S. T. Um corpo na fotografia de jornal. *In*: **Revista REDISCO**. v. 1, n. 1, 2012. p. 98-103. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2685>. Acesso em: 5 jan. 2021.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

HONÓRIO, C.-M. A. A construção discursiva do espaço brasileiro em Viagem ao Brasil: inclusões e apagamentos. *In*: **RUA**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 81–90, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640777>. Acesso em: 16 fev. 2021. <https://doi.org/10.20396/rua.v11i1.8640777>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Uberlândia. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>. Acesso em: 3 set. 2019.

Jornal de Fato, Opinião, 4 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/04/artigo-or-em-uberlandia-mg-o-estatuto-da-cidade-e-letra-morta>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Jornal O Tempo. Eleições 2016. 20 de julho de 2016. Disponível em <https://www.otempo.com.br/hotsites/elei%C3%A7%C3%B5es-2016/desafios/moradia-e-transporte-sao-desafios-de-uberlandia-2-maior-cidade-de-mg-1.1340384>. Acesso em 11 jul.2020.

LAGAZZI, S. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. *In*: **Linguagem em (Dis)curso**, v.11, n. 3, 2011. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/818. Acesso em: 29 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322011000300003>

LAGAZZI, S. Pelas mãos de Carme: a luta do corpo na arte de viver. *In: RALED*, v. 20, n. 1, 2020. p. 136-148. Disponível em: <http://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/417/318>. Acesso em: 29 set. 2020.

LAGAZZI, S. Texto e autoria. *In: LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

LORD, L. J. D. Análise do discurso político: um estudo sobre o Supremo Tribunal Federal. *In: Revista Letras*, v. 28, n. 56, jan./jun. 2018, p. 283-302. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/31357>. Acesso em: 29 set. 2020. <https://doi.org/10.5902/2176148531357>

MARICATO, E. Em Uberlândia (MG) o Estatuto da Cidade é letra morta. *In: Jornal Brasil de Fato - Uma visão popular do Brasil e do Mundo*. Opinião. 4 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/04/artigo-or-em-uberlandia-mg-o-estatuto-da-cidade-e-letra-morta>. Acesso em: 11 jul. 2020.

MIGUEL, L. F. (Org.). **Desigualdades e Democracia: o debate da teoria política**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. Os sentidos de uma estátua: espaço, individualização, acontecimento e memória. *In: Entremeios: revista de estudos do discurso*. v. 1, n. 1, jul/2010. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ORLANDI, E. P. **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

ORLANDI, E. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, E. P. Discurso e Argumentação: um observatório do político. *In: Fórum Linguístico*. Florianópolis, n. 1, jul.-dez. 1998, p. 73-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>. Acesso em: 1 mai. 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 9. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: **Revista Rua**, Campinas, 1:35-47, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>. Acesso em: 1 nov. 2021. <https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638914>

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico** – para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.) **Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PATOS NOTÍCIAS. Jovem é morto a tiros no Bairro Taiaman em Uberlândia. Página Policial. 2 de outubro de 2019. Disponível em: <https://patosnoticias.com.br/jovem-e-morto-a-tiros-no-bairro-taiaman-em-uberlandia/>. Acesso em: 4 set. 2020.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 29 set. 2020.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, C.; SANGENTINI, V. (Org.) **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2015.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PINTO, C. R. J. Elementos para uma análise do discurso político. In: **Revista Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 24, 2006. p. 78-109. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821>. Acesso em: 5 jan. 2021.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Vem viver, inovar, investir. 2019.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA SOBRINHO, J. S. Espaço de enunciação brasileiro no imaginário do Museu da Língua Portuguesa. *In: Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 36, jul-dez 2015. p. 195-220. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao36/artigo8.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

SILVA, F. P.; SARGENTINI, V. M. O. Análise de discurso político e a política da Análise do Discurso: o estranho espelho da Análise do Discurso. *In: Anais do I SEAD*. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/1SEAD/Paineis/VaniceMariaOliveiraSargentini.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

SOBRINHO, H. F. S. AAD-69: uma referência incontornável. *In: Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 44, p. 340–352, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657820>. Acesso em: 29 set. 2021. <https://doi.org/10.20396/lil.v44i0.8657820>

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, F. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

SOUZA, T. C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *In: Rua*, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 65–94, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640721>. Acesso em: 29 set. 2020. <https://doi.org/10.20396/rua.v7i1.8640721>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Notícias. Tese conta como a população negra contribuiu para construção da história de Uberlândia. 1 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/04/tese-counta-como-populacao-negra-contribuiu-para-construcao-da-historia-de-uberlandia>. Acesso em: 11 jul. 2020.

V9 – Portal de Notícias da TV Vitoriosa, afiliada ao SBT. Andarilho é espancado próximo a rodoviária de Uberlândia. Notícias. 3 de abril de 2018. Disponível em: <http://uipi.com.br/destaques/destaquesvideos/2013/04/03/andarilho-e-espancado-proximo-a-rodoviaria-de-uberlandia/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

V9 – Portal de Notícias da TV Vitoriosa, afiliada ao SBT. Educação – vários problemas são enfrentados nas escolas municipais de Uberlândia. Redação V9. 15 de setembro de 2017. Disponível em: <https://v9vitoriosa.com.br/politica/educacao-varios-problemas-saofrentados-nas-escolas-municipais-de-uberlandia/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

V9 – Portal de Notícias da TV Vitoriosa, afiliada ao SBT. Pessoas formam longas filas desde as 6 da manhã em busca de emprego na unidade do Sine em Uberlândia. Geral. 19 de março de 2018. Disponível em: <http://v9vitoriosa.com.br/geral/pessoas-formam-longas-filas-desde-as-6-da-manha-em-busca-de-emprego-na-unidade-do-sine-em-uberlandia/>. Acesso em: 5 set. 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. O sentido público no espaço urbano: projeto de pesquisa do Laboratório de Estudos Urbanos. *Rua*, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 145–148, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640638>. Acesso em: 29 set. 2020.